

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

RECONTANDO HISTÓRIAS: A LEITURA E A VISÃO DE MUNDO
DO PRÉ-ESCOLAR

DANIELA DONATO

SÃO CARLOS
2005

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**RECONTANDO HISTÓRIAS: A LEITURA E A VISÃO DE MUNDO
DO PRÉ-ESCOLAR**

DANIELA DONATO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação, área de concentração: Metodologia de Ensino.

Orientador: Prof. Dr. Ademar da Silva

SÃO CARLOS

2005

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

D677rh

Donato, Daniela.

Recontando histórias: a leitura e a visão de mundo do pré-escolar / Daniela Donato. -- São Carlos : UFSCar, 2005. 132p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2005.

1. Arte de contar histórias. 2. Visão de mundo. 3. Produção de sentido. 4. Leitores - formação. I. Título.

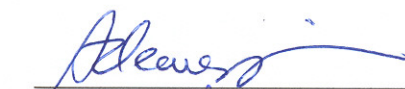
CDD: 372.642 (20ª)

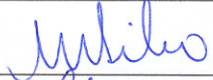
BANCA EXAMINADORA

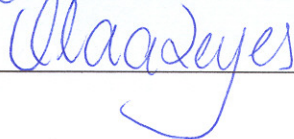
Prof Dr Ademar da Silva

Profª Drª Marilda da Silva

Profª Drª Claudia Raimundo Reyes







“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, sou como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Mesmo que eu tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; mesmo que tivesse toda fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver amor, não sou nada. Ainda que distribuísse todos os meus bens em sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, de nada valeria!” (I Cor 13, 1-3).

Para todas as crianças cujas histórias deram vida a este trabalho

Agradecimentos

Aos meus pais, Antonio e Neusa, verdadeiros contadores de histórias e promotores da minha própria história.

Ao Prof. Dr. Ademar da Silva pelas orientações de professor e a paciência de um amigo.

A todos os professores que me conduziram à conquista de novos conhecimentos.

Às professoras e funcionárias das EMEIs pela disponibilidade e compreensão.

À todas as pessoas que, de um modo especial, contribuíram para a realização deste trabalho.

À CAPES pela ajuda financeira.

À Deus que conhece o meu coração.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1-O PAPEL DAS HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DAS CRIANÇAS.....	8
1.1-Histórias infantis: fascínio e funções.....	8
1.2-Histórias infantis: visão de mundo e formação de leitores.....	13
1.3-Histórias infantis: contar e recontar.....	17
2-A LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR.....	21
3-FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	28
3.1-Subsídios da teoria histórico-cultural.....	28
3.1.1-Desenvolvimento e aprendizagem.....	30
3.1.2-Pensamento e linguagem.....	34
3.2-Subsídios da lingüística do texto.....	37
4-PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....	40
4.1-Percurso inicial.....	40
4.2-Contextualização das escolas.....	43
4.2.1-A proposta pedagógica e a atividade do conto-reconto.....	44
4.2.2-Perfil das escolas.....	46
4.2.2.1-EMEI verde.....	46
4.2.2.2-EMEI azul.....	48
4.3-Coleta de dados.....	49
5-APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	54
5.1-Análise introdutória.....	54
5.2-Tipologia.....	59
5.3- Análise final.....	60

5.3.1-Marcas da oralidade.....	61
5.3.2-Maneiras de contar.....	65
5.3.3-Retomada de elementos do cotidiano.....	69
5.3.4-Inserção de novos elementos.....	72
5.4-Observações e reflexões.....	74
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	85
8- ANEXO.....	89

Resumo

No presente trabalho analisamos as pistas de visão de mundo fornecidas pelas crianças ao recontarem histórias. A partir da perspectiva histórico-cultural e da lingüística do texto foram analisados 58 recontos produzidos nas aulas de contação de histórias de duas EMEIs de Matão-SP. Desse modo, detectamos quatro tipos comuns de ocorrência (marcas da oralidade, maneiras de contar, retomada de elementos do cotidiano e inserção de novos elementos) que, desmembrados, perfizeram um total de 22 subcategorias de análise. Os dados, vistos como singulares, nos revelam que a visão de mundo está presente em todo o processo de contação de histórias, principalmente quando a criança insere elementos de seu cotidiano na história narrada, cujo objetivo é sempre a produção de efeito de sentido. Acreditamos que o conhecimento dessas pistas poderá levar o professor a desenvolver um trabalho para a formação de leitores, para a alfabetização, enfim, para a construção de uma criança que, amanhã, saiba inventar o homem.

Abstract

In this work we analyze the perception of the world traces conveyed by pre-school children when they retell stories. From the cultural historical perspective and from some aspects of textual linguistics, 58 retellings, produced in the story retellings classes of two Municipal Pre-Schools of the city of Matão in São Paulo, were analyzed. Four common types of occurrences were detected: oral marks, ways of telling, insertion of the quotidian, insertion of new elements, which were divided up into 22 subcategories to be analyzed. These data, which were considered as singular ones, show us that the world perception is present in the whole process of story telling, mainly when the children insert elements of his/her daily routine in the narrative, and the purpose of this is always the production of sense. We believe that the knowledge of these traces may lead the teacher to develop a better understanding of his/her task on the children education as good readers, and good writers. In short, on the formation of a child who tomorrow may know how to invent man.

INTRODUÇÃO

Contar histórias é a mais antiga das artes. Ouvir uma história e deixar-se seduzir pelo poder mágico das palavras foi durante séculos uma das maiores formas de entretenimento de todos os tipos de sociedades, tanto nas mais cultas e poderosas como nas agrárias e em sociedades de transição mais lenta para a industrialização. Nos velhos tempos, pessoas que viviam longe de suas pátrias contavam e repetiam histórias para guardar suas tradições e sua língua. Era costume, grupos de indivíduos assentarem ao redor do fogo para esquentar, conversar e ouvir os “causos” que os mais velhos tinham para contar. No decorrer dos tempos, contar tornou-se uma profissão...

Com o advento da imprensa, jornais e livros se tornaram os grandes agentes culturais dos povos. As fogueiras ficaram para trás. Os velhos contadores foram esquecidos. Mas as histórias se incorporaram definitivamente à nossa cultura. Ganharam as nossas casas através da voz de nossos pais, das velhas babás e dos livros coloridos, para encantamento das crianças.

Devido ao desenvolvimento tecnológico, é preciso dizer que a literatura para o espírito e os grandes pensadores foram banidos das prateleiras. Os meios de comunicação, apesar de nos oferecerem um outro tipo de narrativa, nos fornecem uma avalanche de inutilidades que entorpecem os sentidos. O lazer se tornou uma indústria fértil, promissora e deseducadora, que causa mais ansiedade que prazer, pois o barulho é a tônica da atualidade.

Por causa da agilidade das imagens, a audição é um dos sentidos que vem se tornando fora de uso nos dias de hoje. Ouvimos pouco, falamos muito e desviamo-nos

freqüentemente dos nossos propósitos, diante das distrações oferecidas pelo mundo moderno.

E não podemos ignorar que a televisão tem uma parcela de culpa nisso. Como um veículo muito mais acessível e rápido (não melhor) que os livros, toma conta de nossas crianças desde a mais tenra idade. Eis uma concorrência desleal, pois pressionar um botão e comandar do sofá a sucessão de umas horas diárias de desenhos animados (e violentos) é um passatempo que está ao alcance de uma boa parte de nossas crianças.

SILVA (1991) salienta que no lar da maioria das crianças brasileiras, a televisão reina absoluta, muitas vezes dificultando possíveis aproximações com os livros. Confinadas em suas casas, à luz da insegurança das ruas e praças públicas, as crianças se vêem como presas fáceis das atrações televisivas e não dedicam tempo algum para o diálogo com os livros, o que poderia aguçar-lhes o imaginário e colocar suas fantasias em funcionamento.

Conforme o autor:

“Além de babá, o tubo de televisão se transforma no quase exclusivo fator de brincadeira e lazer infantil, muitas vezes massificando suas experiências de recepção de informações e bloqueando as possibilidades de diálogo e interação com outras crianças” (SILVA,1991,p.66).

Há que se dizer que a cada manhã recebemos notícias de todo o mundo, seja através do rádio, da TV ou, para os mais favorecidos, da Internet. No entanto, somos pobres em histórias surpreendentes, uma vez que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Neste mundo globalizado, quase nada está a serviço da narrativa e quase tudo está a serviço da informação. Para BENJAMIN (1986):

“O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação” (BENJAMIN, 1986, p.203).

Em outras palavras, narrar significa por a reflexão em funcionamento, e se esta arte milenar é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio.

Ainda, conforme o autor, diante da pressa de tantas informações e conseqüentes explicações, o dom de ouvir tem desaparecido, bem como a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. E assim essa rede em que está guardado o dom narrativo se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual.

A esse respeito, TRAÇA (1992) argumenta que é urgente as crianças se habituarem a ouvir, a escutar num mundo em que as florestas de barulhos invadem os espaços habitados desde os primeiros momentos da vida. De acordo com a autora, as educadoras, que têm o hábito de praticar a “hora do conto”, sabem que esse é um momento privilegiado de apaziguamento, de calma e de concentração.

No bojo dessas idéias, ALLOUFA e L’ABBATE (1994) afirmam que o resgate do narrador oral significa recuperar, não só uma arte quase esquecida, mas, principalmente, o despertar de uma imaginação criadora de um ouvinte que compreende e sente o poder de sedução que há na magia de cada nova história narrada.

No entender das autoras, essa vivência experienciada através da oralidade – matéria viva do contador de histórias – é que vai possibilitar, neste mundo moderno de vozes e escritas solitárias, o fascínio não só da leitura, mas da escrita/texto/literatura. Se a

aproximação destes dois momentos gera crise, gera também encantamento não só para quem conta, mas para quem ouve; não só para quem escreve como também para quem lê.

Ouvir e contar histórias é ensinamento e escola, através delas os valores culturais são transmitidos. O ouvinte ou o leitor encontra, na vida das personagens imaginárias que povoam a narrativa, situações bem reais com que se defrontam no seu dia-a-dia. É todo o universo real, social e familiar que aparece em cena, com os seus conflitos latentes e com os fantasmas que os engendram.

De acordo com TRAÇA (1992, p.43):

“Na narração estão contidos os comportamentos que deves desejar, os comportamentos que tens que evitar, a forma de te comportares perante o previsto e o imprevisto, a conduta e os hábitos dos seres que vamos encontrando na nossa exploração do ‘orbe’, a procura da imortalidade e outras coisas mais”.

A arte milenar de narrar que, segundo BENJAMIN (1986), relaciona-se com a grandeza e a dignidade da vida, encontra, contemporaneamente, na figura do professor – e não apenas dele – a possibilidade de se manter viva, alimentando a inteligência, a sensibilidade e a imaginação dos ouvintes.

Neste início do século XXI, ouvir uma história antes de dormir, embalado por uma voz que traga referências confortantes é um presente raro; é como dormir embalado por vozes angelicais. No entanto, quantas crianças têm esse prazer satisfeito dentro da sua própria casa, ou melhor, quantos pais se dispõem a essa tarefa?

Há que se dizer que a exaustão causada pela correria do dia-a-dia e a praticidade da televisão e dos videogames são alguns dos múltiplos fatores que afastam pais e filhos do

prazer de compartilhar momentos simples, mas importantes, como o contar uma boa história para a criança antes de dormir.

Diante das considerações realizadas, cabe mencionar que os contos de fadas e as histórias infantis fazem parte da própria história da pesquisadora, pois estes a encantaram desde a infância e até hoje as lembranças das histórias narradas por seu pai com tanto carinho permanecem vivas em sua memória.

Esse contexto e a percepção da importância de atividades de contação de histórias para o pré-escolar, despertaram nosso interesse para o que diz respeito à formação de leitores, ao desenvolvimento da imaginação, à visão de mundo e, conseqüentemente, à produção de sentidos por parte das crianças ao se apropriarem das histórias.

Neste sentido, o presente trabalho representa um estudo realizado com crianças pré-escolares, fundamentado pela seguinte questão de pesquisa: quais as pistas da visão de mundo que o pré-escolar apresenta por meio da leitura mediada pela oralidade? Nosso objetivo principal concentrou-se em observar e analisar essas pistas fornecidas pela criança ao se apropriar das histórias ouvidas.

Desse modo, a apresentação desse trabalho está ordenada da seguinte maneira:

No capítulo 1, abordamos a importância da leitura e da contação de histórias para as crianças e todas as implicações que decorrem dessa atividade. São elas: o despertar do imaginário infantil, o desenvolvimento do gosto pela leitura e a formação de leitores, e a relação entre a leitura do mundo e a leitura da palavra.

No capítulo 2, definimos a concepção de leitura com que trabalhamos e buscamos demonstrar como esta vem sendo utilizada na escola. Além disso, tratamos da importância

em estimular a leitura desde a pré-escola, bem como o papel do professor enquanto mediador da relação criança-livro e algumas questões concernentes a essa relação.

No capítulo 3, buscamos os subsídios da teoria histórico-cultural representada por Vigotski e seus colaboradores para uma maior fundamentação de nossas reflexões, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento e à aprendizagem; e à relação do pensamento e da linguagem. Em seguida, definimos a noção de texto com a qual estamos operando, além de demonstrar a relação entre a produção do texto oral (reconto) e a construção de sentidos.

No capítulo 4, descrevemos a abordagem metodológica em que nosso estudo foi baseado e os recursos utilizados para a coleta de dados. Apresentamos a proposta pedagógica que orienta o trabalho desenvolvido nas duas escolas onde a pesquisa foi realizada, bem como a atividade de leitura chamada conto-reconto, da qual extraímos os dados para o nosso *corpus*. Explicitamos, ainda, alguns pontos importantes que foram esclarecidos com as professoras, no que diz respeito ao tipo de histórias que seriam trabalhadas, aos livros que seriam usados e ao modo como aconteceriam os recontos. Além disso, traçamos o perfil das duas escolas, abordando, inclusive, o contexto econômico-social em que se encontra sua clientela.

No capítulo 5, procedemos a análise dos recontos. A partir da análise de uma história, representativa do que ocorreu no *corpus*, construímos um quadro síntese com vinte e duas categorias. Posteriormente, com base nessas categorias, analisamos os dados, procurando relacioná-los com as perspectivas teóricas com que trabalhamos, a partir das quais realizamos nossas reflexões e comentários.

No capítulo 6, expusemos algumas considerações acerca das questões que permearam esse estudo, tentando responder à nossa questão de pesquisa, na busca da relevância desse trabalho e na tentativa de demonstrar nossas convicções.

Vale ressaltar que, com este trabalho, pretendemos recontar também histórias que imaginamos ter ouvido e, como uma narrativa, nosso relato não está concluído de forma a prometer uma explicação fechada, definitiva. Portanto, acreditamos que seu final provavelmente está em aberto e, como quase tudo na vida, pode ser prolongado, retomado, reescrito.

1-O PAPEL DAS HISTÓRIAS INFANTIS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DAS CRIANÇAS

“Chapeuzinho Vermelho foi meu primeiro amor. Senti que se eu pudesse ter casado com Chapeuzinho Vermelho teria conhecido a perfeita bem-aventurança”.(Charles Dickens)

1.1-Histórias infantis: fascínio e funções

Os contos de fadas e as fábulas são sempre bem-vindos para as crianças. Percebe-se que a história, lida ou contada, desempenha uma função catalisadora de interesse e prazer. Ora, se as crianças se mobilizam é porque o mundo organizado em narrativa corresponde a seus interesses e anseios e, por conseguinte, é significativo para elas. Além disso, tais histórias apresentam um princípio, um meio e um fim. A ação é imediata, não há uma introdução muito longa e as personagens superabundam.

Há outros fatores estruturais que contribuem para esse fascínio. No entender de AMARILHA (1997), esse tipo de narrativa proporciona ao receptor um envolvimento emocional. Através do processo de identificação com os personagens, a criança passa a viver o jogo ficcional projetando-se na trama da narrativa. Acrescenta-se à experiência o momento catártico, em que a identificação atinge o grau de relação emocional, concluindo de forma libertadora todo o processo de envolvimento. Portanto, o próprio jogo da ficção pode ser responsabilizado, parcialmente, pelo fascínio que exerce sobre o receptor.

Pode-se dizer, ainda, que há outra razão para as crianças gostarem deste tipo de histórias. Conforme TRAÇA (1992), muitas contam o triunfo do mais fraco, do mais novo, do menor, do mais simplório ou do mais feio do grupo sobre o mais forte. O coelho engana

a raposa, o pobre torna-se mais rico que o seu vizinho rico, o filho ou filha mais novos têm mais êxito na vida que os desdenhosos irmãos mais velhos.

Para a autora, a criança quer ouvir exatamente isso. Todas as crianças, por muito amadas e queridas que sejam, estão sob o poder dos adultos, vivem situações que consideram injustas, sonham com o dia em que o mundo vai descobrir que são muito mais inteligentes, muito mais bonitas, mais interessantes e dignas de ser amadas do que alguém reconheceu alguma vez. É maravilhoso para a criança pressentir que essa descoberta pode acontecer, que chegará o dia em que poderá ocupar o lugar que legitimamente sente pertencer-lhe.

BETTELHEIM (1980) defende a importância e o encantamento dos contos de fadas na vida da criança, pois, no entender do autor, esse tipo de história procede de uma maneira consoante ao caminho pelo qual uma criança pensa e experimenta o mundo e, por esta razão, os contos de fadas são tão convincentes para ela.

Segundo o autor, a criança pode obter um consolo muito maior de um conto de fadas do que de um esforço para consolá-la baseado em raciocínio e pontos de vista adultos. Desse modo, uma criança confia no que o conto de fada diz porque a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua.

Vale ressaltar que uma história bem contada ou lida possui diversas funções: prende a atenção da criança, entretendo-a e estimulando sua curiosidade e imaginação. Segundo ABRAMOVICH (1991, p.18), “nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes. Capta-se o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção”.

No que concerne ao imaginário, costuma-se achar que a fantasia na criança teria um aspecto bem mais rico e vivo do que no adulto. Entretanto, para VIGOTSKI (1987), essa concepção é equivocada por muitas causas e uma delas consiste no fato de a fonte principal do comportamento imaginativo ser a experiência real.

Segundo o autor, a atividade criadora da imaginação se encontra em relação direta com a riqueza e a variedade da experiência acumulada pelo homem, porque essa experiência é o material com que ele constrói sua fantasia. Desse modo, quanto mais rica é a experiência humana, tanto maior será o material de que dispõe a imaginação.

Desse ponto de vista, a imaginação da criança é considerada mais pobre que a do adulto, por ser menor sua experiência. Seus interesses são mais simples, mais elementares e sua atitude em relação ao meio em que vive carece da complexidade, da precisão e da variedade que caracteriza a conduta do adulto, os quais constituem os fatores básicos determinantes da função imaginativa. Pode-se dizer que é no processo de crescimento da criança que se desenvolve também sua imaginação, a qual alcança sua maturidade na idade adulta.

Neste contexto, o autor chega à conclusão pedagógica sobre a necessidade de ampliar a experiência da criança se quisermos proporcionar-lhe base suficientemente sólida para sua atividade criadora. Quanto mais aprenda e assimile, quanto mais elementos reais disponha em sua experiência, tanto mais considerável e produtiva será a atividade de sua imaginação. Daí compreender-se que o comportamento imaginativo também necessita de desenvolvimento e educação como qualquer outro.

Por outro lado, MUKHINA (1995, p.294) afirma que a imaginação na vida da criança desempenha um papel mais importante do que na vida do adulto, manifesta-se com

mais freqüência e se desliga da realidade muito mais facilmente. Conforme a autora, "a imaginação da criança em idade pré-escolar é fundamentalmente involuntária. A criança emprega sua imaginação no que a impressiona fortemente".

A imaginação em constante funcionamento amplia o conhecimento que a criança tem do mundo circundante e lhe permite extrapolar os limites de sua experiência pessoal. Mas isso requer o controle constante do adulto, para que a criança saiba distinguir entre o imaginário e o real.

Segundo a autora, a imaginação se forma no jogo e se transfere para outras atividades da criança pré-escolar, principalmente para o desenho e a composição de contos e de versos. Quando em contato com essas atividades, a criança reproduz imagens conhecidas e com freqüência repete frases de que se lembra, utiliza imagens de contos conhecidos e as interpreta para formar um quadro fantástico, que não se parece com as situações dos contos que escutou.

Neste ínterim, a criança transforma a realidade em sua imaginação, não apenas combinando imagens, mas também atribuindo aos objetos propriedades não inerentes a eles.

No entender de VIGOTSKI (2001a), independentemente de ser real ou irreal a realidade que nos influencia, a emoção vinculada a ela é sempre real, ou seja, o que se sente é sempre real. Desse modo, o choro por um herói de um romance ou o susto com um monstro terrível que aparece em sonho, nos dois momentos as causas das emoções não são evidentemente materiais, mas a dor e o medo continuam sendo vivências absolutamente reais.

Assim, conforme o autor, a fantasia é duplamente real: tanto pela força do material que a constitui, como pela força das emoções a ela vinculadas. Nessa lei da realidade da fantasia, o fantástico encontra a sua justificação e, neste sentido, não desviamos as crianças um mínimo da realidade quando lhes narramos histórias infantis, desde que os sentimentos que surjam nesse momento estejam voltados para a vida.

Os contos e outras histórias infantis são uma boa diversão, carregam as baterias de auto-estima do ego, são e serão parte da nossa herança literária e têm fundamental importância na formação da criança.

Além disso, nas suas formas orais, literárias, as histórias infantis permitem a crianças e adultos conceberem estratégias para se posicionarem no mundo e compreenderem o que os rodeia. Aprendidas na infância, tais histórias fornecem significados, estruturam e dão forma às figuras e aos conflitos com que a criança se confronta no seu dia-a-dia.

“Os adultos têm muitas vezes uma posição defensiva quando a vida não lhes corre tão bem como desejavam. A criança precisa ter uma atitude mais positiva. Deverá poder esperar que o futuro lhe reserva grandes feitos, que os seus desejos virão a realizar-se, que a felicidade está no campo dos possíveis” (TRAÇA, 1992, p.33).

Conforme a autora, o desenvolvimento da imaginação constitui um fator importante no desenvolvimento da criança, pois a atividade fantasiadora seria um meio de interiorização progressiva de resposta a um possível posicionamento lógico.

Neste sentido, a fantasia pode dar à pessoa um maior conhecimento dos seus próprios processos psíquicos, aumentando, conseqüentemente, os seus poderes de captação do mundo exterior. Ouvir e contar histórias não é tocar nos seres, nos objetos, nas

paisagens, mas talvez seja a atividade que mais justifica a materialidade do imaginário. Desse modo, ouvir e contar histórias e, posteriormente ler, o que quer que seja, é sempre fazer apelo à imaginação.

1.2-Histórias infantis: visão de mundo e formação de leitores

Ninguém nasce sabendo ler, aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras são aprendidas na chamada escola da vida. Independe da aprendizagem formal e se realiza na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros. Como entre tais coisas e tais outros se incluem também livros e leitores, fecha-se o círculo: lê-se para entender o mundo, para viver melhor.

A aventura de ler, como uma aprendizagem social que ultrapassa o quadro escolar, começa muito cedo. A criança lê o mundo que a rodeia muito antes de ler um livro. Lê o sorriso da mãe que se debruça no berço, lê a natureza, lê a cor e a forma dos objetos que lhe são familiares. FREIRE (1987, p.22) afirma que: "a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele".

LAJOLO (2000) pontua que, em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela.

Do mundo da leitura à leitura do mundo, o trajeto se cumpre sempre, refazendo-se, inclusive, por um vice-versa que transforma a prática circular e infinita. Como fonte de prazer e sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos círculos da escola.

Tal visão leva-nos a uma concepção de leitura que vai além da mera decodificação do signo lingüístico. Com ORLANDI (1984), achamos que cada ato de leitura resulta da contribuição do leitor ao interagir com o texto, da experiência do autor ao compô-lo e da relação entre os textos que concorrem com ele no momento de sua produção. Evidenciando, assim, que o significado não se encontra apenas no texto e, sim, no leitor, no contexto, na sua forma de “ler” o mundo.

Cabe dizer que a atividade de ouvir histórias, recontá-las ou mesmo interpretar oralmente o desenho elaborado revela criatividade, percepção e leitura de mundo. Para CAGLIARI (2002, p. 155-156), ouvir historias é uma forma de ler:

“A leitura oral é feita não somente por quem lê, mas pode ser dirigida a outras pessoas, que também ‘lêem’ o texto ouvindo-o. (...) Uma criança que é muito exposta a essas manifestações tem grandes vantagens na escola sobre aquelas crianças que não têm a mesma chance na vida. Ouvir uma leitura equivale a ler com os olhos, a única diferença reside no canal pelo qual a leitura é conduzida do texto ao cérebro”.

A literatura chega à criança, principalmente, pela oralidade e esta se constitui também em um dos atrativos da literatura na escola, pois cria um clima de comunidade em que todos estão envolvidos na mesma experiência imaginária. Segundo AMARILHA (1997, p.21), “ao narrar oralmente, o professor está fornecendo à criança a possibilidade de ampliar sua capacidade de antecipação sobre as estratégias da linguagem literária e da construção do sentido”.

TRAÇA (1992) afirma que, palavras, idéias, sonhos e descobertas feitas nas primeiras canções de embalar e nos primeiros contos vão ficar para sempre presentes. As histórias contadas e ouvidas precedem e preparam um uso pessoal do livro e incitam o leitor, empurram-no encantadamente, puxam-no para o livro que contém as maravilhas

ouvidas e ainda outras. As histórias arrastam o jovem ouvinte, que brevemente se transformará em jovem leitor, para além das fronteiras do seu domínio familiar e estreito, transportam-no para um mundo com aspectos múltiplos e surpreendentes.

Para a autora, na criança que está habituada a ouvir-contar histórias, a manipular um livro, cresce o desejo de saber o que está escrito, de aprender a ler: “o desejo de ler é o desejo de violar o obscuro, o desejo de possuir um segredo, de ser capaz de exercer por si mesmo uma transformação do inerte” (TRAÇA, 1992, p.77).

Para a criança que ainda não aprendeu a ler, as palavras escritas revestem um duplo valor simbólico, por um lado, o texto está presente, é apreendido pela vista como realidade sensível e material; por outro lado, o que o texto diz não está lá e é preciso imaginá-lo e, segundo a autora, desde muito cedo, respeitando os referenciais de mundo que possui, a criança cria a possibilidade de imaginar o que não se lhe oferece aos sentidos no momento. Portanto, as palavras escritas tornam-se catalisadoras de um mundo de expectativas que o processo de iniciação à leitura não deverá frustrar. Daí a importância primordial da contação de histórias, o seu valor formativo quer a nível intelectual quer a nível social, afetivo e lingüístico.

Neste contexto, TRAÇA (1992) afirma que se a história for bonita e as palavras usadas para a contar também o forem, as crianças assimilam não só a trama narrativa, mas também a beleza das palavras em que tal narrativa está contida. Algumas frases ficam-lhes na memória e, ao pedir-lhes que recontem a história, utilizam frequentemente palavras e frases da narração que acabaram de ouvir.

Há que se dizer que o gosto pela leitura não se “introduz” ou se “impõe”. Com SILVA (1991) achamos que o gosto pela leitura nasce e se desenvolve no sujeito a partir de práticas concretas, de experiências vividas no cotidiano, dentro e/ou fora da escola.

No entender de VILLARDI (1999), os anos de escolarização regular são capazes de criar um hábito de leitura que, no entanto, só perdura sob a perspectiva de algo que precisa ser feito, pois dele depende todo o desempenho no cumprimento das etapas de escolarização preestabelecidas, desaparecendo tão logo desaparece sua necessidade.

Portanto, segundo a autora, considera-se que tal perspectiva se apresenta como insuficiente, embora desejável, para que tenhamos um cidadão capaz de incorporar a leitura às atividades de seu cotidiano. E isto só ocorre se a leitura for vista não como o cumprimento de um dever, mas como um espaço privilegiado, a partir do qual tanto é possível refletir o mundo, quanto se afastar dele, buscando na literatura aquilo que a vida nos nega, quer sob a perspectiva da realidade, quer sob a da fantasia. Para que isso ocorra, o hábito, por si só, não basta. Há que se desenvolver o gosto pela leitura, a fim de que possamos formar um leitor para toda a vida.

Neste sentido, compartilhamos com esses autores a idéia de que, se uma criança tiver contato com histórias contadas e com livros, ou seja, se desde cedo lhe forem oferecidas oportunidades de “degustação” e reflexão sobre as histórias ouvidas, possivelmente esta criança será despertada para o gosto pela leitura, não para o hábito, que se refere a uma ação que podemos fazer mecanicamente, mas para o gosto, o prazer que a leitura nos oferece e que poucos, num país tão grande, têm o privilégio ou a disposição para experimentar.

Na nossa civilização, as histórias infantis, os contos de fadas e as fábulas, em suas versões menos simplificadas, estão refugiados nos livros e para os livros convergem o interesse e o desejo das crianças que foram desde muito cedo despertadas para o imaginário. Acreditamos que, por meio das histórias ouvidas e recontadas, pode nascer nas crianças o gosto pela leitura. Portanto, contar histórias para as crianças, deixando que elas se apropriem destas histórias, vivam e as revivam em seus próprios recontos, aumenta as hipóteses de as transformar em bons leitores.

1.3-Histórias infantis: contar e recontar

Os estudos de PERRONI (1992) sobre a aquisição da linguagem oral mostram como a criança, por meio da interação com o adulto, progride de um estágio inicial em que não constrói sozinha suas narrativas, a um estágio em que se constitui como um narrador autônomo.

De acordo com a autora, neste percurso, há um momento em suas narrativas que a criança faz colagens de fragmentos do discurso do outro, isto é, as colagens resultam da incorporação e ajuste, no texto da criança, de construções sintático-semânticas típicas das histórias tradicionais, as quais a criança teve acesso por meio do adulto que contou ou leu histórias para ela.

Neste sentido, de acordo com GOMES-SANTOS (2003), a atividade de recontar histórias pressupõe a remissão necessária a um texto já existente, daí o efeito de referencialidade como constitutivo dessa atividade, o que indicia uma relação intertextual necessária.

Em seu trabalho, ZANOTTO (1996) destaca que, no campo das Ciências Cognitivas, os estudos que enfocam as representações mentais têm como objeto de análise as formas como as pessoas concebem, pensam, elaboram, reconstruem e dão significado aos fatos que lhe são afetos. Dessa forma, as idéias, as experiências e as reflexões de um indivíduo constituem suas representações de mundo, que desempenham uma função constitutiva da realidade e que se revelam por meio de discursos, atitudes e comportamentos.

Assim, as narrativas seriam manifestações dessas representações e sua análise poderia revelar as concepções dos indivíduos sobre aspectos de determinados fenômenos e a maneira como tais fenômenos são compreendidos, entre eles, por exemplo, as histórias, as quais os indivíduos têm acesso por meio da leitura ou audição.

No entender de BETTELLHEIM (1980), para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

O autor também argumenta sobre a importância da contação e da leitura das histórias infantis, bem como do tempo que as crianças necessitam para interiorizar e refletir sobre tais histórias, de modo que estas possam contribuir para o seu desenvolvimento.

“Quando os contos de fadas estão sendo lidos para crianças em salas de aula ou em bibliotecas durante a hora da história, as crianças parecem fascinadas. Mas com frequência elas não recebem nenhuma oportunidade de meditar sobre os contos ou reagir de outra forma; ou eles são amontoados imediatamente com outra atividade, ou outra história de um tipo diferente lhes é contada, o que dilui ou destrói a impressão que a história de fadas criou. (...) Mas quando o contador dá tempo às crianças de refletir sobre as histórias, para

que mergulhem na atmosfera que a audição cria, e quando são encorajadas a falar sobre o assunto, então a conversação posterior revela que a história tem muito a oferecer emocional e intelectualmente, pelo menos para algumas crianças” (BETTELHEIM, 1980, p.75).

Ao contar uma história se concede ao ouvinte a possibilidade de criar o seu cenário, a sua música e as suas cores. A contação é mesmo uma das formas de expressão artística mais democráticas, pois através dela cada pessoa constrói a sua história, de comum acordo com os seus referenciais e o que eles possam significar para si.

Nessa mesma esteira, BUSATTO (2003) salienta a importância de estimularmos nossos alunos a contar histórias, pois no entender da autora, além de ser um exercício de socialização, ao contar histórias, a criança estará desenvolvendo aptidões importantes, como se expressar perante um grupo de pessoas com desenvoltura e domínio de espaço. Ao mesmo tempo estará entrando em contato com os seus afetos, pois ao dar forma e expressão aos sentimentos contidos no texto ela aprenderá a lidar com os seus, e tudo isto leva, conseqüentemente, a uma ampliação dos seus recursos internos e a um amadurecimento psicológico.

Contar põe em ação a memória, desenvolvendo a capacidade de memorização e compreensão do que se ouve, a lógica do pensamento e a afetividade da criança. Sendo assim, segundo TRAÇA (1992), a criança, ao recontar uma história que ouviu, procede a uma recriação. Recriar implica a noção de abertura do texto para dar lugar à interpretação do novo transmissor, reelaboração, nova combinação dos elementos dados.

Além disso, pode-se dizer que cada gesto, movimento e entonação vocal do contador atuam como um livro aberto para essa criança que mergulha na apreensão de seu significado. Esse mundo encantado desperta, ainda mais, sua imaginação e criatividade.

Portanto, pensamos que, ao final da leitura pelo professor, se lhe for dada a oportunidade de interpretar o que ouviu, recontando a história, a criança certamente o fará com prazer e criativamente, nos fornecendo algumas “pistas” de sua própria visão e leitura de mundo; tecendo a sua própria história.

Diante deste percurso com as histórias infantis e com as questões que as permeiam, encontramos diversas razões que confirmam a importância em se contar e recontar histórias, dentre elas: contamos histórias para formar leitores, para fazer da diversidade cultural um fato, para manter a História e o narrador vivos, para nos sentir vivos, para encantar e sensibilizar o ouvinte, para estimular o imaginário, articular o sensível, tocar o coração, alimentar o espírito, resgatar significados para nossa existência e reativar o sagrado.

2-A LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR

“Para ensinar as crianças a ler não é absolutamente necessário descrevê-las como indivíduos de cabeça vazia obcecados pela busca de prazer; nem obrigá-las a ler histórias que não levam em conta suas realidades e a de seus pais, nem repetir para elas incansavelmente as mesmas palavras. Mas é inteiramente possível habituá-las desde o início à idéia de que o essencial é o sentido do texto e de que a leitura está na origem de toda informação e de um prazer estético autêntico”.
(Bruno Bettelheim)

Ao se tratar de leitura, tende-se a considerar que ler é decodificar, reconhecer palavras, ou seja, sabe ler quem é alfabetizado. No entanto, para VILLARDI (1999), a leitura deve ser vista de uma maneira ampla, pois no entender da autora:

“Ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas, o que se constitui como um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania” (VILLARDI, 1999, p.4).

Há que se admitir que toda dinâmica da vida escolar está centrada na capacidade de ler e compreender bem o que foi lido. Porém, observações de práticas escolares nos revelam a incidência com que a atividade de leitura desliza e resvala, camuflada por práticas diversas. O tempo que, de forma geral, a escola, na sua rotina, reserva às estratégias de construção dos sentidos possíveis no texto é mínimo, sendo geralmente conturbado pela intervenção indesejada do professor que, através da leitura oral, antecipa e indica sentidos para o texto proposto como material de leitura.

Ainda, para a autora, com o passar dos anos, o desempenho dos alunos frente à leitura continua sendo muito baixo e, à medida que avançam na escolaridade, menor a ligação que têm com a leitura, como se os procedimentos pedagógicos adotados, ao invés de aproximar os estudantes, fossem, aos poucos, afastando-os dos livros, criando entre eles uma relação de enfado e desinteresse.

Outro fator que gera desestímulo está no conteúdo dos livros destinados à aprendizagem da leitura que, segundo TRAÇA (1992), é, na maioria das vezes, irrealista e estúpido, desencoraja a criança de um esforço inteligente, empobrecendo seu vocabulário e subestimando as suas capacidades. Desse modo, esses textos, pensados muitas vezes em termos puramente técnicos, não trazem nada de novo à vida de quem aprende, pelo que os alunos se sentem freqüentemente desmotivados.

No entender da autora, pressupõe-se não reduzir o livro a um esqueleto e não fazer dos textos meros pretextos de análises mais ou menos descabeladas e esvaziantes que lhes roubem o sopro de vida que os anima e se nos transmite. Desse modo, a autora salienta que a aventura do livro vivida dentro de uma aula é, até certo ponto, única e irrepetível, pois as histórias dos seus participantes, aluno e professor, e a sua conjugação nunca são rigorosamente coincidentes com as outras aventuras vividas por participantes diferentes.

De acordo com o trabalho de ZANOTTO (1996), o estilo dos professores ao contar histórias, ao fazer perguntas para explorar o texto, ao usar a linguagem, enfim, a maneira como medeiam o livro para a criança, em resposta às suas iniciativas e reações, afeta o modo como elas respondem aos livros e à importância da leitura.

No entender de SILVA (1991), a pré-escola pode ser um movimento de fundamental importância na educação dos leitores, principalmente quando objetivamente

dinamizado por parte dos professores. Lançando mão de histórias ilustradas ou quadrinizadas e de histórias contadas em voz alta, entre outros recursos, o professor poderá levar a criança ao mundo da leitura, que é um mundo de socialização e partilha de experiências.

Para tanto, são pontuados três movimentos de consciência importantes para se realizar uma leitura crítica: constatação, reflexão e transformação, ou seja, ler as linhas, ler nas entrelinhas e ler para além das linhas. No processo de interação com um texto, o leitor executa um trabalho de atribuição de significados, a partir de sua história e de suas experiências. Esse trabalho é próprio de cada leitor individual, porque as experiências, a origem, a história dos leitores nunca são iguais.

Em termos metodológicos, ao submeter um texto à curiosidade dos leitores, o professor deve criar situações que lhes permitam constatar determinados significados, refletir coletivamente sobre eles e transformá-los. Contudo, o modo como os professores utilizam a leitura em sala de aula, elimina dois desses momentos ricos da leitura: o cotejo (reflexão) e a transformação:

“De fato, se observarmos bem, veremos que os leitores são obrigados a reproduzir os significados já constatados e cristalizados pelo professor e/ou pelo livro didático. Em outras palavras, ‘acertar na leitura’ é se encaixar no significado consagrado e petrificado pela instituição escolar. Assim, não se geram ou criam novas possibilidades de significação para os textos. Ao invés de um processo aberto e partilhado, temos pela frente um mecanismo restritivo, convergente e em total desacordo com a natureza do ato de ler” (SILVA, 1991, p.51).

De modo a reverter esse quadro, o professor deve escutar o que os alunos têm a dizer sobre os referenciais dos textos, sistematizando as idéias geradas, aprendendo com elas e fornecendo outros significados, que os leitores, em função de suas limitações, não

conseguiram destacar. Neste processo de enriquecimento mútuo, a leitura deixa de ser a mera repetição ou reprodução de significados institucionalizados e petrificados, para se constituir em dinâmica viva, democrática e produtiva, levando à concretização de um ou mais circuitos de leitura em sala de aula e, talvez, em todos os quadrantes da escola.

Portanto, ainda conforme SILVA (1991), as crianças, desde a pré-escola, quando verdadeiramente estimuladas, ao utilizarem o produto de suas leituras para interagirem com os colegas de classe, formarão circuitos produtivos de interlocutores em sala de aula. O uso dos livros de literatura infantil, colocados às crianças como instrumentos de prazer, poderá servir como importante sustentáculo à condução de processos de alfabetização, aguçando a vontade de aprenderem e desvendarem o mundo.

Neste sentido, a leitura das histórias infantis, organizada dentro de um espectro amplo de atividades participativas e lúdicas, pode ser um fator decisivo não só para a alfabetização, como também para toda a educação do leitor.

Nessa mesma linha, FREIRE (1994) afirma que, de modo geral, o que se vem fazendo nas escolas é levar os alunos a apassivar-se ao texto. Os exercícios de interpretação da leitura tendem a ser quase sua cópia oral. A criança cedo percebe que sua imaginação não joga: é quase algo proibido, uma espécie de pecado. Por outro lado sua capacidade cognitiva é desafiada de maneira distorcida. Ela não é convidada, de um lado a reviver imaginativamente a história contada no livro; de outro, a apropriar-se aos poucos, da significação do conteúdo do texto. Nada ou quase nada se faz no sentido de despertar e manter acesa, viva, curiosa, a reflexão conscientemente crítica, indispensável à leitura criadora, quer dizer, a leitura capaz de desdobrar-se na reescrita do texto lido.

Neste contexto, trabalhamos com a convicção de que:

“Seria certamente através da experiência de recontar a história, deixando sua imaginação, seus sentimentos, seus sonhos e seus desejos livres para criar que a criança terminaria por arriscar-se a produzir a inteligência mais complexa dos textos” (FREIRE, 1994, p. 45).

Podemos inferir, conforme VILLARDI (1999), que os livros devem ser introduzidos na vida da criança de acordo com seu nível de compreensão do mundo, seu nível de elaboração de pensamento e sua experiência anterior. Isto significa, segundo a autora, que o livro adequado para a criança é aquele em que ela encontra tanto elementos que já reconhece, quanto alguns elementos novos, a partir dos quais ela possa alargar seus horizontes e enriquecer sua experiência de vida.

Nesse momento é importante que haja, nos livros, uma correlação entre os fatos narrados e a ilustração, na medida em que ela será o apoio de que a criança lançará mão para reproduzir as narrativas que lhe foram contadas. Assim, a ilustração deve se constituir como uma outra versão do texto, no sentido de que também conta a história, só que com uma outra linguagem. No entanto, é fundamental observar se, sendo fiel ao que se diz no texto, a ilustração cria novos significados, instiga outras leituras, apresenta novos elementos.

A autora afirma que, numa primeira “leitura”, a história deve ser recontada, simplificando-se a linguagem, para que a criança compreenda os principais passos do enredo, estabelecendo relações substantivas entre eles. Mais tarde, a história passará a ser lida, com adaptações até que, por fim, a história possa chegar à criança com seu texto integral, na medida em que toda a trajetória que alicerça a compreensão já foi pavimentada anteriormente, e as dificuldades que poderiam ser encontradas se transformam em

elementos novos, ricos de significação, ampliando os horizontes e o domínio da criança sobre as estruturas da linguagem escrita.

Por fim, o professor deve criar situações em que a criança possa se manifestar, livremente, sobre o que foi lido: questionar, criticar e atribuir valor, qualificando as situações e os personagens apresentados, enfim, interpretar o texto. Além disso, o professor poderá provocar a integração do texto com a realidade de vida da criança, que terá espaço para se posicionar, expondo suas experiências, seus medos, seus sonhos.

Nesse mesmo âmbito, TRAÇA (1992) afirma que, para o trabalho com as histórias infantis, são necessários textos que fascinem a criança, que a persuadam de que a leitura pode ser uma atividade muito agradável, que, ao mesmo tempo, a ajuda a compreender o mundo. E, para dar esse resultado, as histórias devem estimular e enriquecer a imaginação da criança, como fazem os contos de fadas, e desenvolver a sensibilidade literária, como fazem os bons poemas.

A autora destaca que o professor é o mediador, o facilitador, que estabelece (ou não) a ponte entre a criança e o livro, pois, quando falamos em prazer de ler, deve existir uma partilha que só se efetiva se professor e alunos estiverem implicados, se houver uma certa cumplicidade. Portanto, no entender desta autora, o professor que esteja verdadeiramente convicto da importância da educação da criança ao nível da sensibilidade, do desenvolvimento do imaginário, da utilização de uma linguagem rica, aberta, multifacetada, consegue que a maioria de seus alunos, mesmo desfavorecidos familiar e culturalmente, gostem de um determinado livro, considerado difícil ou em desacordo com a mentalidade da criança de classe baixa.

A partir das idéias expostas, duas considerações merecem destaque: uma de caráter teórico e outra, metodológico. Teoricamente é necessário encarar a leitura como uma atividade interativa que acontece não só entre autor e leitor, mas que também provoca outras interações, do leitor com suas vivências, do leitor com outras histórias (leituras), do leitor com outros leitores. Do ponto de vista metodológico, o papel das relações interpessoais nas condições de produção da leitura deve ser valorizado e enfatizado, tornando essas condições em sala de aula, muito menos uma atividade mecânica do que um esforço para a compreensão e produção de sentidos. Dentro deste contexto de interação, as crianças ficam com mais possibilidades de reestruturarem as suas ações e enfrentarem as dificuldades de compreensão com mais flexibilidade.

Desse modo, é possível afirmar que proporcionar oportunidades de ter experiências com livros de histórias infantis, desde a pré-escola ou até antes, pode ser uma estratégia instrucional capaz de possibilitar que a criança desenvolva sua imaginação, incentivando e melhorando a elaboração de histórias originais; trabalhe a complexidade da linguagem oral, evoluindo em seu processo de alfabetização; produza sentidos a partir de sua visão de mundo, além de alimentar o gosto pela leitura.

Diante dos pressupostos apresentados, podemos considerar a construção social dos sentidos como um processo que não se esgota nas fases iniciais da aprendizagem da leitura, mas que é constitutiva de todos os estágios de desenvolvimento. Portanto, o esforço em procurar encontrar as pistas de visão de mundo, que mostrem os modos escolhidos pelos quais as crianças compreendem uma “leitura” realizada, nos aponta questões abertas para estudos a serem empreendidos futuramente.

3-FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

*“Os contadores de história, os cantadores de história, só podem contar enquanto a neve cai. A tradição manda que seja assim. Os índios do norte da América têm muito cuidado com essa questão dos contos. Dizem que quando os contos soam, as plantas não se preocupam em crescer. E os pássaros esquecem a comida de seus filhotes.”
(Eduardo Galeano)*

3.1-Subsídios da teoria histórico-cultural

A teoria histórico-cultural, que tem como principal representante L. S. Vigotski, nasceu na ex-União Soviética, embalada pela Revolução de 1917 e pela teoria marxista. No Ocidente, essa perspectiva ganhou importância na década de 70 e tornou-se referência para a Psicologia do Desenvolvimento, a Psicologia Social e para a Educação.

Esta abordagem teórica buscava construir uma Psicologia que superasse as tradições positivistas e estudasse o homem e seu mundo psíquico como uma construção histórica e social da humanidade.

Um dos pressupostos básicos da teoria histórico-cultural, é que as origens das formas superiores de comportamento consciente – pensamento, memória, atenção voluntária – formas essas que diferenciam o homem dos outros animais, encontram-se nas relações sociais que o homem mantém. Mas esse teórico não via o homem como um ser passivo, como consequência dessas relações. Entendia o homem como ser ativo, que age sobre o mundo, sempre em relações sociais, e transforma essas ações para que constituam o funcionamento de um plano interno.

Segundo LURIA (1991), Vigotski gostava de chamar essa abordagem de psicologia “cultural”, “instrumental” e “histórica” porque cada um desses termos refletia uma característica diferente da nova abordagem que ele propôs para a psicologia. Cada qual enfatizava uma das facetas do mecanismo geral pelo qual a sociedade e a história social moldam a estrutura daquelas formas de atividades que distinguem o homem de outros animais.

No entender dessa teoria, o aspecto instrumental refere-se à natureza basicamente mediadora das funções psicológicas complexas. Não apenas respondemos aos estímulos apresentados no ambiente, mas os alteramos e usamos suas modificações como um instrumento de nosso comportamento.

O aspecto cultural envolve os meios socialmente estruturados pelos quais a sociedade organiza os tipos de tarefa que a criança em crescimento enfrenta, e os tipos de instrumento, tanto mentais como físicos, de que a criança pequena dispõe para dominar aquelas tarefas. Um dos instrumentos básicos criados pela humanidade é a linguagem.

O elemento histórico funde-se com o cultural, pois os instrumentos que o homem usa, para dominar seu ambiente e seu próprio comportamento, foram criados e aperfeiçoados ao longo da história social da civilização. Os instrumentos culturais expandiram os poderes do homem e estruturaram seu pensamento, de maneira que, se não tivéssemos desenvolvido a linguagem, bem como a escrita e a aritmética, por exemplo, não possuiríamos hoje a organização dos processos superiores que possuímos.

Assim, para Vigotski, a história da sociedade e o desenvolvimento do homem caminham juntos e, mais do que isso, estão de tal forma intrincados, que um não seria o que é sem o outro. Com base nessa perspectiva, o autor estudou o desenvolvimento infantil.

3.1.1-Desenvolvimento e aprendizagem

De acordo com a teoria vigotskiana, a aprendizagem sempre estabelece relações entre as pessoas. A relação do indivíduo com o mundo está sempre mediada pelo outro. Não há como aprender e apreender o mundo se não tivermos o outro, aquele que nos fornece os significados que permitem pensar o mundo a nossa volta.

Para VIGOTSKI (1984), a trajetória do desenvolvimento humano se dá “de fora para dentro”, por meio da internalização de processos interpsicológicos. É no processo de ensino-aprendizagem que ocorre a apropriação da cultura e o conseqüente desenvolvimento do indivíduo. Desenvolvimento e aprendizagem são processos interativos, no entanto, cabe ao processo de aprendizagem, realizado em um contexto social específico, possibilitar o processo de desenvolvimento.

Desse modo, “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam” (VIGOTSKI, 1984, p.99). A aprendizagem da criança inicia-se muito antes de sua entrada na escola, isto porque desde o primeiro dia de vida, ela já está exposta aos elementos da cultura e à presença do outro, que se torna o mediador entre ela e a cultura.

A teoria histórico-cultural entende mediação simbólica como “um processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento" (OLIVEIRA, 1993, p.26).

A atividade humana, por excelência, está permeada por elementos mediadores, já que no seu cotidiano, no contexto social, o homem faz uso constante de recursos, complexificando suas ações e inter-relações, o que confirma a idéia de Vigotski de que a

relação homem/mundo não é direta, mas, sobretudo, mediada por elementos denominados por ele de instrumentos e signos.

O instrumento é elaborado especialmente para um certo objetivo. Ele carrega consigo a função para a qual foi criado e o modo de utilização desenvolvido durante a história do trabalho coletivo. É, pois, um objeto social e mediador da relação entre o indivíduo e o mundo. Conforme OLIVEIRA (1993), o signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho. Os instrumentos, porém, são elementos externos ao indivíduo, voltados para fora dele; sua função é provocar mudanças nos objetos, controlar processos da natureza.

Os signos, por sua vez, também chamados por Vigotski de ‘instrumentos psicológicos’, são orientados para o próprio sujeito, para dentro do indivíduo; dirigem-se ao controle das ações psicológicas, seja do próprio indivíduo, seja de outras pessoas. São ferramentas que auxiliam os processos psicológicos e não as ações concretas, como os instrumentos.

Além disso, os signos são marcas externas que auxiliam o homem em tarefas que exigem memória ou atenção, ou seja, eles são interpretáveis como representação da realidade e podem referir-se a elementos ausentes no tempo e espaço presentes.

No que concerne à memória, VIGOTSKI (1995, p.247) afirma que esta é a propriedade fundamental de toda matéria organizada, uma vez que a plasticidade de nossa substância nervosa se manifesta em sua capacidade de modificar-se pela influência de estímulos externos e conservar a predisposição a que estes se repitam. Utilizando-se de metáforas, o autor afirma que: “a memorização é como as marcas deixadas pelo movimento das rodas no caminho” ou “a prega que se forma no papel quando se dobra”, ou seja, os

eventos ocorridos no nosso dia-a-dia ficam armazenados como traços e, dessa forma, recuperados quando os evocamos.

VIGOTSKI (1984 e 2001b) faz distinção entre a memória natural, não mediada, e a memória mediada por signos. A memória não mediada, assim como a percepção sensorial e a atenção involuntária, é mais elementar, mais claramente presente nas determinações inatas do organismo da espécie humana, surgindo como conseqüência da influência direta dos estímulos externos sobre os indivíduos.

Já a memória mediada refere-se ao registro de experiências para recuperação e uso posterior, mas inclui a ação voluntária do indivíduo no sentido de apoiar-se em elementos mediadores que o ajudem a lembrar-se de conteúdos específicos.

O ser humano desenvolve inúmeras formas de utilização de signos para auxiliar a memória: calendários, agendas, listas de compras, etc. Com o uso desses signos a capacidade de memorização fica significativamente aumentada e sua relação com conteúdos culturais e, portanto, com processos de aprendizado, fica claramente estabelecida.

Neste contexto, pode-se dizer que instrumentos e signos tornar-se-ão elementos reguladores do aprendizado infantil e, em conseqüência, para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, na medida em que servirem de mediadores nos processos interativos. Assim, conforme a concepção vigotskiana, é nesse processo interativo, vivenciado no espaço educativo, que a criança realiza uma tomada de consciência e adquire o controle voluntário do conhecimento.

Excetuando-se o contexto familiar, a escola surge como o lugar privilegiado para o desenvolvimento, pois é o espaço em que o contato com a cultura é feito de forma

sistemática, intencional e planejada. O professor e os colegas formam um conjunto de mediadores da cultura que possibilita um grande avanço no desenvolvimento da criança.

Referindo-se às potencialidades da criança que podem ser desenvolvidas a partir do ensino sistemático, VIGOTSKI (1984) elaborou o conceito de zona de desenvolvimento proximal (doravante ZDP), que é a distância entre aquilo que a criança é capaz de fazer de forma autônoma (nível de desenvolvimento real) e aquilo que ela realiza sob a orientação de um adulto ou em colaboração com outras crianças (nível de desenvolvimento potencial). Neste sentido, o desenvolvimento da criança é visto de forma prospectiva.

“A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentes em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de ‘brotos’ ou ‘flores’ do desenvolvimento” (VIGOTSKI, 1984, p.97).

No entender desta teoria, o que a criança pode fazer hoje com o auxílio dos adultos poderá fazê-lo amanhã por si só. Desse modo, a zona de desenvolvimento proximal permite-nos determinar os futuros passos da criança e a dinâmica do seu desenvolvimento e examinar não só o que o desenvolvimento já produziu, mas também o que produzirá no processo de maturação.

De acordo com OLIVEIRA (2002), a zona de desenvolvimento proximal é, por excelência, o domínio psicológico da constante transformação. Em termos de atuação pedagógica, essa postulação traz consigo a idéia de que o papel explícito do professor de provocar nos alunos avanços que não ocorreriam espontaneamente consiste exatamente em uma interferência na zona de desenvolvimento proximal dos alunos. Neste contexto, o único bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento.

Pode-se dizer que os postulados de Vigotski nos permitem compreender a dinâmica do desenvolvimento infantil, ampliando os horizontes de atuação junto à criança. Cabe ao professor tomar consciência das competências adquiridas pela criança e daquelas que estão por vir, para que possa desenvolver um trabalho permeado por processos pedagógicos que lhe permitam avanços constantes.

3.1.2-Pensamento e linguagem

Na concepção de VIGOTSKI (2001b), a linguagem é um dos principais sistemas simbólicos utilizados pela criança para a aquisição da consciência do mundo que a cerca, servindo, também, como um meio para intervir na realidade.

A linguagem e o pensamento possuem gêneses diferentes, porém, num determinado momento do desenvolvimento da criança (por volta dos dois anos de idade), o percurso do pensamento encontra-se com o da linguagem e inicia-se uma nova forma de funcionamento psicológico: a fala torna-se intelectual, com função simbólica generalizante, e o pensamento torna-se verbal, mediado por significados dados pela linguagem.

Quando os processos de desenvolvimento do pensamento e da linguagem se unem, surgindo, então, o pensamento verbal e a linguagem racional, o ser humano passa a ter um funcionamento psicológico mais sofisticado, mediado pelo sistema simbólico da linguagem.

“A relação entre pensamento e palavra é um processo vivo de nascimento do pensamento na palavra. Palavra desprovida de pensamento é, antes de mais nada, palavra morta. (...) Mas o pensamento que não se materializa na palavra continua como uma sombra. (...) O vínculo entre o pensamento e a palavra não é um vínculo primário, dado de uma vez por todas. Surge no desenvolvimento e ele mesmo se desenvolve” (VIGOTSKI, 2001b, p.484).

Para o autor, o significado é um componente essencial da palavra e é, ao mesmo tempo, um ato de pensamento, pois o significado de uma palavra já é, em si, uma generalização. Isto é, no significado da palavra é que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal. É no significado que se encontra a unidade das duas funções básicas da linguagem: o intercâmbio social e o pensamento generalizante. São os significados que vão propiciar a mediação simbólica entre o indivíduo e o mundo real, constituindo-se no “filtro” através do qual o indivíduo é capaz de compreender o mundo e agir sobre ele.

Neste sentido, como os significados são construídos ao longo da história dos grupos humanos, com base nas relações dos homens com o mundo físico e social em que vivem, eles estão em constante transformação. De modo similar ao que acontece na história de uma língua, a transformação dos significados também ocorre no processo de aquisição da linguagem da criança. O sistema de relações e generalizações contido numa palavra muda ao longo do desenvolvimento.

Há que se dizer, que a linguagem é essencial para o desenvolvimento mental da criança, pois desde o nascimento, a criança está em interação com outros indivíduos que procuram incorporá-la à sua cultura de forma a fazer com que a criança adquira significados que foram construídos historicamente. Desse modo, a comunicação, que necessita da linguagem, leva à formação da fala na criança, provocando uma reorganização da estrutura de seu processo psicológico.

Para LEMOS (1982), a interação da criança com o outro e com o mundo é de extrema importância para o processo de aquisição da linguagem:

“É na percepção da linguagem enquanto AÇÃO SOBRE O OUTRO (ou procedimento comunicativo) e enquanto AÇÃO SOBRE O MUNDO (ou procedimento cognitivo) que a

criança constrói a linguagem enquanto OBJETO sobre o qual vai poder operar” (LEMOS, 1982, p.119).

As práticas discursivas com o adulto levam a criança a perceber a eficácia da atividade lingüística, a categorizar e relacionar os procedimentos comunicativos e cognitivos como objetos lingüísticos, construindo subsistemas que refletem a sua atuação sobre a linguagem.

Entendendo a linguagem como atividade constitutiva do sujeito, compreendemos também que, ao tomar posse dos significados expressos por ela, a criança os aplica a seu universo de conhecimentos sobre o mundo, a seu modo particular de “recortar” sua experiência. Ao longo de seu desenvolvimento, marcado pela interação verbal com adultos e crianças mais velhas, a criança vai ajustando seus significados de modo a aproximá-los cada vez mais dos conceitos predominantes no grupo cultural e lingüístico de que faz parte.

De acordo com MUKHINA (1995), na idade pré-escolar, a criança amplia seu círculo de conhecimento, torna-se mais independente, estende os limites das relações familiares e estabelece comunicação com mais pessoas, principalmente com crianças de sua idade. Essa ampliação das relações requer da criança um bom domínio de seus meios de comunicação, principalmente da linguagem. Além disso, as atividades das crianças se tornam mais complexas e requerem uma linguagem de melhor qualidade.

Neste sentido, à medida que cresce sua curiosidade e seu interesse por conhecer, a criança vai recorrendo mais ao pensamento para interpretar o mundo que a rodeia e não apenas para solucionar problemas colocados para resolver sua própria atividade prática.

Portanto, pode-se dizer que, certamente nas histórias reproduzidas pelas crianças estarão presentes suas atuações sobre a linguagem.

3.2-Subsídios da lingüística do texto

De acordo com KOCH (1998), os estudos na linha sócio-histórica reconhecem a existência de um sujeito planejador/organizador que, em sua inter-relação com outros sujeitos, vai construir um texto, sob a influência de uma complexa rede de fatores, dentre os quais a especificidade da situação, o jogo de imagens recíprocas, as crenças, convicções, atitudes dos interactantes, os conhecimentos partilhados, as expectativas mútuas e as normas das convenções sócio-culturais.

Isto significa que a construção do texto (mesmo que oral) exige a realização de uma série de atividades cognitivo-discursivas que vão dotá-lo de certos elementos, propriedades ou marcas os quais, em seu inter-relacionamento, serão responsáveis pela produção de sentidos.

A autora defende a posição de que a produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais e, portanto, inserida em contextos mais complexos. Desse modo, caracteriza-se como uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos, ou seja, trata-se de uma atividade intencional que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal.

A partir desta perspectiva, pode-se dizer que textos são resultados da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, de conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza.

“Um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação lingüística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sócio-cultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido” (KOCH, 1998, p.25).

Desse modo, podemos dizer que operamos a partir da idéia de texto como uma construção de sentidos entre interlocutores. Portanto, à concepção de texto apresentada subjaz o postulado básico de que o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação. Desse modo, para se chegar às profundezas do implícito e dele extrair um – e não o – sentido, faz-se necessário o recurso a vários sistemas de conhecimento e a ativação de processos e estratégias cognitivas e interacionais.

Ainda, dentro desta concepção, de acordo com KOCH (1998), o texto é considerado como um conjunto de pistas, representadas por elementos lingüísticos de diversas ordens, selecionados e dispostos de acordo com as virtualidades que cada língua põe à disposição dos falantes, no curso de uma atividade verbal, de modo a facultar aos interactantes não apenas a produção de sentidos, como fundear a própria interação como prática sócio-cultural.

Há que se dizer, ainda, que, o estabelecimento do sentido de um texto, segundo KOCH e TRAVAGLIA (1997), depende em grande parte do conhecimento de mundo dos seus usuários, porque é só este conhecimento que vai permitir a realização de processos cruciais para a compreensão. No entender dos autores, o conhecimento de mundo é visto como uma espécie de dicionário enciclopédico do mundo e da cultura arquivado na memória.

Nessa mesma esteira, ORLANDI (1984) considera a leitura um processo com dimensões novas: não existe uma única leitura de um texto, mas várias e, além disso,

segundo a autora, na relação de contar e ouvir histórias, tem-se o leitor/contador (emissor) e a criança/ouvinte (receptor). O contador ao produzir sua história atribui sentido e quem ouve, ao atribuir, também produz sentido.

Neste contexto, reforçando as idéias de FREIRE (1994), pode-se afirmar que a leitura de um texto é uma transação entre o sujeito leitor e o texto, como mediador do encontro do leitor com o autor do texto. É uma composição entre o leitor e o autor em que o leitor, buscando lealdade no sentido de não trair o espírito do autor, reescreve o texto. No entender do autor, ler criticamente é “reescrever” o lido, uma vez que a significação mais profunda do texto é também criação do leitor.

4-PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

“As crianças criadas sem canções, sem contos, sem poesia, são crianças espiritualmente mais pobres do que as outras.”(Maria Emília Traça)

4.1-Percurso inicial

Diante da questão que direciona este trabalho - quais as pistas da visão de mundo que o pré-escolar apresenta através da leitura mediada pela oralidade - a perspectiva mais adequada para o seu desenvolvimento é a abordagem qualitativa, com ênfase no estudo de caso.

Segundo CHIZZOTTI (1998), o estudo de caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora.

Para o autor, o caso é tomado como unidade significativa do todo e, por isso, suficiente tanto para fundamentar um julgamento fidedigno quanto propor uma intervenção. É considerado também como um marco de referência de complexas condições sócio-culturais que envolvem uma situação, a qual retrata uma realidade e/ou revela a multiplicidade de aspectos globais, presentes em uma dada situação.

Em nosso trabalho, o destaque para o estudo de caso deve-se ao fato de que tal procedimento visa à descoberta e, neste sentido, conforme LUDKE e ANDRÉ (1986), o quadro teórico inicial servirá de esqueleto, de estrutura básica a partir da qual novos

aspectos poderão ser detectados, novos elementos ou dimensões poderão ser acrescentados, na medida em que o estudo avance. As autoras pontuam que essa característica se fundamenta no pressuposto de que o conhecimento não é algo acabado, mas uma construção que se faz e refaz constantemente. Assim sendo, o pesquisador estará sempre buscando novas respostas e novas indagações no desenvolvimento de seu trabalho.

Além disso, o estudo de caso enfatiza a “interpretação em contexto”, ou seja, para uma apreensão mais completa do objeto, é preciso levar em conta o contexto em que ele se situa. Assim, para compreender melhor a manifestação geral de um problema, as ações, as percepções, os comportamentos e as interações das pessoas devem ser relacionadas à situação específica ou contexto em que ocorrem ou à problemática determinada a que estão ligadas. Isso nos leva à observação direta.

Para LUDKE e ANDRÉ (1986), tal abordagem permite que o observador chegue mais perto da ‘perspectiva dos sujeitos’, um importante alvo nas pesquisas qualitativas. No entender das autoras:

“Na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações” (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.26).

Desse modo, para atingir o objetivo principal deste trabalho, qual seja: observar e analisar as pistas da visão de mundo fornecidas pela criança ao se apropriar das histórias ouvidas, o recurso escolhido para a coleta de dados é a observação direta em sala de aula. Neste sentido, nossa posição é de “observador como participante”, uma vez que a identidade da pesquisadora, bem como os objetivos do estudo foram revelados ao grupo pesquisado desde o início.

Essas pistas, por nós consideradas como dados singulares, foram investigadas a partir do *paradigma indiciário**.

Ancorado no qualitativo, tal paradigma possibilita a apreensão de fenômenos pela interpretação de indícios em geral negligenciados, que exigem um outro olhar diante dos fenômenos por conhecer, um olhar que busca o dado singular, o indício, reconstruindo uma determinada realidade pelo gesto de estabelecer, a partir dos efeitos, uma interpretação possível do processo que plasmou os fatos sob análise.

ABAURRE et al (1997) o definem como um modelo epistemológico fundado no detalhe, no resíduo, no episódico, no singular, a partir do pressuposto de que, se identificados a partir de princípios metodológicos previamente definidos, os dados singulares podem ser altamente reveladores daquilo que se busca conhecer.

As autoras enfatizam que os dados singulares têm uma natureza cambiante, isto é, eles indiciam a complexidade da relação entre um sujeito e um objeto que estão continuamente a modificar-se, nos movimentos mesmos dessa relação. Pode-se dizer que os dados não têm um fim em si mesmos, apontam para hipóteses que podem informar acerca de um processo que traz, em sua constituição, a relação entre o instável e o estável – a própria relação do sujeito com a linguagem.

*De acordo com GOMES-SANTOS (2003), o chamado paradigma indiciário ganhou relevância como perspectiva metodológica a partir do historiador italiano Carlo Ginzburg, cf. (GINZBURG, C. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: **Mitos, emblemas, sinais-morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989), o qual, em seus estudos, chama a atenção para o fato de que um modelo epistemológico fundado no detalhe, no resíduo, no singular, já havia emergido silenciosamente no âmbito das ciências humanas no final do século XIX, sem que, no entanto, se registrasse a preocupação com a definição de um paradigma de investigação epistemologicamente coerente com esses pressupostos. Ginzburg discute exatamente esse paradigma, que chama de indiciário, e preocupa-se, dentre outras coisas, com a definição de princípios metodológicos que garantam rigor às investigações centradas no detalhe e nas manifestações de singularidade.

Assim, consideramos como pista uma enunciação quase sempre articulada aos referenciais de mundo que as crianças possuem. Obviamente, não fizemos nossas escolhas de uma maneira ingênua, considerando qualquer pista como reveladora. Utilizamos o contexto para considerar esta ou aquela enunciação dos sujeitos como verdadeiras pistas que nos revelariam suas visões de mundo.

Cabe ressaltar que, provavelmente, um outro investigador faria outra leitura dessas pistas, pois a percepção, ou não, das mesmas depende da experiência pessoal, ou seja, dos conhecimentos relativos aos casos. No transcorrer da coleta de dados houve momentos em que tais pistas romperam com nossas certezas e nos redirecionaram na busca por novas possibilidades de análise.

No que diz respeito aos materiais adotados para a coleta dos dados, utilizamos diário de campo e áudio. Além disso, as observações foram complementadas por conversas informais com as professoras e os alunos.

Assim, observamos duas classes de Pré-Escola de duas EMEIs (Escola Municipal de Educação Infantil), da cidade de Matão, no período vespertino, durante os meses de março a junho de 2004, num total aproximado de dezoito encontros em cada escola.

Nesse momento, passaremos a caracterizar as escolas onde os dados foram coletados.

4.2-Contextualização das escolas

A cidade de Matão possui 17 EMEIs (Escola Municipal de Educação Infantil) que atendem cerca de 2600 crianças de quatro a seis anos. As escolas funcionam nos períodos

da manhã (das 7:30h às 11:00h) e da tarde (das 13:00h às 16:30 horas), apresentando classes de Jardim I (4 anos), Jardim II (5 anos) e de Pré-Escola (6 anos). Cada classe tem uma professora e um número máximo de 30 alunos.

O recreio é realizado separadamente, de acordo com a divisão das faixas etárias, e tem uma duração de trinta minutos cada. As crianças não levam lanche, pois recebem a merenda fornecida pela prefeitura, geralmente composta por um bolo, bolacha ou lanche e suco.

Duas vezes por semana, todas as classes, sempre separadas pela idade, têm aulas de educação física dada por professor especialista e têm duração de cinqüenta minutos. Com exceção da educação física, todas as outras aulas são ministradas pela professora da classe.

Ao terminar a pré-escola, as crianças iniciam o ensino fundamental nas escolas estaduais e algumas (poucas) conseguem vaga na única escola municipal, muito procurada por possuir a fama de ser a melhor escola pública da cidade.

4.2.1-A proposta pedagógica e a atividade do conto-reconto

De acordo com a Proposta Pedagógica para a Educação Infantil do município, de modo a fazer cumprir a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96), as EMEIs têm por finalidade promover o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Neste sentido, o trabalho nestas escolas, direcionado pelos Referenciais Nacionais para a Educação Infantil, visa compreender as fases do desenvolvimento infantil, de modo a

acompanhar a criança, respeitando seu próprio ritmo, ajudando-a a construir as formas mais elaboradas do conhecimento, desenvolvendo uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações. Desta forma, tal desenvolvimento se dará num processo dinâmico, a partir das interações indissociáveis da criança com o meio físico e social, estimulando-a com desafios.

Assim, cabe ao professor proporcionar situações de conversas, brincadeiras e/ou de aprendizagens orientadas que garantam a interação entre as crianças, de forma que possam se comunicar e se expressar, demonstrando seus modos de agir, pensar, sentir, em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e a auto-estima. Além disso, o professor deve apresentar propostas partindo sempre do interesse da criança, seu estágio de desenvolvimento e do seu mundo cultural, partindo daí para a ampliação de novos conhecimentos.

A Educação Infantil, de acordo com esta proposta pedagógica, ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, se constituirá em um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças. Essa ampliação está diretamente relacionada ao desenvolvimento gradativo das capacidades associadas às quatro competências lingüísticas básicas: escutar, falar, ler e escrever. Portanto, propõe-se agir de forma competente na formação de público leitor, sempre introduzindo novidades que seduzam o aluno e o levem a se interessar pela leitura, priorizando-a em todos os sentidos, permitindo que as crianças falem sobre suas criações e escutem também as dos colegas.

Uma das atividades realizadas para o desenvolvimento do trabalho com a leitura é o conto-reconto. Tal atividade é realizada da seguinte maneira: uma ou duas vezes por semana, um aluno leva um livro para casa a fim de ser lido por um de seus familiares. Segundo informações fornecidas pela orientadora pedagógica, quando a família é composta por pais analfabetos, sendo poucos os casos, a criança pede para um irmão mais velho ou algum vizinho ler a história para ela, portanto, o analfabetismo na família não se torna um empecilho para o desenvolvimento desta atividade. No dia seguinte, o aluno reconta em sala de aula, para a professora e os demais colegas, a história lida em casa, usando o livro como suporte ou não. Após o reconto, as crianças costumam conversar sobre a história e, em seguida, desenham-na ou fazem outra atividade como a dramatização.

4.2.2-Perfil das escolas

Os principais fatores que nos levaram à escolha das duas EMEIs em que a coleta de dados foi realizada dizem respeito às características sociais, econômicas e físicas, bastante contrastantes, dessas escolas, apesar de ambas pertencerem ao ensino municipal e receberem os mesmos recursos.

Há que se dizer que, nesse estudo, em nenhum momento almejamos realizar críticas de qualquer natureza à essas escolas e, neste sentido, devido à questões éticas chamamos as escolas de EMEI verde e EMEI azul.

4.2.2.1-EMEI verde

A EMEI verde situa-se num bairro de classe média/baixa, possui aproximadamente um total de 210 alunos e é considerada uma das melhores escolas públicas de educação infantil da cidade no que diz respeito à estrutura física da escola. Apresenta quatro salas de aula grandes, dois banheiros para as crianças, separados em feminino e masculino, uma pequena biblioteca, cozinha, sala da direção com dois banheiros, um pátio grande, além de um campo de futebol, dois tanques de areia onde ficam os *play-grounds* de madeira, um quiosque e uma casinha de bonecas recém construída.

No período da manhã funcionam: uma classe de Jardim I, uma classe de Jardim II e duas classes de Pré-Escola; e no período da tarde: uma sala de Jardim I, duas salas de Jardim II e uma sala de Pré.

Segundo a diretora, a clientela é bastante heterogênea, composta por filhos de trabalhadores da indústria e do comércio, profissionais autônomos (pedreiros, eletricitas, motoristas), além de um razoável número de filhos de empregados domésticos.

A classe de pré-escola em que a pesquisa foi realizada tem 29 alunos, sendo 11 meninas e 18 meninos na faixa etária dos seis anos.

Em relação ao espaço físico, pôde-se observar que a sala de aula é grande, composta por mesinhas de quatro lugares e cadeirinhas individuais. Há dois armários na sala, um para cada professora do período. Nas paredes estão dispostos o calendário, o alfabeto e o sistema numérico de 0 a 9, além de poesias, trava-línguas e parlendas que ficam penduradas num “varal” e, ao lado, cartazes com os nomes dos dias da semana e os meses do ano.

Cada aluno possui o seu “crachá”, com o nome escrito em letra bastão e letra cursiva; tais crachás são móveis e ficam encaixados numa espécie de lista que também fica pendurada na parede.

Apesar de ser numerosa, a classe era bastante disciplinada, as crianças eram atenciosas, ficavam em silêncio durante os recontos e não se agitavam muito quando um colega não mostrava as figuras do livro.

4.2.2.2-EMEI azul

A EMEI azul situa-se num bairro de classe baixa, possui aproximadamente um total de 65 alunos e boa parte desses alunos fica na creche que funciona no mesmo prédio da EMEI que, segundo a diretora, não pertence à prefeitura, mas foi cedido pelo governo e por isso não é possível fazer muitas melhorias nesse prédio.

A escola é pequena e “apertada”, apresenta duas salas de aula pequenas, sendo que uma delas funciona como dormitório no período da tarde, dois banheiros para as crianças, separados em feminino e masculino, uma salinha para a direção, um pátio pequeno em que funcionam a cozinha e o refeitório separados por um balcão e um tanque de areia onde fica o *play-ground*.

No período da manhã, funcionam uma classe de Jardim I e uma classe de Jardim II e no período da tarde, funciona apenas uma sala de Pré-Escola, em que a coleta de dados foi realizada.

Segundo a diretora, aproximadamente noventa por cento da clientela são filhos de trabalhadores rurais e os demais são filhos de trabalhadores da indústria, além de um razoável número de filhos de empregados domésticos.

A classe em que a pesquisa foi realizada tem 24 alunos, sendo 13 meninos e 11 meninas na faixa etária dos seis anos.

Em relação ao espaço físico, pode-se dizer que, tendo em vista o número de alunos, a sala de aula é pequena, também composta por mesinhas de quatro lugares e cadeirinhas individuais. Há dois armários na sala, um para cada professora do período. O material didático e os cartazes nas paredes seguem o mesmo estilo da outra classe observada. Cabe salientar que a composição das salas de aula, bem como do material didático segue um padrão, por este motivo, na maioria das EMEIs, as salas são bem parecidas.

Esta classe era bastante barulhenta, as crianças eram agitadas e dificilmente ficavam em silêncio durante os recontos. Além disso, irritavam-se, ficavam em pé e interrompiam quando o colega que fazia o reconto não mostrava as figuras do livro. Apesar disso, a professora mostrava-se bastante paciente e não alterava seu tom de voz.

De acordo com os depoimentos da professora e da diretora, essas crianças vêm de famílias desestruturadas, bastante carentes e algumas possuem tristes histórias de vida. No entanto, com paciência, a professora vinha desenvolvendo um bom trabalho com estas crianças e a atividade do conto-reconto era realizada sem maiores problemas.

4.3-Coleta de dados

Numa conversa informal com as professoras, fora da sala de aula, esclarecemos alguns pontos importantes para a realização da coleta de dados. No que diz respeito às histórias, optamos pelo trabalho com os clássicos infantis, ou seja, com os contos de fadas. Entre eles estão: *Chapeuzinho Vermelho*, *Branca de Neve*, *A Bela Adormecida*, *Cinderela*, *O gato de botas*, *O Pequeno Polegar*, *Rapunzel*, *Os três porquinhos*, *João e Maria*, *O patinho feio*, *Cachinhos de Ouro*, *A Bela e a Fera*, além de *Bambi* que, apesar de ser uma

história criada/adaptada por Walt Disney e não fazer parte das histórias classificadas como clássicos infantis, é bastante apreciada pelas crianças*.

Conforme BETTELHEIM (1980), os contos de fadas são histórias que ensinam pouco sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa, visto que foram inventados muito antes que ela existisse. Mas, por meio deles pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedades, do que com qualquer outro tipo de história dentro de uma concepção infantil.

Como a criança em cada momento de sua vida está exposta à sociedade em que vive, certamente aprenderá a enfrentar as condições que lhe são próprias, desde que seus recursos interiores o permitam. Assim, a criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento.

Ainda, no entender do autor, os contos de fadas desenvolvem a capacidade de fantasia infantil; fornecem escapes necessários aos medos internos da criança; às suas ansiedades e ódios. Além disso, aliviam as pressões exercidas por esses problemas; favorecem a recuperação, incutindo coragem na criança, mostrando-lhe que é sempre possível encontrar saídas; enfim, os contos consolam e muito, pois o “final feliz”, que, segundo o autor, os adultos consideram irreal e falso é a grande contribuição que os contos

*De acordo com BUSATTO (2003), os contos de fadas surgiram na Europa a partir do século XII e foram registrados pelo francês Charles Perrault (1628-1703), que reuniu contos da tradição oral e editou um livro intitulado *Contos da mãe gansa*, cuja autoria atribuiu ao seu filho, então com dez anos. Na Alemanha, os irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), conhecidos como os irmãos Grimm, publicaram os contos colhidos da boca do povo, principalmente de uma camponesa chamada Katherina Wieckmann. A maior parte dos contos que fazem parte do primeiro livro dos irmãos Grimm, *Contos para crianças e para o lar*, foram contados por essa camponesa.

de fadas fornecem à criança, encorajando-a à luta por valores amadurecidos e a uma crença positiva na vida.

Portanto, dentre várias razões, nossa opção pelos clássicos ocorreu devido à consagração de tais histórias entre as crianças, pois fazem parte de nossa herança literária, pela estrutura destas histórias, pelos significados que nos fornecem, sua carga emocional e encantamento.

Não houve uma padronização rigorosa na seleção das histórias, no entanto, procuramos os livros que continham histórias com começo, meio e fim bem definidos e que apresentavam ilustrações que não comprometiam a leitura das crianças, visto que a qualidade dos livros de algumas editoras que apresentam suas versões dos clássicos infantis tem deixado muito a desejar.

Definimos os dias da semana em que aconteceriam os recontos em cada classe e os primeiros alunos que poderiam dar início às atividades. Estes foram escolhidos segundo o seu maior desprendimento no trato com pessoas “de fora”, bem como em relação à própria atividade do reconto.

Inicialmente, os recontos aconteceram da seguinte maneira: antes do início da aula, as professoras arrumavam as cadeirinhas formando um grande círculo na sala de aula. Quando as crianças entravam, juntamente com a pesquisadora, as professoras conversavam com elas, dando-lhes orientações acerca de como aconteceria o reconto e falando da importância em respeitar e ouvir o colega que estaria recontando a história.

Em seguida, o aluno que havia levado o livro para casa – com a história previamente escolhida e indicada pela pesquisadora e pelas professoras, para ser lida no dia anterior, por algum de seus familiares – realizava o reconto, com ou sem o apoio do livro.

Dando continuidade à atividade, as professoras costumavam conversar com os alunos sobre fatos da história, perguntando-lhes qual parte tinham gostado ou achado mais importante. Algumas vezes presenciávamos os alunos dramatizando as histórias recontadas, fazendo desenhos sobre elas e até realizando tentativas de escrita com os nomes dos personagens que conheciam.

No decorrer do processo de coleta dos dados, foram feitas algumas alterações. Como várias crianças queriam participar da atividade, decidimos que mais de uma história seria recontada em cada encontro. Além disso, de modo a oferecer maior dinamicidade e fertilidade à coleta dos dados, os recontos ocorreram de quatro formas diferentes: a) reconto em sala de aula com utilização do livro, b) reconto em sala de aula sem apoio do livro, c) reconto fora da sala de aula com utilização do livro e d) reconto fora da sala de aula sem o apoio do livro.

Nos recontos realizados na sala de aula participavam a professora, a pesquisadora e todos os alunos da classe; já nos recontos realizados fora da sala de aula, no pátio ou no jardim da escola, participavam apenas a pesquisadora e dois ou três alunos que iriam realizar a atividade. Tal atitude deveu-se ao fato de que, em alguns dias, as classes encontravam-se bastante agitadas, o que atrapalhava os recontos, além disso, alguns alunos sentiam-se mais à vontade para recontar a história num grupo menor de pessoas.

Nas duas escolas pesquisadas, ao término de cada reconto, todos batiam palmas, o que deixava as crianças “com ar” de satisfeitas e algumas envergonhadas.

O tempo de cada reconto variou de dez a quinze minutos, com algumas pausas e, quando realizado fora da sala de aula, terminado o reconto, a pesquisadora agradecia a colaboração de cada criança e as conduzia de novo à classe.

A pesquisadora optou em não ajudar durante o recontar das histórias, o que aconteceu apenas em casos de extrema necessidade, por entender que a ajuda, possivelmente, influenciaria ou prejudicaria a obtenção das pistas da visão de mundo, comprometendo a fidedignidade dos dados.

Há que se dizer que, nas situações que propusemos aos nossos sujeitos para o desenvolvimento da atividade do reconto, houve uma interação positiva entre nós. Durante todo o procedimento de coleta de dados, nos posicionamos como um adulto interessado e atento à história que a criança nos estava recontando e, neste contexto, os livros e as histórias eram nossos objetos de interação, que permitiam o compartilhamento na situação estabelecida.

Vale ressaltar que, em todo momento, as professoras deixaram a pesquisadora muito à vontade para a realização do trabalho, procurando ajudar com informações sobre os alunos e suas histórias de vida, fator indiscutível para a consecução dos resultados obtidos.

O produto final da coleta de dados constitui-se das anotações no diário de campo e das fitas de áudio com cinquenta e oito recontos, que foram literalmente transcritos e constam do anexo desse trabalho. A seguir, será apresentada a análise dos dados com nossos comentários e observações.

5-APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

“Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum”.(Marisa Lajolo)

5.1-Análise introdutória

Uma primeira observação nos 58 textos transcritos nos revela o que, de certa forma, já havíamos notado nas sessões de contação de histórias, ou seja, as crianças não subverteram o enredo da história contada. Excetuando-se algumas diferenças na maneira de narrar (tom de voz, gestos), elas retomam o texto-base sem muitas alterações. O texto que será analisado a seguir é típico de todo o *corpus*. Contudo, antes da análise, cabem algumas observações de caráter metodológico.

Devido a questões éticas, os nomes das crianças não serão mencionados. Os recontos constantes do anexo foram numerados e os trechos que compõem a análise seguem a mesma numeração. Para uma melhor visualização, todas as falas dos alunos estarão em itálico e as observações, comentários e análises da pesquisadora estarão em letra padrão.

Veja-se o texto 31: Branca de Neve

Data: 20/04/04 – EMEI azul
Menina sem o livro

Era uma vez, num lindo dia, nasceu uma menininha que era muito branquinha, branquinha, igual uma neve.

Então eles ponharo o nome de Branca de Neve.

Aí quando a sua mãe morreu, a Branca de Neve cresceu mais um pouquinho.

Aí quando a Branca de Neve cresceu, a sua malvada perguntava todo dia pro espelho:

(Mudando a entonação)

_ Espelho, espelho meu, tem uma mulher mais bela do que eu?

_ Tem majestade, a Branca de Neve.

Então ela chamô o caçador.

A rainha mandô matar a Branca de Neve e trazê o seu coração pra ela.

Daí quando foi matá ele não matô a Branca de Neve.

Ele trouxe o coração de um macaquinho.

Ele mandô ela fugiu.

(Gesticulando)

Aí correu, correu, correu, correu e encontrô uma casinha bem piquitica.

Ela abriu a porta e entrô.

Quando entrô naquela casa veio um monte de bagunça.

Ela teve de arrumá e viu treis caminha e ela pôde deitá.

Aí quando os anões chegaro, viro a casa muito arrumadinha.

Aí quando eles foro lá vê no quarto, viro a Branca de Neve.

Na hora que a Branca de Neve acordô, ela ficô assustada.

Daí eles foi ser amigo.

E a rainha falô assim:

(Mudando a voz e erguendo as sobrancelhas)

_ Espelho, espelho meu, tem uma mulher mais bela que eu?

O espelho falô:

_ Tem majestade, é a Branca de Neve.

Daí a rainha falô que a Branca de Neve tinha morrido.

Mas ele falô que o caçador não matô ela, pegô um coração de macaquinho.

Então ela foi fazê feitiçaria e levô lá pra casa da Branca de Neve.

Ela pediu um pouco d'água e por muito favor ela foi vendê aquela maçã pa Branca de Neve.

A Branca de Neve falô que não tinha dinheiro pra vendê.

Mais a rainha falô:

(Afinando a voz)

_ Não precisa de dinheiro!

Então ela deu só uma mordidinha e ela desmaiô.

Aí na hora que os sete anões viro, a bruxa correu e eles não sabia o que que era.

Aí foro lá vê e era a Branca de Neve.

Aí eles choraro e choraro.

Ponhô ela ne um caxão e todos os dias ia visitá ela, tuudo chorano.

Aí veio um príncipe e viu os anões chorano.

Deu um beijo nela e ela acordô e tirô tudo aquela feitiçaria dela.

Aí eles convidaro os anões pra ir morá naquela casa, mais eles achava aquela casa muuito grande.

Aí feiz uma festa muito linda.

A Branca de Neve vestiu um vestido lindo, lindo, lindo e o príncipe ficô ca mesma rôpa que ele tava.

Aí eles viveram felizes para sempre.

Inicialmente, a análise nos revela que a criança retoma literalmente trechos do texto-base: Branca de Neve. Ao fazer isso, a narradora demonstra ter entrado em um processo dialógico com a história. Tal processo se caracteriza pelo uso da memória que, como mediadora, auxilia a criança a colar frases fiéis às do texto:

“_ *Espelho, espelho meu, tem uma mulher mais bela do que eu?*
_ *Tem majestade, a Branca de Neve*”.

Outras são as marcas desse diálogo com os contos de fadas. A primeira é a expressão: “*Era uma vez...*”, que marca, temporalmente, o início da história. A segunda: “*...viveram felizes para sempre*”, além de colocar um ponto final na narração, acena para uma felicidade sem fim.

Nota-se que, para garantir a continuidade da narrativa, a contadora faz constante uso de marcadores tipicamente orais como: *aí, daí, e então*.

“*Então eles ponharo o nome de Branca de Neve.*
Aí quando a sua mãe morreu, a Branca de Neve cresceu mais um pouquinho”.
“*Daí a rainha falô que a Branca de Neve tinha morrido*”.

Além disso, na tentativa de persuadir o interlocutor da intensidade expressiva do fato narrado, ela repete palavras:

“*...nasceu uma menininha que era muito branquinha, branquinha...*”
“*Aí correu, correu, correu, correu...*”
“*Aí eles choraro e choraro*”.
“*...vestiu um vestido lindo, lindo, lindo...*”

Então, ao contar uma história, a criança, na maioria das vezes, *dialoga com o texto-base, dialoga com a temporalidade dos contos de fadas e estrutura sua narrativa por meio de marcadores tipicamente orais**.

No rol dessas marcas, percebemos também que, num dado momento do reconto, ao explicitar a fala dos personagens, a criança deixa transparecer a sua própria maneira de falar, ou seja, a sua variante lingüística:

“...e encontrô uma casinha bem piquititica...”

*“Quando entrô naquela casa veio um monte de bagunça.
Ela teve de arrumá”.*

“ Aí quando os anões chegaro, viro a casa muito arrumadinha...”

“Deu um beijo nela e ela acordô e tirô tudo aquela feitiçaria dela”.

Cabe dizer que a maneira de expressar algumas formas verbais e alguns casos de concordância verbal revelam que essa criança é falante de uma variante estigmatizada do português.

“Aí na hora que os sete anões viro, a bruxa correu e eles não sabia o que que era”.

“Ponhô ela ne um caxão e todos os dias ia visitá ela, tuudo chorano”.

Além disso, para dar visibilidade ao fato narrado, a contadora explicita a fala das personagens por meio do discurso direto.

“E a rainha falô assim:

*Ao estudar as marcas da oralidade na produção escrita das histórias infantis, GOMES-SANTOS (2003) propôs uma nomenclatura que, de certa forma, serviu de base para a nossa.

(Mudando a voz e erguendo as sobrancelhas)
 _ *Espelho, espelho meu, tem uma mulher mais bela que eu?*
 O espelho falô:
 _ *Tem majestade, é a Branca de Neve”.*

A seguir explicitaremos algumas características que têm muito a ver com a maneira de ser da criança e a sua relação com a história.

- Observamos que, para dar mais vivacidade ao seu relato, a contadora, algumas vezes, muda a voz, faz gestos e expressões faciais.

“Aí quando a Branca de Neve cresceu, a sua malvada perguntava todo dia pro espelho:

(Mudando a entonação)
 _ *Espelho, espelho meu, tem uma mulher mais bela do que eu?”*

“Ele mandô ela fugiu.

(Gesticulando)
Aí correu, correu, correu, correu e encontrô uma casinha bem piquititica”.

“E a rainha falô assim:

(Mudando a voz e erguendo as sobrancelhas)
 _ *Espelho, espelho meu, tem uma mulher mais bela que eu?”*

“Mais a rainha falô:

(Afinando a voz)
 _ *Não precisa de dinheiro!”*

- Ainda pelo mesmo motivo, ela explica ou comenta os fatos vividos na história.

“Daí quando foi matá ele não matô a Branca de Neve”.

*“Daí a rainha falô que a Branca de Neve tinha morrido.
Mas ele falô que o caçador não matô ela, pegô um coração de macaquinho”.*

“Aí na hora que os sete anões viro, a bruxa correu e eles não sabia o que que era”.

“Aí eles convidaro os anões pra ir morá naquela casa, mais eles achava aquela casa muuito grande”.

•Apesar de colar literalmente o enredo do texto-base, no processo de contação, a criança, às vezes, muda de roteiro, inserindo novos elementos à história, ou seja, combina elementos do texto-base com elementos de sua própria experiência.

*“Daí quando foi matá ele não matô a Branca de Neve.
Ele trouxe o coração de um macaquinho”.*

“Ela teve de arrumá e viu treis caminha e ela pôde deitá”.

•Nota-se que a narradora apresenta uma visão negativa da figura da madrasta, associando-a com uma mulher má e relacionando-a com a figura de uma bruxa.

“Aí quando a Branca de Neve cresceu, a sua malvada perguntava todo dia pro espelho...”

“Aí na hora que os sete anões viro, a bruxa correu e eles não sabia o que que era”.

5.2-Tipologia

Essa análise preliminar, prototípica do que ocorreu em todo o corpus, nos possibilitou detectar quatro tipos comuns de ocorrência e propor uma tipologia. São elas: *Marcas da oralidade, Maneiras de contar, Retomada de elementos do cotidiano e Inserção de novos elementos.*

A cada uma dessas categorias, adicionamos outras subcategorias, perfazendo um total de vinte e duas, que estão detalhadas no quadro a seguir:

<ul style="list-style-type: none"> • Marcas da oralidade 	<ul style="list-style-type: none"> a)Diálogo com os textos-base. Uso da memória b)Diálogo com a temporalidade dos contos de fadas c)Uso de marcadores de organização textual d)Recurso da repetição e)Introdução da fala dos personagens f)Exigência do final feliz
<ul style="list-style-type: none"> • Maneiras de contar 	<ul style="list-style-type: none"> a)Mudança na voz e expressões faciais b)Gestos e efeitos sonoros verbais c)Apoio nas ilustrações d)Imitação de atos de leitura e)Explicações/comentários de fatos da história f)Recontos ricos em detalhes g)Relação com as datas comemorativas
<ul style="list-style-type: none"> • Retomada de elementos do cotidiano 	<ul style="list-style-type: none"> a)Expressões próprias dos alunos b)Relação com os afazeres domésticos c)Relação com as atividades realizadas na escola d)Referência à figura dos irmãos mais velhos e)Comparação/relação com informações do cotidiano
<ul style="list-style-type: none"> • Inserção de novos elementos 	<ul style="list-style-type: none"> a)Mudança no roteiro da história. Novos personagens b)Referência a personagens da televisão c)Relação com o trabalho dos pais d)Alternância madrasta/bruxa

Certamente, essa tipologia nos auxiliará no processo de análise e na busca das pistas de visão de mundo das crianças.

5.3-Análise final

A seguir, cada uma das categorias e subcategorias será analisada e, nesta fase, esse processo terá um caráter mais geral, ou seja, os exemplos, ilustrativos de uma determinada ocorrência, serão extraídos não apenas de um único texto, mas de vários.

5.3.1 - Marcas da oralidade

a) Diálogo com os textos base. Uso da memória.

O diálogo com os textos-base pode constituir-se por meio da colagem de alguns elementos desse texto/base. Neste sentido, cabe lembrar que a memória é um dos principais recursos utilizados pelos alunos, nesta etapa da escolarização, o que podemos verificar em vários recontos que apresentaram frases literais do livro:

06- *“Era uma vez uma princesa muito meiga e bondosa.
Seu nome era Branca de Neve.
Dela todos gostavam, menos da madrasta que sempre consultava o seu espelho”.*

38- *“Chapeuzinho Vermelho era uma menina muito bonita e um pouco distraída”.*

46- *“Era uma vez uma pata gorda e simpática que tinha construído seu ninho no meio de uma mata escondida”.*

57- *“Um senhor viúvo que tinha uma filha que muito amava.
Casou-se outra vez com uma viúva que tinha duas filhas”.*

b) Diálogo com a temporalidade dos contos de fadas

Um exemplo recorrente da remissão à temporalidade indefinida dos contos de fadas, suposta, pelos alunos, como uma exigência que deve ser considerada ao contar histórias, refere-se ao aparecimento freqüente do clássico “Era uma vez” no início de quase todos os recontos.

01- *“Era uma vez Chapeuzinho Vermelho”.*

04- *“Era uma vez um castelinho muito bonito...”*

06- *“Era uma vez uma princesa mito meiga e bondosa”.*

18- *“Era uma vez três porquinhos que um dia decidiram fazer sua casa”.*

c) Uso de marcadores de organização textual

Quanto às marcas que remetem a uma forma de organização textual, as mais correntes nos recontos foram o uso do *aí*, *depois*, *e*, *então*, e *daí*, que são tipicamente orais, e apresentam-se como indícios do envolvimento direto do interlocutor com o fio narrativo e também como função de organização do texto, na tentativa de garantir a continuidade da narrativa.

12- “E aí eles viu uma casinha e, do jeito que eles era curiosos, eles queria ver.
E eles foram chegado perto da casinha.
Aí eles viro a casinha cheia de chocolate”.

21- “E assoprô até cansá e não destruiu a casinha.
Aí depois ele resolveu e desceu pela chaminé.
Mais só que o fogo tava aceso.
E depois ele caiu na panela e ele queimô tudo a bunda.
Aí depois eles foram felizes para sempre. Fim”.

23- “Daí ele entrô, comeu a vovó.
Daí ele se vestiu de vovó e deitô na cama.
Daí chegou a Chapeuzinho Vermelho”.

48- “Quando deu meia-noite, ela saiu correndo e perdeu um par do seu sapatinho.
E então o príncipe mandô um mensageiro procurar o sapato e a menina por todos os lados.
Mas a madrasta dela tinha derrubado o sapatinho dela e quebrou.
Então ela tinha outro parzinho de sapato.
Então eles dois foram no castelo e fez o casamento e viveram felizes para sempre”.

d) Recurso da repetição

O uso da repetição nos recontos indica a tentativa de persuadir o interlocutor da intensidade expressiva do fato narrado, ou como assinala KOCH (1998), baseia-se na técnica de “água mole em pedra dura”, ou seja, repete-se como meio de “martelar” na mente do interlocutor até que este se deixe persuadir. Além disso, tal recurso visa oferecer

ao interlocutor o status de co-participante do relato, como se o contador estivesse monitorando o seu dizer com o objetivo de que o interlocutor assimile as informações que aquele julga relevantes para a continuidade temática do relato.

08- “ *Porquinho abra essa porta senão vô assoprá.
É não abriu.
Sopró, assopró, assopró e não conseguiu”.*

28- “*Mas eles empurraro a bruxa no calderão.
A bruxa ficô quente, quente, quente”.*

46- “*Tinha treis ovinhos para chocar.
E na manhã seguinte eles fizeram cloc, cloc, cloc...
Os patinhos já iam saindo e o último era feio, feio, feio”.*

57- “*As filhas da madrasta da Cinderela tavam um dia provano o vestido para o baile.
Daí Cinderela queria ir ao baile só que não podia, não podia ir ao baile”.*

e) Introdução da fala dos personagens

Conforme JURADO FILHO¹ (citado por GOMES-SANTOS, 2003: 143), a introdução da fala dos personagens caracteriza-se como um fenômeno de transmissão da palavra de outrem, em que o narrador procura dar visibilidade ao fato narrado, ou seja, a representação da fala, como se estivesse ocorrendo no momento do reconto, torna-a ponto de referência central, dando não só proximidade ao enunciado passado, como tornando a atividade mais expressiva.

Neste caso, o procedimento mais comum por meio do qual se designa a natureza desse tipo de ação é o de introduzi-la com verbos como *falar* e *dizer* ou, em menor escala,

1. JURADO FILHO, L.C. (1993). Tradição narrativa e ação cotidiana na explicitação de atos de fala em narrativas escolares. In: **ALFA** 37. São Paulo: Educ, pp.43-57. Citado a partir de GOMES-SANTOS, 2003.

com verbos como *perguntar* e *responder*, relacionados de algum modo ao nome da personagem que executa as ações verbais.

4- “Quando Branca de Neve nasceu, sua mãe morreu e o seu pai casou com uma madrasta muito bonita, mas era muito má.

(Mostrando as figuras do livro)

Ela perguntô:

_Espelho, espelho meu, existe alguém mais linda do que eu?

Aí o espelho respondeu:

_Não majestade, tu és mais bela que existe!”

7- “Aí a Chapeuzinho andô, andô e encontrô o lobo.

E o lobo disse:

(Mudando a voz)

_Onde cê vai Chapeuzinho?

E ela falou:

_Eu vô na casa da minha vovozinha, eu vô levar doces para ela, ela tá muito doente”.

f) Exigência do final feliz

O final feliz das histórias que, de certa forma, tem a ver com o item (b) *temporalidade dos contos de fadas*, apresenta-se como uma exigência unânime das crianças, devido, principalmente, ao grau de envolvimento com estas histórias.

07- “Aí o lobo caiu no rio.

Aí a vovó e a Chapeuzinho se abraçaro e viveram felizes para sempre”.

10- “Levou ela para um deserto que ninguém achava.

Até que o príncipe chegou.

Eles construíram seu castelo e viveram felizes para sempre”.

14- “E o pai dela falô assim pra ela:

_Vamos voltá pro nosso castelo e a Fera tá lá quase morrendo.

E a Fera transformou um moço e eles viveram felizes para sempre”.

27- “A rôpa da bruxa começaro a queimá.

Ela correu e nunca mais voltô.

João e Maria encontraro o caminho de casa e acharo os seus pais e foram felizes para sempre”.

5.3.2 - Maneiras de contar

a) Mudança na voz e expressões faciais

A mudança no tom de voz e as expressões faciais foram constantes nos recontos, o que demonstra o envolvimento emocional e a identificação da criança com os personagens destas histórias.

4-“*O mais gordo deles viu a Branca de Neve e gritou:*

(Mudando a entonação da voz)

_ Olha tem alguém na minha cama!

Quando viram a Branca de Neve ficaram encantados com ela”.

7-“*_ Nossa vovó, que boca tão grande!*

(Mudando a voz e franzindo as sobrancelhas)

_ É pa te comer melhor minha netinha!

Aí a Chapeuzinha correu, correu, o lobo saltô da cama e correu atrás dela”.

23-“*Era uma vez a mamãe da Chapeuzinho Vermeio mando levá os docinha pa vovó.*

Daí ela falô assim:

_ Vai pela estrada, não vai pela floresta!

Daí ela foi.

(Cantando)

Pela estrada afora, eu vou bem sozinha, levar esses doces para a vovozinha.

Daí apareceu o lobo e falô assim:

(Afinando a voz)

_ Nonde cê vai?”

30-“*Aí veio uma bruxa que ela enganaro eles que ela era uma velhinha.*

E eles foram junto na casinha dela e ela falô:

(Fazendo careta)

_ Há, há, há, há, há. Voceis não entendero as coisa que eu falei!

Aí prendeu o João na gaiola”.

b) Representando com gestos e efeitos sonoros verbais

Numa tentativa de dar maior expressividade ao fato narrado, como se a ação estivesse acontecendo naquele momento, as crianças fazem os sons dos objetos e gesticulam, como se estivessem encenando a situação.

03- “*Aí ela foi...e tinha uma máquina lá onde que a princesa tava.
Ela pegô...daquelas máquina grande assim.
(Mostrando o tamanho com as mãos)
Aí ela pegô, pois o dedo na máquina e caiu no chão*”.

15- “*Ela sentô na cadera do dono Urso, da dona Ursa e do ...
Bem antes ela despriguiçô pra sentá.
Aí, quando que ela sentô, a cadera ploft...quebrô*”.

38- “*A vovó falou para a Chapeuzinho Vermelho:
(Gesticulando com as mãos na cintura e apontando o dedo)
_ Nunca desobedeça a sua mãe!*”

46- “*Era uma vez uma pata gorda e simpática que tinha construído seu ninho no meio de uma mata escondida.
Tinha três ovinhos para chocar.
E na manhã seguinte, eles fizeram cloc, cloc, cloc...*”

52- “*Cinderela disse:
_ Como que eu vou ao baile, eu não tenho roupa?
_ Você vai ao baile!
Plim!
_ Mas como que eu vou, eu não tenho sapatos?
_ Espere eu vou arrumar um sapato para você.
Plim!*”

c) Apoio nas ilustrações

As ilustrações dos livros são fundamentais para as crianças pré-escolares, visto que, muitas vezes, lêem as histórias por meio das figuras.

24- “*Aí um dia eles tavam jogano grão de milho.
Aí os passarinho comero.
Aí eles se perdero e encontraro um castelo.*

Aí depois aqui (mostrando o desenho do livro) morava um bicho papão, ele e a empregada dele”.

32- *“Depois a bruxa apareceu.*

Aí, quando ela apareceu, ela apareceu no fogo.

(Referindo-se ao desenho que ela viu no livro)

A bruxa falô assim que podia pegá aquela maçã”.

56- *“Aí depois ela mandô a Branca (risos)...Cinderela lavá tudo a rôpa.*

Aí ela tava costurano a rôpa dela de ir ao baile.

(Olhando as figuras do livro)

Nossa! Tinha um monte de passarinho e tinha uns ratinho ajudante”.

d) Imitação de atos de leitura

No decorrer dos recontos, alguns alunos, com o livro em mãos, passavam o dedo indicador sobre as letras, comportando-se como se estivessem lendo. Vale dizer que alguns realmente liam algumas palavras.

2- *“E aí com quinze anos as fadas falou que a precesa podia furá o dedo ne uma máquina.*

(Passando o dedo indicador sobre as letras como se estivesse lendo)

Que possa furá o dedo...de costurar roupa”.

12- *“Aí eles viro a casinha cheia de chocolate.*

(Passando o dedo várias vezes sobre as letras)

Tinha pirulito, tinha sorvete, tinha bolachinha e morango”.

e) Explicações/comentários de fatos da história

Uma grande parte dos recontos foi enriquecida com comentários e explicações dos alunos a respeito de fatos da história, de modo que os colegas pudessem entender melhor o que estava sendo narrado. Tal atitude pode nos mostrar o processo de construção de sentidos das crianças ao se apropriar das histórias.

14-“E a Fera mostrou onde que era a biblioteca pa Bela e ela foi mudando o coração.

E ela ficou muito contente...porque ela ficou gostano da Fera.
Aí ela ficou com muito saudade do pai e ela foi visitar”.

26-“Muito bem Chapeuzinho Vermelho, vai por esse lado aqui (apontando com o dedo) que é mais perto!

O lobo mau foi esperto e cortô atalho e chegô mais primero”.

32-“Aí depois, quando a bruxa foi embora, o príncipe falou:

Rapunzel jogue suas trança para mim!
Aí ela jogou sabendo que era um homem”.

38-“Os bichinhos da floresta sabia de toda a maldade do lobo e começou a impedir Chapeuzinho Vermelho para...para... não falar com ele.

O lobo saiu correndo, ele que chegô em primero, engoliu a vovó e se vestiu, colocô a tóca e o óculos”.

f) Recontos ricos em detalhes

Uma característica marcante que se pôde observar é a riqueza de detalhes presentes nos recontos das crianças.

44-“Quando Branca de Neve nasceu, sua mãe morreu e o seu pai casou com uma madrasta muito bonita, mas era muito má”.

18-“Era uma vez três porquinhos que um dia decidiram fazer sua casa.

Um fez uma casa de palha, o outro uma casa de madeira e um uma casa de tijolos”.

25-“Aí ela empurrô a porta, entrô e viu três tigelas de...mingau quente na mesa.

Um ela isprementô e tava muito quente.

Outro ela esprementô tava muito gelado.

E a outra tava gostosa e ela comeu.

Aí ela foi se sentano.

Na primera cadera, uma tava muito dura.

Outra tava muito mole.

Outra tava melhor”.

g) Relação com as datas comemorativas

As crianças utilizam datas comemorativas para tornarem seus recontos mais claros, ou melhor, para se fazer entender.

17- *“Era uma vez a mamãe mandô Chapeuzinho Vermelho levá os ovinho pa vovó”.*
(Reconto realizado às vésperas da Páscoa).

5.3.3 - Retomada de elementos do cotidiano

a) Expressões próprias dos alunos

Ao recontar as histórias, os alunos utilizam palavras e expressões comuns presentes em seu cotidiano, que fazem parte do processo de construção da linguagem dessas crianças.

01- *“Fez a voz igual da Chapeuzinho Vermelho.
E depois ele entrou com tudo e comeu a vovó”.*

09- *“Daí a mamãe falô pra não ir pelo caminho do lobo mau.
E ela teimô e foi.
(...)
Nossa vovó, que boca tão grande!
É pa te comeeee!
Chapeuzinho Vermelho saiu vazado”.*

22- *“Depois ele se casou com uma princesa muito má.
Ela judiava da Branca de Neve”.*

56- *“Ela correu e perdeu o sapatinho de cristal.
Aí o correio foi levá pra ela e as irmã dela ficaro tudo babano”.*

16- *“Aí, no dia da neve, os caçadores tava caçando o Bambi.
(Dia da neve = inverno).
E aí ele conseguiu escapar.
No dia do calor, o Bambi já tinha crescido e os caçadores começaro caçá o Bambi”.*
(Dia do calor = verão).

b) Relação com os afazeres domésticos

Devido à identificação da criança com os personagens e à sua apropriação das histórias, alguns recontos apresentaram relação com as atividades domésticas que ela realiza. De acordo com informações fornecidas pelas professoras, várias crianças costumam ajudar os pais em casa.

05- *“Era uma vez a Branca de Neve que limpava a casa dela.*

(...)

Aí depois os anãozinho chegaram.

Um limpava o banheiro, outro limpava a casa, outro passava pano no chão, outro limpava o armário”.

43- *“Aí a Branca de Neve estava dormindo.*

Aí ela acordô e falô que ela fazia uma comida bem gostosa.

Branca de Neve barreu a casa dos sete anões”.

52- *“Ela lavava sempre a roupa suja da madrasta.*

Ela mandou:

_ Cinderela, lave esta roupa suja!

Ela lavou”.

53- *“Era uma vez uma moça que chamava Cinderela.*

A madrasta pediu para Cinderela lavar a roupa que estava chuja.

Aí a madrasta falou que mais tarde era pra passar”.

c) Relação com as atividades realizadas na escola

Algumas ações dos personagens dos recontos foram modificadas pelos alunos que, de acordo com seus referenciais, acabavam por relacionar tais ações com as atividades que realizam na escola.

46- *“E a mamãe pata resolveu levar seus filhotes nos balanços.*

Eles pularam, eles ficou a tarde inteira nadano”.

47- *“Aí deu meia-noite e tocô o sinal pra eles ir embora e eles nem perceberam.*

Aí Cinderela correu, correu que derrubô o seu sapatinho”.

56- *“Aí o príncipe só ficava dançano com ela.*

Aí tocô o sinal meia-noite”.

d) Referência à figura dos irmãos mais velhos

As crianças pré-escolares tomam a figura dos irmãos mais velhos como referências, o que pode ser observado em alguns recontos.

40-“ *_ Quando fazer deis anos ela vai vim e colocá o dedo na máquina de costurá!
Aí quando completou deis anos, ela foi lá e furô o dedo*”.
(Dez anos: idade da irmã do aluno).

42-“*Era uma vez os três porquinhos que não tinham casa.
Eles pegaram palha para fazer as suas casinhas.
Aí depois foi o seu irmão mais velho que fez.
O seu irmão mais velho pegô palha e construiu a casa”.*

e) Comparação/relação com informações do cotidiano

Vários recontos foram permeados por comparações e relações que as crianças fazem com o que elas já conhecem do mundo.

19-“*Era uma vez os três porquinhos que resolveram fazê uma casinha de palha.
Um feiz uma casinha de palha, que nem do índio*”.

33-“*Rapunzel disse:
_ Sempre que você vim aqui na minha casa traz um shampoo Seda*”.
(Shampoo Seda = fios de seda).

48-“*E fez aquele vestido velho num vestido novo e bonito.
E catô uma abóbora e fez uma carroçagem*”.
(Carroçagem = carroça/carruagem)

52-“*Até que um dia chegou o carteiro e disse:
_ O rei tá mandando uma carta para um baile no castelo*”.
(Carteiro = mensageiro)

56-“*Ela correu e perdeu o sapatinho de cristal.
Aí o correio foi levá pra ela...*”

5.3.4 - Inserção de novos elementos

a) Mudança no roteiro da história. Inclusão de outros personagens

O texto-base foi combinado com outros elementos extraídos de outras histórias ou da história de vida das crianças, caracterizando-se como uma relação intertextual. Conseqüentemente, um considerável número de histórias teve seu roteiro mudado e personagens acrescentados pelas crianças, visto que o desfecho dos recontos acontecia de acordo com o que o narrador esperava/desejava que acontecesse.

28- *“Mas eles empurraro a bruxa no calderão.
A bruxa ficô quente, quente, quente.
E tomaro sopa de bruxa!”*

35- *“E quando o bebê nasceu ela estava com vontade de comer rabanete.
E o pai do bebê foi lá e pegô.
Aí a bruxa tinha um cachorro.
Aí o cachorro começô a lati”.*

44- *“Mas como a maçã tava gostosa, ela pegô e só de uma mordida ela caiu.
E aí arrastô, chacoalhô e os anãozinho choraro.
Aí chamaro o médico e não adiantô.
E aí chamaro um rei pra ajudá”.*

50- *“A madrasta de Branca de Neve mandou o caçador levá-lo e matá-lo bem longe,
numa floresta bem longe daqui.
O caçador ficou com muita dó e disse:
Fuja, fuja!
Ele matou o coração de uma galinha”.*

55- *“Dá meia-noite cê vai embora!
Aí depois ela correu, aí depois ela perdeu um tamanquinho de cristal”.*

c) Referência a personagens da televisão

Nos recontos analisados, alguns vilões e heróis receberam nomes iguais aos dos personagens de programas da televisão, bem como de desenhos animados.

- 11- *“Aí a bruxa Kéka robô a menininha.
Aí a menininha cresceu e a bruxa pois o nome nela de Raponzel”.*
(Bruxa Kéka é uma personagem de um programa da Xuxa)
- 13- *“Pai de treis rapazes morreu.
Um dexô um... num sei o quê, pra um dexô um burro, outro um cato chamado Lion”.*
(Lion é um homem-gato de um desenho animado chamado *Thundercats*)
- 40- *“Mas quando a terceira...a bruxa vermelha apareceu e falou:
_Por que não convidaro eu pra ser madrinha tamém?
Aí fez um feitiço”.*
(A bruxa vermelha pertence ao programa *Castelo Rá-Tim-Bum*)

c) Relação com o trabalho dos pais

O trabalho realizado pelos pais serviu de referência às atividades de alguns personagens dos recontos. De acordo com informações fornecidas pelas professoras, o pai da criança do reconto 12, trabalha na safra da laranja (na roça) e em relação ao reconto 38, a mãe da criança faz pães de mel para vender.

- 12- *“Era uma vez o pai de João e de Maria que trabalhava na roça.
Ele teve uma idéia deles cortá lenha”.*
- 38- *“Chapeuzinho Vermelho era uma menina muito bonita e um pouco distraída.
Sua mãe fez uns pãozinho de mel e mandou levar para sua vovó que estava muito doente”.*

d) Alternância madrasta/bruxa

Em seus recontos, os alunos mostram a visão negativa que têm da figura da madrasta, como uma mulher má, geralmente de presença indesejável, sendo relacionada, em alguns casos, com a figura da bruxa.

- 29- *“Era uma vez um lenhador que morava numa casinha no bosque.
A esposa dele morreu e veio uma mulher.”*

Aí se casou com ela.

Aí falou:

Melhor abandonar essas crianças na floresta, aí sobra mais comida.

(...)

Aí João e Maria empurrô a bruxa no calderão.

E aí eles voltaro pra casa, aí o pai deles mandô a madrasta embora”.

44- *“Quando Branca de Neve nasceu, sua mãe morreu e o príncipe foi procurá outra mulher.*

Aí achô a mulher que ele queria.

E quando Branca de Neve foi crescendo, a bruxa falô assim:

“Espelho, espelho meu, existe alguém mais linda do que eu?”

49- *“Era uma vez uma menina chamada Cinderela.*

O pai dela morreu e tinha duas irmã dela e uma bruxa muito malvada”.

5.4-Observações e reflexões

No percurso realizado com os recontos, deparamo-nos a todo momento com a apropriação das histórias pelas crianças, sua releitura e produção de sentidos e, nesse “reescrever” oral das histórias ouvidas, vemos que as crianças ultrapassam o texto escrito, interpretando-o à sua maneira, de acordo com os referenciais e idealizações de mundo que possui.

A princípio, o recontar histórias parece ser uma atividade simples. Contudo, verifica-se que é uma tarefa que envolve habilidades complexas, de caráter cognitivo, lingüístico e social. A criança ao produzir uma história precisa ter conhecimento sobre eventos, ter memória de episódios vividos, ter conhecimento sobre pessoas, interações sociais e o mundo, além de conhecimentos sobre características lingüísticas e estruturais dos diferentes gêneros narrativos, entre outras coisas.

A análise nos mostra que as pistas da visão de mundo estão presentes em todo o processo de contação de histórias. No entanto, começam a surgir mais intensamente quando a criança insere no reconto o seu jeito de ser, ou seja, a partir da categoria Maneiras de contar em diante, vai deixando marcas das coisas que permeiam sua vida, enfim, de sua percepção de mundo.

Apesar da exigência do final feliz estar na categoria inicial de nossa análise, ela tem muito a ver com a visão de mundo da criança. Veja-se o exemplo (10):

“Eles construíram seu castelo e viveram felizes para sempre”.

Nesse reconto, podemos observar que está implícita a idéia da construção da casa para o casamento que será uma união feliz, muitas vezes diferente da realidade em que se encontra a criança, mas de acordo com o que ela realmente espera da vida. Desse modo, tal exigência não representa uma simples expressão congelada que fica de seu diálogo com os contos de fadas. Percebe-se que essa expressão significa muito mais para a criança.

Conforme BETTELHEIM (1980), o final feliz das histórias reconforta e alivia as pressões internas presentes na criança. Além disso, de acordo com CUNHA (1997), se o adulto é capaz de ler um livro ou ver um filme que acabe mal, sem deixar de apreciar o livro ou o filme, pelo aspecto puramente artístico, ou pela realidade da vida neles apresentada, tal não se pode esperar da criança. Normalmente ela vive a história, identifica-se com a personagem simpática e o final desagradável a feriria inutilmente. Além disso, a criança espera que o futuro lhe reserva grandes feitos, que os seus desejos virão a realizar-se e que a felicidade está no campo dos possíveis.

Por meio da observação dos recontos pôde-se constatar que os alunos utilizam o recurso memorialístico para compor suas histórias. Percebeu-se que alguns deles, com o

livro nas mãos e adotando uma postura como se estivessem lendo, recontavam as histórias usando expressões literalmente encontradas no livro.

Outros, por esquecimento ou por motivos diversos, paravam o reconto e olhavam para as figuras do livro em busca de apoio. Essa conduta variava de intensidade de acordo com cada criança, mas o faziam para continuar suas histórias do ponto em que paravam. Além disso, cada vez que uma página era virada, os colegas queriam ver tais figuras e irritavam-se quando isso não acontecia.

Enfim, ao imitarem atos de leitura, as crianças fazem de conta que estão lendo convencionalmente, passando o dedo sobre as letras ou apenas acompanhando com os olhos, virando as páginas dos livros, recontando o que já ouviram de um adulto e fazendo sua própria interpretação ou leitura das histórias.

Esta situação enquadra-se no que VIGOTSKI (1984) chama de memória mediada. Para o autor, tal recurso permite ao indivíduo controlar seu próprio comportamento, por meio da utilização de instrumentos e signos (o livro e as ilustrações, neste caso) que provoquem a lembrança do conteúdo a ser recuperado, de forma deliberada.

Devemos atentar para o fato de que para as crianças pequenas, o desenho das palavras é um sinal incompreensível e esses pequenos signos negros cabalísticos aparentemente não dizem nada. Por isso, para as crianças nesta idade, a história se dá nas imagens, visto que a imagem (desenho, fotografia, recorte) é um sinal que elas “traduzem” facilmente.

De acordo com CUNHA (1997) as figuras dos livros representam um ícone e este sinal (ou signo) mantém relações tão próximas, na aparência, com o objeto representado, que é imediatamente entendido pelo receptor. Desse modo, no entender da autora, para as

crianças pequenas, em quem queremos desenvolver o interesse pelas histórias, em geral lidas para elas, as gravuras são muito importantes e significativas*.

VILLARDI (1999) salienta a importância da ilustração por tratar-se de uma linguagem que a criança domina amplamente, sendo plena de significado torna-se uma ponte entre o texto e a criança.

No entender da autora, cabe ao adulto que acompanha a criança, nessa fase, fazer com que ela perceba que existe uma relação entre o que se fala e os sinais utilizados na escrita, o que pode ser conseguido acompanhando com o dedo a leitura dos textos. O nível de desenvolvimento lingüístico, por sua vez, já permite que a criança tenha “domínio” sobre as histórias que conhece bem, motivo pelo qual é importante incentivá-la a “ler” as histórias, o que ela fará à sua maneira, com suporte na ilustração.

Conforme os estudos de REGO (1985), inicialmente, quando a criança começa a imitar atos de leitura, as figuras do livro constituem o seu principal referencial. Nessa fase, os textos criados pelas crianças contêm apenas algumas das informações presentes nas histórias escutadas e pouco se assemelham a um ato de leitura. A linguagem utilizada é basicamente coloquial, a narrativa não obedece à seqüência original da história e é impregnada de sentenças cujo referencial é a figura. Por isso, é comum as crianças mencionarem que estão lendo na figura.

* No entanto, a autora enfatiza que a ilustração apresenta a leitura que um artista fez do texto feito por outro artista – o escritor. Neste sentido, assim como o texto artístico permite muitas leituras (uma das quais a da pessoa que o ilustrou), o mínimo que a ilustração tem de fazer é ser ela também tão conotativa, cheia de sugestões, que não impeça outras leituras do texto, mas sim dê às crianças a oportunidade de imaginar, recriar, ir além do próprio desenho.

Na fase seguinte, segundo a autora, percebe-se que a criança, ao recontar, começa a ter a preocupação de repetir os textos das histórias ouvidas. As leituras de faz-de-conta tornam-se bem mais reais. A criança passa a recontar as histórias o mais fielmente possível, com a preocupação de manter a seqüência dos fatos originais. Ela utiliza uma linguagem cada vez mais independente da interação verbal e mais próxima das convenções específicas da linguagem escrita.

Então, à medida que as crianças tornam-se mais familiarizadas com as leituras repetidas de livros, suas re-interpretações passam a recontar grandes trechos dos livros de forma literal. Este tipo de comportamento, freqüentemente, tem sido entendido apenas como memorização. Porém, pesquisas atuais indicam que a criança não apresenta apenas uma rotina memorizada, ela usa, principalmente, estratégias, esforços e conceptualizações para recontar a história.

Já o recontar sem o apoio do livro mostrou-se bastante fértil na busca das pistas da visão de mundo das crianças, uma vez que, após terem ouvido várias vezes e se apropriarem das histórias, as crianças mostravam-se bastante seguras e livres para recontarem do “seu” jeito e adaptavam as histórias de acordo com seus referenciais, acrescentavam personagens e/ou mudavam o roteiro original.

Veja-se o exemplo (44)- Menino sem o livro:

*“Aí a Branca de Neve falou assim:
Eu não aceito coisa de estranho...”
“Aí chamaro o médico e não adiantô.
E aí chamaro um rei pra ajudá”.*

Nota-se que, neste reconto, além de utilizar o recurso da memória para seguir o roteiro da história, a criança faz apelo à sua imaginação e aos conhecimentos de mundo que

possui, tanto ao dizer que não aceita coisas de estranhos, o que provavelmente é um ensinamento que aprendeu em casa, como também ao introduzir um médico na história, pois independente da época, para a criança sempre haverá um médico para ajudar quando alguém não se encontra bem de saúde.

Cabe destacar que muitos recontos apresentaram-se atravessados pela retomada de elementos da ação cotidiana, relativos ao imaginário lúdico infantil e, neste contexto, as pistas da visão de mundo representam indícios da relação da criança com o que ela conhece/deseja/espera que seja o mundo. Isso pôde ser constatado quando as crianças, em seus recontos, explicavam ou comentavam fatos da história, relacionavam personagens da televisão, profissões dos pais, datas ou outras atividades cotidianas, como as que realizam na escola ou em casa, de modo a inseri-las em “suas” histórias; quando acrescentavam personagens ou mudavam o final de acordo com o que lhes convinha.

Trechos dos recontos (26), (11), (38), (17), (47) e (33) ilustram a estreita relação da criança com as histórias ouvidas:

Reconto (26):

“Muito bem Chapeuzinho Vermelho, vai por esse lado aqui (apontando com o dedo) que é mais perto!

O lobo mau foi esperto e cortô atalho e chegô mais primero”.

O fato narrado em discurso direto e o gesto dão maior vivacidade ao reconto e explicitam a esperteza do lobo que, sabendo do atalho, chegaria primeiro à casa da vovó. Isso nos mostra o processo de produção de sentido por parte da criança.

Reconto (11):

“Aí a bruxa Kéka robô a menininha”.

Neste trecho temos a presença da bruxa Kéka, personagem de um programa diário da Xuxa, que por fazer parte do cotidiano da criança, encontra-se refletida em seu reconto.

Reconto (38):

“Sua mãe fez uns pãozinho de mel e mandou levar para sua vovó que estava muito doente”.

Podemos observar a ligação que a criança faz entre a história contada e o trabalho dos pais. No reconto, os doces da cesta foram substituídos por pães de mel. Sabemos que a mãe da narradora produz e vende tais pães e estes representam algo valioso que a criança tem a oferecer de presente para a vovó.

Reconto (17):

“Era uma vez a mamãe mandô Chapeuzinho Vermelho levá os ovinho pa vovó”.

Como o reconto aconteceu às vésperas da Páscoa, os docinhos que a personagem levaria para a vovó transformaram-se em ovinhos, porque, no entender da criança, nessa época do ano, todas as pessoas são presenteadas com ovos de chocolate, o que não seria diferente com a vovó.

Reconto (47):

“Aí deu meia-noite e tocô o sinal pra eles ir embora e eles nem perceberam”.

Na história, ao dar meia-noite, tocam os sinos do castelo, no entanto, por estar habituada com o sinal da escola, que toca tanto na entrada quanto na saída dos alunos, a criança o insere em seu reconto de maneira a dar sentido ao fato narrado.

Reconto (33):

“Rapunzel disse:

_ Sempre que você vim aqui na minha casa traz um shampoo seda”.

Podemos observar neste trecho dois elementos importantes: a torre em que Rapunzel vivia enclausurada, isolada de tudo e de todos, para a criança, independente de ser uma prisão, representa a casa da personagem, pois “todas” as pessoas têm um lugar para morar. Além disso, podemos observar a referência interessante que a criança faz aos fios de seda – que seriam usados para que a personagem construísse uma escada para fugir da

torre. Ao solicitar o shampoo, a narradora relaciona os fios de seda e os cabelos longos da personagem com uma marca de shampoo bastante divulgada na mídia.

Assim, pensamos que estas atitudes das crianças não são desvios no processo de compreensão como, às vezes, é entendido na prática escolar, mas, o contrário, são a manifestação dos mecanismos de compreensão utilizados pelas crianças para a construção dos sentidos do texto. Ou seja, as “saídas” que as crianças fazem do texto, por meio de associações com suas vivências pessoais e com elementos presentes em seu imaginário, são, de fato, formas de compreensão.

Desse modo, chamamos de “aproximações com o texto” as relações que os alunos tentam estabelecer entre o que ouviram do texto e as suas vivências pessoais ou entre o que identificam no texto e os seus conhecimentos lingüísticos - como, por exemplo, quando usam expressões próprias de seu grupo ou inventam palavras - isto é, as articulações feitas tanto em termos de uma articulação com as suas experiências, quanto a partir do destaque de palavras isoladas e desconhecidas que são contextualizadas com vistas à significação.

É preciso destacar que esses esquemas que a criança utiliza no oral, ela retoma na escrita, ou seja, a intertextualidade que encontramos no oral, a criança acaba por usar no processo de produção da escrita, ao recontar a história por escrito*.

Portanto, o movimento vai sempre na direção da produção de sentidos. Durante a realização da atividade do reconto, pudemos observar que as crianças não só buscam a apreensão do texto como um todo, como também fazem outras “leituras”. Neste

* Ver GOMES-SANTOS (2003) que realizou um estudo muito relevante a este respeito.

contexto, apreender a atividade de recontar como uma atividade enunciativa possibilitou tomá-la também como registro da leitura do aluno e, em consequência, como atividade interpretativa, como produtora de sentidos por excelência.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Gato de Botas,
sabido,
não descansa, nem dá tréguas:
por botas espaciais
trocou as de sete léguas.
E, calçando as botas novas,
Esqueceu o Carabá;
Instalou mansão na Lua
E vive de lá p’ra cá...
Está fazendo a reforma
Das estórias encantadas,
Com nova sede
Na Lua
E residência das Fadas”.*
(*Bárbara Vasconcelos de Carvalho*)

Neste momento serão apresentadas algumas considerações acerca do ponto de partida e do ponto de chegada deste trabalho, os quais têm a mesma referência: ouvir e contar histórias e todas as suas implicações.

A primeira consideração que merece ser realizada refere-se ao contato sistemático com a leitura e com os livros de histórias que, acreditamos, permitirá à criança o desenvolvimento de habilidades relacionadas à leitura e à escrita, tão decisivas para o sucesso escolar e para o tornar-se leitor. No entanto, entendemos que esta sistematicidade no trabalho com livros de histórias infantis nas classes de pré-escolares deve vir acompanhada da busca por fornecer atividades significativas às crianças e uma dessas atividades é, sem dúvida, o recontar histórias.

Quando em situação interativa em sala de aula, estando a professora e outras crianças mediando a compreensão do aluno, este fenômeno pode ser o início de um processo que leva o aluno a aproximações cada vez mais adequadas aos sentidos do texto. Desse modo, mesmo caracterizando a situação como sendo um fenômeno de “apropriação

do texto” que, em princípio, levará a criança a se distanciar dos sentidos construídos pelo autor, os seus desdobramentos posteriores – a compreensão do texto – poderia fazer com que fosse encarado como algo inevitável no processo que conduz à compreensão efetiva.

Portanto, acreditamos que o leitor até pode ir ao encontro da intenção do autor, mas a leitura não se esgota nisso porque também provoca o encontro com outros textos. Cabe dizer que, quando as crianças estão conversando sobre uma história lida, também constroem outras histórias a partir das motivações que os conteúdos temáticos desta história lhes despertam. O diálogo na “leitura” das crianças aparece na forma dos recontos e dos outros sentidos que constroem e produzem, levando em conta as suas experiências e vivências sociais e culturais.

Pode-se dizer, então, que o reconto de uma história por uma criança provoca um diálogo dela consigo mesma, uma vez que leva a criança a novas elaborações de pensamento e a outros sentidos, portanto, a outros textos e a outras histórias que refletem a sua realidade concreta, a sua experiência de vida e os dos conhecimentos que já tem construídos, enfim, a sua “visão de mundo”.

Se aceitarmos a compreensão da leitura como um processo que ultrapassa o limite do texto escrito, ou do contexto lingüístico, e avança para a vida, ou seja, para outros contextos que estão relacionados com as vivências sociais de cada criança, então o texto escrito, quando “lido” pelas crianças, possibilita uma multiplicidade de sentidos, só captada porque estão interagindo entre si e em torno do mundo da leitura, conseqüentemente, recuperando histórias e acontecimentos da própria vida.

Poderíamos concluir que, do ponto de vista do trabalho com a leitura na escola, numa proposta em que se possibilite uma discussão coletiva, os momentos de apropriação

das histórias são inevitáveis. De um lado, é o caminho percorrido pelo aluno para a construção de sentidos, de outro, pode e deve ser incorporada pelo ensino, tornando-se o ponto de partida da ação e da intervenção pedagógica.

Neste contexto, cabe dizer que impedir a criança de experimentar, vivenciar este processo de leitura é impedi-la de ser sujeito, é considerá-la um ser abstrato inteiramente limpo de influências externas e das particularidades das interações específicas de cada grupo social a que pertence.

Há que se dizer, ainda, que o trabalho realizado tornou possível formular a idéia de que a falta de conscientização da importância da estimulação à leitura no contexto escolar (e familiar), no sentido de mostrar que o ato de ler é uma atividade prazerosa para as crianças, e principalmente de realizar atividades que proporcionem um melhor desempenho neste aspecto, podem ser vistos como alguns dos obstáculos para a evolução dos alunos em relação aos vários aspectos da linguagem oral e escrita, bem como da formação de leitores.

Assim, pensamos que uma possível alternativa seria inverter a ótica, ou seja, deixar de investir no hábito – que é o que a escola faz quando obriga a ler, apostando na imobilidade, como se, uma vez adquiridos, os hábitos não se perdessem em desvios do caminho – e investir no gosto, no prazer, numa predisposição que se realimentasse, por ela mesma, a cada leitura.

Acreditamos que ensinar a gostar de ler é ensinar a se emocionar com os sentidos e com a razão (porque, para gostar apenas com os sentidos, não há necessidade da interferência da escola); e, para isso, é preciso ensinar a enxergar o que não está evidente, a achar as pistas e a retirar do texto (seja oral ou escrito) os sentidos que se escondem por detrás daquilo que se escreve ou diz.

Ao colocar o centro da questão no desenvolvimento do gosto pela leitura, passamos a lidar, especificamente, com a formação do leitor, o que envolve a criação de estreitos vínculos entre a criança e o livro. Se o que buscamos é a formação de um leitor para toda a vida, nada mais lógico que permitir que tal formação tenha início muito antes de a criança ser capaz de ler, sem a ajuda de um adulto.

Desse modo, quanto mais cedo a criança tiver contato com livros, melhor; e quanto mais for capaz de ver no livro um grande brinquedo, ou seja, uma fonte de prazer, mais fortes serão, no futuro, seus vínculos com a leitura.

Neste sentido, creio que seja válido ressaltar o trabalho com conto e reconto das histórias infantis que vem sendo realizado nas EMEIs pesquisadas, o qual abrange crianças desde os quatro anos de idade, apresentando a elas o mundo da leitura e fornecendo, pelo menos no caso observado, oportunidades para as crianças refletirem sobre as histórias e produzirem sentido sobre elas.

Acreditamos serem estas as contribuições que decorrem das reflexões que buscamos explicitar neste estudo, porém, parafraseando GOMES-SANTOS (2003), nosso texto é somente uma reentrância desse tecido cheio de já-ditos, não-ditos e ditos-por-dizer que constitui toda prática de produção do saber.

Tendo em vista estas considerações, entende-se que “Sherazade” deveria visitar mais vezes nossas salas de aula, não para sustentar a disciplina, nem para preencher um vazio pedagógico, mas para proporcionar sistematicamente o contato com as possibilidades significativas da leitura.

7-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. **Cenas de aquisição da escrita**. O sujeito e o trabalho com o texto. Campinas-SP: Associação de Leitura do Brasil (ALB): Mercado de Letras, 1997.

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil** – Gostosuras e Bobices. São Paulo: Scipione, 1991.

ALLOUFA, J.M.L. e L'ABBATE, M.L.P. Pesquisa e formação do professor na área da leitura e escrita no ensino fundamental. In: **CADERNOS EDUCAÇÃO BÁSICA**. Série Institucional. Formação de professores e alunos leitores. Belo Horizonte-MG: MEC, 1994.

AMARILHA, M. **Estão mortas as fadas?** – 2ª ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

BENJAMIN, W. “O Narrador” e “Experiência e Pobreza”. In: **Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BUSATTO, C. **Contar & Encantar**: Pequenos segredos da narrativa. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & Lingüística**. São Paulo: Scipione, 2002.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.

CUNHA, M. A. A. **Literatura Infantil**. Teoria e Prática. São Paulo: Ática, 1997.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1987.

_____. **Professora sim, tia não.** Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1994.

GOMES-SANTOS, S. N. **Recontando histórias na escola: gêneros discursivos e produção da escrita.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KOCH, I. V. **O texto e a produção dos sentidos.** São Paulo: Contexto, 1998.

KOCH, I. V. e TRAVAGLIA, L. C. **Texto e Coerência.** São Paulo: Cortez, 1997.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 2000.

LEMOS, C. T. G. Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original. In: **Boletim da Abralín**, 3, p.97-126, 1982

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986

LURIA, A.R. Vigotski. In: VIGOTSKI, L.S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 1991.

MATÃO. Secretaria de Educação e Cultura. Divisão de Pré-Escola. **Proposta Pedagógica da Educação Infantil**, 2004.

MUKHINA, V. **Psicologia da idade pré-escolar.** Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

OLIVEIRA, M.K. **Vigotski: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

_____. Pensar a educação: Contribuições de Vygotsky. In: CASTORINA, J.A. et al. **PIAGET-VYGOTSKY: Novas contribuições para o debate**. São Paulo: Ática, 2002. p.53-83.

ORLANDI, E. Significação, leitura e redação. In: **Trabalhos em lingüística aplicada**. n 3, (p 37-44). UNICAMP-FUNCAMP, Campinas, São Paulo, 1984.

PERRONI, M. C. **O desenvolvimento do discurso narrativo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

REGO, L. M. L. B. Descobrimo a língua escrita antes de aprender a ler: algumas implicações pedagógicas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, 66, 152, p.5-27, 1985.

SILVA, E. T. **De olhos abertos**. Reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1991.

TRAÇA, M. E. **O Fio da Memória** – do Conto Popular ao Conto para Crianças. Lisboa (Portugal): Porto Editora, 1992.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. **Imaginacion y el arte en la infancia**. México: Hispânicas, 1987.

_____. **Obras Escogidas**. Madri: Visor, Tomo III, 1995.

_____. **Psicologia Pedagógica.** Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001(a).

_____. **A Construção do Pensamento e da Linguagem.** Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001(b).

VILLARDI, R. **Ensinando a Gostar de Ler** e formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Dunya, 1999.

ZANOTTO, M. A. C. **A leitura de livros de histórias infantis e o recontar histórias:** estudo do desempenho de crianças pré-escolares. Dissertação de mestrado, PPGE-UFSCar, São Carlos, 1996.

ANEXO

Recontos

01-Data: 16/03/04 – EMEI azul

Menino com o livro – Chapeuzinho Vermelho

Era uma vez Chapeuzinho Vermelho.

A mamãe mandô Chapeuzinho levá o docinho pa vovó.

A mamãe falô:

_ Não vai pela floresta.

Aí o lobo mau chegô...

Mandô a menina pela floresta.

_ Colhe florzinha pa vovó.

Foi correno pa casa da vovó.

Fez a voz igual da Chapeuzinho Vermelho.

E depois ele entrou com tudo e comeu a vovó.

Aí a Chapeuzinho veio e falô assim:

(Fazendo voz de espanto)

_ Que zóio tão grande!

_ Que oreia tão grande!

_ É pa te escutar melhor.

_ Nossa que olhos grande!

_ É pa te ver melhor.

_ Nossa que nariz grande!

_ É pa te cheirá melhor.

_ Nossa que boca grande!

_ É pa te comer melhor!

O lobo mau veio com tudo.

Viu...tirou...deu uma paulada na cabeça do lobo...(risos) o caçador.

Aí depois tirô a vovó de dentro.

E acabou.

* * * * *

02-Data: 17/03/04 – EMEI verde

Menina com o livro – A Bela Adormecida

Era uma vez...

Dois reis...É, dois reis num castelo.

Uma rainha e um rei deu uma festa no reino deles.

Eles convedou treis fadas e uma não veio.

Porque uma não veio e virou bruxa.

E aí ela ficou triste porque ela queria que a Bela Adormecida furasse o dedo.

(Mostrando as figuras do livro para os colegas)

E aí com quinze anos as fadas falou que a prencesa podia furá o dedo ne uma máquina.

(Passando o dedo indicador sobre as letras como se estivesse lendo)

Que possa furá o dedo...de costurar roupa.

E aí, com quinze anos, ela tava ne uma torre bem alta.

E ficou triste porque a Bela Adormecida ia furá o dedo.

Mas, com isto, ela ficou mais grande que podia.

E aí, um dia, ela furou seu dedo.

(Passando o dedo sobre as letras)

E com quinze anos ela furô o seu dedo na máquina de costurá.

(Mostrando o livro para os colegas)

E aí ela furô o seu dedo e caiu no chão.

Quando todas as fadas chegaram e viu que ela furô o dedo.

E aí só um príncipe encantado poderia salvá-la.

(Olhando para as figuras do livro)

Com um monte de espinho no castelo poderia salvá ela só um príncipe encantado corajoso.

E aí ele subiu...aqui. (Mostrando a figura do livro)

Ele subiu...não tem medo de espinho.

Ele deu um beijo nela e ela voltou ao normal.

* * * * *

03-Data: 17/03/04 – EMEI verde

Menino sem o livro – A Bela Adormecida

Era uma vez uma princesa.

Até que um dia que teve uma festa e tinha treis fada.

Aí uma fada falô que ia furá o dedo da princesa.

Aí ela tava ficando grande.

Aí ela foi...e tinha uma máquina lá onde que a princesa tava.

Ela pegô...daquelas máquina grande assim. (Mostrando o tamanho com as mãos)

Aí ela pegô, pois o dedo na máquina e caiu no chão.

Aí o príncipe foi...foi lá, subiu no castelo e beijô a princesa e ela voltô ao normal.

* * * * *

04-Data: 18/03/04 – EMEI azul

Menina com o livro – Branca de Neve

Era uma vez um castelinho muito bonito que morava...

Quando nasceu Branca de Neve ali naquele castelinho era muito bonito.

(Mostrando as figuras do livro)

Quando Branca de Neve nasceu, sua mãe morreu e o seu pai casou com uma madrasta muito bonita, mas era muito má.

(Mostrando as figuras do livro)

Ela perguntô:

_ Espelho, espelho meu, existe alguém mais linda do que eu?

Aí o espelho respondeu:

_ Não majestade, tu és mais bela que existe!

(Olhando as figuras)

O espelho falou, mostrou onde Branca de Neve estava.

(Mostrando o livro)

E fez feitiço para matar Branca de Neve.

Quando ele chegou, falou:

_ Branca de Neve fuja, a rainha vai te matá-la!

Ela fugiu e encontrô uma casinha muito bonitinha, ficô curiosa e entrou.

Ela pensou em tudo aquela bagunça, pensô em arrumá tudo.

Ela arrumô tudo enquanto os anão chegaram.

(Mostrando o livro)

Muitos surpresos chegaram lá, sua casa estava toda bonita, toda brilhante.

(Olhando as figuras)

O mais gordo deles viu a Branca de Neve e gritou:

(Mudando a entonação da voz)

_ Olha tem alguém na minha cama!

Quando viram a Branca de Neve ficaram encantados com ela.

(Pausa)

Limpou toda a casa, bonita e cherosa.

(Olhando as figuras do livro)

O espelho mostrou di novo onde tava a Branca de Neve.

Ficou nervosa e infeitiçô uma maçã.

Quando ele saiu, a véia chegou lá vendeno maçã.

Aí ela falô:

_ Não, não quero comprá, não tenho dinheiro.

Aí ela falô:

_ Não tem importância, pode comê.

Aí ela comeu e desmaiô.

(Mostrando o livro)

Aí os anão quando chegô ficou todos preocupados.

(Olhando as figuras do livro)

Ela levantô toda cheia de pobremas na cabeça.

Chamaram um médico, todos foram lá vê o que que era.

(Mostrando as figuras do livro)

Os anão arrumaro um caxão de vidro muito bonito.

Quando viu Branca de Neve, o príncipe ficou tão encantado quando eles abriro o caixão.

E deu um beijo.

Aí ela acordou e viveram felizes para sempre naquele castelo.

* * * * *

05-Data: 18/03/04 – EMEI azul
Menina com o livro – Branca de Neve

*Era uma vez a Branca de Neve que limpava a casa dela.
Aí depois um dia a bruxa falou assim:
_ Espelho, espelho meu, existe alguém mais bonita do que eu?
_ Não!
Aí a Branca de Neve foi crescendo, cresceu até que ficou mais bonita.
A bruxa foi ficando feia.
Aí o espelho mostrou pra ela onde a Branca de Neve estava.
Aí ela ficou mais bonita que a bruxa.
Aí depois aquele um falô...falô:
_ Branca de Neve fuja!
Aí ela fugiu, depois começou a limpar a casa dos anãozinhos.
E ela pensou que tinha uma caminha pra ela dormir e ela dormiu.
Aí depois os anãozinhos chegaram.
Um limpava o banheiro, outro limpava a casa, outro passava pano no chão, outro limpava o armário.
Aí hora que eles viu, ela se assustou:
Aí eles falaram assim:
_ Não fuja!
Aí depois ela estava varrendo a casa, a bruxa veio e falou:
(Mudando a voz)
_ Toma Branca de Neve esta maçã.
Aí ela pôs veneno da largatixa.
Aí depois ela falou:
_ Toma Branca de Neve esta maçã.
E ela comeu, ela desmaiou.
Aí depois os anões ficaram todo preocupado.
_ Ah, Branca de Neve!
Aí os anões ficaram muito assustado.
Aí depois os anões chamou alguém.
Aí alguém veio, foi o príncipe.
O príncipe veio, beijou ela e eles viveram felizes para sempre no castelo.*

* * * * *

06-Data: 22/03/04 – EMEI verde
Menina com o livro – Branca de Neve

*Era uma vez uma princesa muito meiga e bondosa.
Seu nome era Branca de Neve.
Dela todos gostavam, menos da madrasta que sempre consultava o seu espelho.
_ Espelho, espelho meu, alguém é mais bela do que eu?
Sempre respondia que não.*

*E um dia ele respondeu que sim, Branca de Neve era a mais bonita.
 Por ordem da rainha, mandou o caçador ir matá-la.
 Ele levou Branca de Neve à floresta.
 Contou seu segredo à Branca de Neve:
 _ Branca de Neve preciso matá-la.
 Branca de Neve não queria.
 E falou:
 _ Por favor, não me mate.
 Então o caçador ficou com muito dó e deixou Branca de Neve fugir.
 Falou que ia matar o coração de uma corça e pegava.
 Branca de Neve correu e correu até que chegou numa linda casinha.
 E resolveu entrar.
 Quando estava muito cansada juntou as caminhas e caiu adormecida.
 Quando a rainha ficou sabendo, se vestiu de uma velha vendedora de maçã e foi
 oferecer na casa dos sete anões.
 Quando Branca de Neve viu a rainha, quis comer uma maçã e pediu.
 E ela deu.
 Quando Branca de Neve deu uma mordida, caiu adormecida.
 E um beija-flor que viu tudo isso foi aos sete anões avisá.
 E eles colocaram num lindo jardim com um monte de flores e de árvores.
 Quando apareceu o príncipe, Branca de Neve ficou...qué dizê, o príncipe ficou muito
 apaixonado por Branca de Neve.
 E resolveu dar um beijo.
 Quando ele deu um beijo, Branca de Neve acordou e voltou ao normal.
 Viveram felizes para sempre.*

* * * * *

07-Data: 23/03/04 – EMEI azul

Menina com o livro – Chapeuzinho Vermelho

*Era uma vez a mamãe falou pra Chapeuzinha levar os docinho para vovozinha que
 estava muito doente.
 Aí a Chapeuzinha andô, andô e encontrô o lobo.
 E o lobo disse:
 (Mudando a voz)
 _ Onde cê vai Chapeuzinho?
 E ela falou:
 _ Eu vô na casa da minha vovozinha, eu vô levar doces para ela, ela tá muito doente.
 Aí ele falou:
 _ Pega umas flores, ela gosta muito de flor.
 E ela foi pegano enquanto que o lobo correu na casa da vovó.
 Aí o lobo chegô lá de surpresa.
 Aí ele bateu na porta imitano a voz da Chapeuzinho Vermelho.
 A vovó ficou muito gritano por causa que o lobo ia comê ela.*

Aí a Chapeuzinha falou assim:

_ Nossa vovó, que oreias tão grande!

(Mudando a voz)

_ É pra te ouvir melhor minha netinha.

_ Nossa vovó, que olhos tão grande!

(Mudando a voz novamente)

_ É pra te ver melhor minha netinha.

_ Nossa vovó, que nariz tão grande!

_ É pa te cheirá melhor minha netinha.

_ Nossa vovó, que boca tão grande!

(Mudando a voz e franzindo as sobrancelhas)

_ É pa te comer melhor minha netinha!

Aí a Chapeuzinha correu, correu, o lobo saltô da cama e correu atrás dela.

Enquanto o caçador veio, ouviu aqueles barulhinho do lobo e pegô a arma dele e atirô no lobo.

Aí encheu com pedra a barriga dele.

Aí o lobo caiu no rio.

Aí a vovó e a Chapeuzinho se abraçaro e viveram felizes para sempre.

* * * * *

08-Data: 24/03/04 – EMEI verde

Menino sem o livro – Os três porquinhos

Era uma vez três porquinhos, que um dia, a mãe deles falô que eles tava bem grandinhos para morar sozinhos.

Aí a mãe deles deu dinheiro para eles.

Aí eles saíram e compraram material pra fazê a casa.

Aí sábado a casa estava pronta.

Aí um dia, o lobo apareceu e disse:

_ Porquinhos abre a porta senão eu vô assoprá!

Aí não abiu e o lobo assopró.

Aí depois...o lobo fugiu pra casa do outro porquinho e ele disse:

_ Abra a porta porquinho!

Aí o porquinho não abriu.

Aí assopró e ele fugiu pra casa do outro irmão.

E o lobo falô:

_ Porquinho abra essa porta senão vô assoprá.

E não abriu.

Sopró, assopró, assopró e não conseguiu.

Disse:

_ Pega a escada e vai na chaminé.

E o porquinho viu e pois um caldeirão lá na chaminé.

E acendeu...aí ele entrou pela chaminé e disse:

(Mudando a voz)

*_ Ai!
_ E saiu da chaminé.*

* * * * *

09-Data: 25/03/04 – EMEI azul
Menino com o livro – Chapeuzinho Vermelho

*A mamãe mandô o Chapeuzinho Vermelho levá os doce para a vovó.
Daí a mamãe falô pra não ir pelo caminho do lobo mau.
E ela teimô e foi.
Daí o lobo mau falô:
_ Nonde que cê tá indo Chapeuzinho Vermelho?
_ Lá na casa da minha vovó levá esses doce.
_ Recolhe flor também.
Daí ela recolheu e o lobo mau foi na casa da vovó.
Correu, correu, foi lá...depois imitô a voz da Chapeuzinho Vermelho.
Depois comeu a vovó e durmiu.
Daí o Chapeuzinho Vermelho falô:
_ Nossa vovó, que nariz tão grande!
_ É pa te cherá melhor.
_ Nossa vovó, que olho tão grande!
_ É pa te inxergá melhor.
_ Nossa vovó, que boca tão grande!
_ É pa te comeeee!
Chapeuzinho Vermelho saiu vazado.
Depois o caçador passô lá de perto.
Depois escutô, matô o lobo mau e tirô a vovó de drento da barriga do lobo mau.
Daí eles comero o lanchinho para sempre.*

* * * * *

10-Data: 29/03/04 – EMEI verde
Menina com o livro – Rapunzel

*Era um vilarejo que vivia um casal que queria ter um filho.
(Passando o dedo sobre as letras)
Sua mulher disse pra ele que estava esperando um filho.
Seu marido esperava chegar a noite e pulou o muro para catar brócolis.
A bruxa viu ele catando e viu pela janela.
E ele contou para a bruxa.
No dia seguinte que a menina nasceu, a bruxa foi lá.
_ Pode catar todos meus brócolis, mas vai me dar a menina!
_ Ela tinha cabelos longos e loiros, sempre ficava de trança.
Ficava presa ne uma torre, sempre a bruxa ia lá.*

*A Rapunzel disse para ele(o príncipe) trazer flores.
Quando a bruxa descobriu, cortou as tranças da Rapunzel.
Levou ela para um deserto que ninguém achava.
Até que o príncipe chegou.
Eles construíram seu castelo e viveram felizes para sempre.*

* * * * *

11-Data: 29/03/04 – EMEI verde
Menino sem o livro – Rapunzel

*Era uma vez uma pequena aldeia.
Um dia nasceu uma menininha.
Aí a bruxa Kéka robô a menininha.
Aí a menininha cresceu e a Bruxa pois o nome nela de Rapunzel.
O príncipe apareceu na janela de Rapunzel e disse:
_Rapunzel jogue suas tranças minha bela.
Aí ela jogô.
E a bruxa desconfiô que tinha um príncipe visitano ela.
Ela fez uma mágica pra ela nunca mais saí.
Mas quem num saiu foi a bruxa de lá do castelo.
A bruxa cortô as trança de Rapunzel.
E ele disse:
_Rapunzel jogue suas trança!
Aí jogô, tava subino...
E a bruxa impurrô o príncipe e o príncipe caiu num monte de espinho.
Aí o príncipe ficou cego e depois a Rapunzel foi morá em outra casa.
Aí o príncipe bateu em todas as portas procurano Rapunzel.
Aí um dia ele bateu na porta de Rapunzel.
E a Rapunzel chorô porque ele tava cego.
As lágrimas caíro sobre o olho dele e ele voltô a enxergá.*

* * * * *

12-Data: 30/03/04 – EMEI azul
Menina com o livro – João e Maria

*Era uma vez o pai de João e de Maria que trabalhava na roça.
Ele teve uma idéia deles cortá lenha.
E o papai deles nem percebeu que eles tava se afastando.
E aí eles viu uma casinha e, do jeito que eles era curiosos, eles queria ver.
E eles foram chegano perto da casinha.
Aí eles viro a casinha cheia de chocolate.
(Passando o dedo várias vezes sobre as letras)
Tinha pirulito, tinha sorvete, tinha bolachinha e morango.*

*E a velhinha convidaram para entrar e pa comê o lanche.
Depois que comeram o lanche, eles perceberam que ela era uma bruxa má, muito má.
E ela fez a Maria limpá a casa e prendeu o Joãozinho na gaiola.
Depois ela mandava todo dia ele mostrá o dedinho pra vê se tava bom pra ela cozinhar ele.*

*E ele mostrava um ossinho de frango.
E depois ela estava fazeno a lenha para cozinhá o Joãozinho...
Eles empurraro a bruxa e fugiu.
E a bruxa saiu correndo daquela casa e nunca mais voltou.
E aí eles tava procurano o pai deles e o pai deles tamém tava procurando.
Eles acharo e depois eles viveram felizes para sempre.*

* * * * *

13-Data: 31/03/04 – EMEI verde
Menino com o livro – O gato de botas

*Pai de treis rapazes morreu.
Um dexô um... num sei o quê, pra um dexô um burro, outro um cato chamado Lion.
Ele pensô:
_ O que que eu faço com um cato?
O cato falou:
_ Me compre duas botas e um saco.
Ele com todo dinheirinho dele foi lá e comprou.
_ Se não você vai ver do que que eu sou capaz!
Aquele saco com uma cabeça de coelho, amarrou uma amardilha.
E ele pegava todos presentes.
E todos presentes que ele pegava, ele levava para o rei.
O rei quis conhecê quem mandava presentes pra ele todos os dias.
Assim ele falô pra ele ir até o lago.
Eles tiraro a roupa e colocaro a roupa embaixo da pedra.
E falaro que robaro a roupa.
O rei falou para buscar a roupa mais bonita que tinha no castelo.
Ele ficou muito bonito.
Até a princesa ficou impressionada.
O cato falou:
_ Se alguém perguntá de quem é estas terras, fala que é do Marquês de Carabás!
Ele foi correno até o castelo bem bonito, falou para o bruxo:
_ Cê vira alguma coisa?
Ele falou:
_ Claro, viro até um leão!
Falou:
_ Não! Vira alguma coisinha piquena, como se fosse um rato.
Virou um rato.
Nem pensô, virô um rato, o cato comeu.*

*O gato comeu e o castelo acabô ficano com o Marquês de Carabás.
E ele ficô cassano rato só pra se divertir.*

* * * * *

14-Data: 01/04/04 – EMEI azul
Menina com o livro –A Bela e a Fera

*Era uma vez já era noite e ele tava lá.
E chegou e bateu na sua porta uma velhinha pedino alimento.
Ela tava disfarçada de uma fada.
O velho tava já cansado que caiu do cavalo e descansou.
E os homens catô ele e levou dentro do castelo.
E não pediu permissão pro rei.
E o velhinho ficou seu prisioneiro.
A Bela foi com o cavalo e queria ver seu pai.
E foi pelo caminho que o pai dela tava e foi caminhando.
E a Fera mostrou onde que era a biblioteca pa Bela e ela foi mudando o coração.
E ela ficou muito contente...porque ela ficou gostano da Fera.
Aí ela ficou com muito saudade do pai e ela foi visitar.
E o pai dela falou assim pra ela:
_ Vamo voltá pro nosso castelo e a Fera tá lá quase morrendo.
E a Fera transformou um moço e eles viveram felizes para sempre.*

* * * * *

15-Data: 05/04/04 – EMEI verde
Menina com o livro – Cachinhos de Ouro

*Era uma vez Cachinho de Ouro gostava de passear muito pela floresta.
Um dia, bem longe, ela encontrou uma casa.
Ela tava muito curiosa pra ver quem morava lá dentro.
Era o dono Urso, a dona Ursa e o filhotinho, o Ursinho.
Um dia ela deu uma volta pra ver quem tava lá e aí ela não viu ninguém.
Aí ela resolveu entrar.
Bem lá na frente tinha uma mesa com treis prato de sopa.
Aí ela tava com muita fome e resolveu comê.
Aí na sala tinha treis cadera.
Ela sentô na cadera do dono Urso, da dona Ursa e do...
Bem antes ela despriguiçô pra sentá.
Aí, quando que ela sentô, a cadera ploft...quebrô.
Lá no quarto tinha treis cama.
Ela sentô do dono Urso, da dona Ursa e do filhotinho Ursinho, que era mais gostosa do
que a caderinha.*

Os três chegaram da floresta.

O ursinho exclamou:

(Fazendo voz de brava)

_ Quem tomou minha sopa?

Eles foi vê o que tinha acontecido na sala.

Aí eles foi...o ursinho falou:

_ Quem quebrou minha caderinha?

Falou:

_ Tem gente dormino na minha caminha!

Aí eles foi lá.

Com o grito do ursinho, a Cachinhos de Ouro foi correnno para casa.

* * * * *

16-Data: 06/04/04 – EMEI azul

Menino sem o livro – Bambi

Um viadinho que se chamava Bambi que nasceu lááá no bosque.

Bambi e sua prima adorava brincá no bosque.

Aí, no dia da tempestade, o Bambi saiu de perto da sua mãe e a tempestade começô e o Bambi se perdeu.

O rei dos veados levô ele até sua mãe.

Aí, no dia da neve, os caçadores tava caçando o Bambi.

E aí ele conseguiu escapar.

No dia do calor, o Bambi já tinha crescido e os caçadores começaro caçá o Bambi.

E pegô no Bambi né, aí logo ele ficô bom.

E lutava pra vê quem que ia casá ca sua prima.

Aí o Bambi se tornô o grande rei dos veados.

* * * * *

17-Data: 06/04/04 – EMEI azul

Menino sem o livro – Chapeuzinho Vermelho

Era uma vez a mamãe mandô Chapeuzinho Vermeio levá os ovinho pa vovó.

Aí ela encontrô o lobo mau, aí depois o lobo mau falô assim:

(Afinando a voz)

_ Vai pegá um pouco de flor que a vovó gosta!

Aí ele foi correnno mais primero na frente.

Aí ele bateu na porta igual a Chapeuzinho Vermelho.

Aí ela entrô e comeu a vovó.

Aí o Chapeuzinho Vermeio chegô.

Aí o Chapeuzinho Vermeio bateu na porta e entrô.

Aí ela falô assim:

_ Ai que zólhos bem grande!

_ *Ai que oreia bem grande!*
 _ *Ai que nariz bem grande!*
 _ *Ai que bocona grande!*
Aí o lobo mau comeu ela e o caçador tava passano.
Aí depois o caçador escutô e foi lá.
Aí o caçador tirô a vovô de lá de dentro e colocô um monte de preda na barriga do lobo mau.
Aí eles ficô feliz.

* * * * *

18-Data: 12/04/04 – EMEI verde
Menino com o livro – Os três porquinhos

Era uma vez três porquinhos que um dia decidiram fazer sua casa.
Um fez uma casa de palha, o outro uma casa de madeira e um uma casa de tijolos.
Então chegou o lobo e disse:
 (Mudando o tom de voz e fazendo cara de mau)
 _ *Saiam já daí...você seu porquinho!*
 _ *Não vou sair não!*
 _ *Então eu vou soprar e sua casa irá voar!*
E soprou e a casa aos céus se foi.
Os dois saíram correndo e bem cansados chegaram na casa do seu irmão mais velho.
E disse:
 _ *Deixe-me entrar ou o lobo vai comer nós dois irmão!*
Então os dois entraram e o lobo chegou e disse:
 _ *Saiam já os dois daí ou vou soprar e sua casa vai voar!*
Soprou e a casa aos céus se foi.
Então os dois chegaram na casa do seu irmão mais velho e disseram:
 _ *Deixe-me entrar que o lobo vai comer nós dois!*
E o lobo disse:
 _ *Eu vou soprar e sua casa irá voar!*
E soprou e soprou e soprou, mais a casa não voou.
Então o lobo saiu e foi entrar pela chaminé.
Os porquinhos que viram, colocaram um caldeirão com água fervendo embaixo.
O lobo entrou pela chaminé e saiu correndo...e fim.

* * * * *

19-Data: 12/04/04 – EMEI verde
Menino com o livro – Os três porquinhos

Era uma vez os três porquinhos que resolveram fazê uma casinha de palha.
Um fez uma casinha de palha, que nem do índio.
Quando terminô de fazê a casa, o lobo chegô para assoprá.

*Eles correram pra dentro da casa e o lobo falou:
 _ Eu vô assoprá essa casa e ela vai voá po céu!
 Aí o irmão fez uma casinha de madeira.
 Quando terminô, o lobo chegô para assoprá.
 Ele falô:
 (Mudando o tom de voz)
 _ Saia daí, eu vô assoprá essa casa e me deixa entrá!
 A casa logo foi po céu.
 O irmão mais velho fez uma casa de tejos.
 E o lobo chegô para assoprá.
 Quando o lobo chegô, ele viu a casa.
 Ele assoprô, assoprô tanto que não conseguiu caí a casa.
 O lobo foi subi pela chaminé.
 Quando subiu, os irmãos ponhó um calderão po lobo.
 O lobo caiu dentro do calderão.
 E fim.*

* * * * *

20-Data: 13/04/04 – EMEI azul
 Menina com o livro – Bambi

*Era uma vez numa floresta nasceu um viadinho chamado Bambi.
 Tinha muitos amigos que era o coelho, esquilo e coruja e tinha muito mais.
 Ele tinha uma prima que gostava de brincar muito com ele.
 Um dia começô chovê e ele perdeu sua mãe.
 Chegô o rei e ajudô ele vortá pra sua casa.
 Chegô o dia da primavera, o caçador veio e deu um tiro em sua mãe.
 Sua mãe morreu e o filhotinho ficou muito triste.
 Aí eles correram pra não matá eles.
 Um dia, quando ele cresceu, achô sua amada muito bonita.
 Ele lutô para pegá a sua amada.
 Então, ele foi passêá um poco na floresta co rei.
 Então ele escutô um barulho e sentiu uma dor.
 Até que ele se recuperô.
 Ele ficô ca sua amada e se tornô o príncipe dos animais.*

* * * * *

21-Data: 13/04/04 – EMEI azul
 Menina sem o livro – Os três porquinhos

*Os três porquinhos saíram da casa da mamãe e cada um construiu a sua casa.
 E um construiu a casa de palha e ele foi durmi.
 E depois o lobo mau bateu na porta.*

(Gesticulando e fazendo o som das batidas na porta)

Tec, tec, tec.

E ele falô:

_ Quem é?

_ Eu sô o lobo mau.

Ele falô:

_ Eu não vô abri a porta porque sê tá quereno me comê!

Aí ele falô assim:

_ Eu vô dá um sopro só e vai distruí tudo!

E ele deu um sopro só e distruiu e caiu tudo.

Aí depois ele foi na outra casinha.

Era construída do...do tronco da árvore.

Aí depois ele pegô, ele foi lá e bateu na portinha.

E ele tava dormino.

Aí ele bateu na porta.

Toc, toc, toc.

Aí ele falô:

_ Quem é?

_ Eu sô o lobo mau.

E ele falô assim:

_ So cê não abri a porta, c'um sopro só eu vô distruí tudo!

E ele não abriu e com um sopro só ele distruiu tudo.

(Gesticulando)

Aí depois os dois correrô tudo pra casa de tijolos.

Aí eles entraro lá.

Aí depois o lobo bateu na porta, falô assim:

_ Quem que é?

Aí depois o lobo falô assim:

_ É o lobo mau!

O lobo mau falô assim:

(Gritando)

_ Abre essa porta!

Aí ele falô assim:

_ Não porque você vai comê eu!

Aí depois ele falô:

_ Eu vô assoprá!

E assoprô até cansá e não distruiu a casinha.

Aí depois ele resolveu e desceu pela chaminé.

Mais só que o fogo tava aceso.

E depois ele caiu na panela e ele queimô tudo a bunda.

Aí depois eles foram felizes pra sempre.

* * * * *

Menina sem o livro – Branca de Neve

*Era uma vez uma princesinha muito bonita.
 Quando ela nasceu, sua mãe morreu, que era uma noite de lua cheia.
 E ela nasceu na casa dela.
 Quando a sua mãe morreu, ele foi interrá.
 Depois ele se casou com uma princesa muito má.
 Ela judiava da Branca de Neve.
 Aí depois ela foi correno pro espelho:
 _ Espelho, espelho meu, existe alguém mais linda do que eu?
 O espelho respondeu:
 _ Não, tu és mais bela que existe!
 Aí depois ela arrumô um príncipe.
 Depois ela se apaixonô.
 Depois ela foi passear no jardim com o príncipe.
 Aí o espelho mostrô onde ela tava.
 Depois ela ficô furiosa e correu pro espelho:
 _ Espelho, espelho meu, existe alguém mais linda do que eu?
 O espelho falou:
 _ Sim majestade, Branca de Neve é a mais linda que existe!
 Depois ela ficô furiosa, se transformô numa veinha e foi vendê maçã.
 O espelho mostrô onde ela tava.
 Ela tava na casinha dos anão.
 Depois ela foi lá, aí ela bateu na porta.
 A Branca de Neve tava limpano a casa.
 Depois ela ofereceu uma maçã e a Branca de Neve falou:
 (Mudando a voz)
 _ Não minha senhora, eu não tenho dinheiro.
 Aí depois ela falô:
 _ Não, não importa, morde essa maçã, ta muito saboriosa!
 Aí depois ela mordeu e dismaiô.
 Aí a bruxa falô:
 _ Ela só vai acordá com um beijo de amor!
 Aí depois ela esqueceu do príncipe.
 E depois os anão ponharo ela na rama macia.
 Depois o príncipe chegô, deu um beijo na boca dela e viveram felizes para sempre.*

* * * * *

23-Data: 13/04/04 – EMEI azul

Menina sem o livro – Chapeuzinho Vermelho

*Era uma vez a mamãe da Chapeuzinho Vermeio mandô ela levá os docinho pa vovó.
 Daí ela falô assim:
 _ Vai pela estrada, não vai pela floresta!*

Daí ela foi.
 (Cantando)
Pela estrada afora, eu vou bem sozinha, levar esses doces para a vovozinha.
 Daí apareceu o lobo e falô assim:
 (Afinando a voz)
 _ *Nonde cê vai?*
 E ela falô assim:
 _ *Vô na casa da minha vovó.*
 Daí o lobo falô assim:
 _ *Recolhe flores bonitas!*
 Daí ele foi na casa da vovó.
 Bateu na porta.
Tum, tum, tum, tum.
 Aí ela falô:
 (Afinando a voz)
 _ *Quem é?*
 _ *Sou eu, sua netinha!*
 Daí a vovó falô assim:
 (Mudando a voz)
 _ *Pode entrar, a porta tá aberta.*
 Daí ele entrô, comeu a vovó.
 Daí ele se vestiu de vovó e deitô na cama.
 Daí chegô a *Chapeuzinho Vermelho*.
Tum, tum, tum, tum.
 (Afinando a voz novamente)
 _ *Quem é?*
 _ *Sou eu, sua netinha.*
 _ *Pode entrá.*
 Ela falô assim:
 _ *Nossa vovó, que zóio tão grande!*
 _ *É pa te enxergá melhor.*
 _ *Nossa vovó, que nariz tão grande!*
 _ *É pa te cherá melhor.*
 _ *Nossa vovó, que ouvidos tão grande!*
 _ *É pa te escutar melhor.*
 _ *Nossa vovó, que boca tão grande!*
 _ *É pa te comeer!*
 Daí ela saiu correno.
 Daí ela gritô:
 (Afinando a voz)
 _ *Socorro, socorro!*
 O caçador ouviu o barulho.
 Daí ele foi vê o que que era.
 Daí matô o lobo e tirô a vovozinha.
 Daí a vovó convidô pa tomá chá.

Daí ele foi e viveram felizes para sempre.

* * * * *

24-Data: 15/04/04 – EMEI azul
Menina com o livro – O Pequeno Polegar

*Era uma vez o Pequeno Polegar, ele e os irmão dele.
Pelo caminho ele jogava pedra.
Aí depois eles vortaro pra casa deles pelo caminho das pedra.
Aí um dia eles tavam jogano grão de milho.
Aí os passarinho comero.
Aí eles se perdero e encontraro um castelo.
Aí depois aqui (mostrando o desenho do livro) morava um bicho papão, ele e a empregada dele.
Aí depois a empregada dele mandou ele se esconder dentro de um pote.
Aí depois o Pequeno Polegar foi se aproximano bem devagarinho.
E pegô as bota dele.
Aí depois eles veio saltano ca bota.
Aí encontraro as mãe dele.
Aí ele ia no castelo do rei pra entregá carta.*

* * * * *

25-Data: 15/04/04 – EMEI azul
Menino sem o livro – Cachinhos Dourados

*Era uma vez uma menina que chamava Cachinhos Dorados.
Ela se perdeu na floresta né.
Aí numa casinha tâãoo distante, os três ursos morava lá naquela casinha.
Aí ela chegô lá, entrô, bateu na porta e não tinha ninguém lá.
Aí ela empurrô a porta, entrô e viu três tigelas de... mingau quente na mesa.
Um ela isprementô e tava muito quente.
Outro ela esprementô tava muito gelado.
E a outra tava gostosa e ela comeu.
Aí ela foi se sentano.
Na primera cadera, uma tava muito dura.
Outra tava muito mole.
Outra tava melhor.
Sentô...pááá (fazendo o som da cadeira quebrando).
Quebrô a cadera.
Aí depois ela foi lá dormi.
Uma ela esprementô tava duura.
Outra ela esprementô tava mole.
E a outra tava gostosa.*

Aí ela foi lá, deitô na cama e durmiu folgada.
Aí foi lá na mesa e o papai urso falô assim:
 _ *Alguém esprementô o meu mingau!*
 _ *O meu também! – a mamãe.*
E o filhinho:
 _ *O meu comeu tuudo! (Fazendo cara de triste).*
Aí foi lá vê as cadera.
Aí o papai urso:
 _ *Quem sentô na minha cadera?*
A mamãe urso:
 _ *Alguém sentô na minha também!*
Aí o filhinho urso:
 _ *Alguém sentô na minha e quebrô!*
E foi na cama agora.
Aí o papai urso falô assim:
Alguém deitô na minha cama!
Disse o papai urso.
 _ *Alguém deitô na minha cama!*
Disse a mamãe urso.
 (Gritando)
 _ *Alguém tá deitado na minha cama!*
Cachinhos Dorado acordô, saiu correno.
E nunca mais ficô perdida na floresta.

* * * * *

26-Data: 15/04/04 – EMEI azul

Menino sem o livro – Chapeuzinho Vermelho

Era uma vez Chapeuzinho Vermelho.
A mamãe mandô levá uns doce para a vovozinha.
Ela falô:
 _ *Não vai pelo bosque, senão se se perde!*
Ela teimô e foi pelo bosque.
Aí o lobo mau tava lá, ela achô o lobo mau.
Aí o lobo mau falô assim:
 _ *Que co cê tem nessa cesta aí?*
 _ *Eu tenho doce pa levá pa minha vovozinha.*
 _ *Muito bem Chapeuzinho Vermeio, vai por esse lado aqui (apontando com o dedo) que é mais perto!*
O lobo mau foi esperto e cortô atalho e chegô mais primero.
Aí ele bateu na porta e a vovó falô:
 _ *Quem é?*
Aí o lobo mau falô assim:
 (Mudando a voz)

_ É tua netinha vovozinha!

Aí falô:

_ Pode entrá!

Entrô, aí comeu a vovozinha, deitô lá na cama dela e ficô lá.

Colocô tudo as rôpa dela, colocô a coberta dela.

Chapeuzinho chegô lá.

(Gesticulando)

Tum, tum, tum, tum.

Bateu na porta lá, aí o lobo falô assim:

_ Pode entrá minha netinha!

Aí entrô, aí chegô lá.

_ Qué vovozinha uns doce pra você?

Aí agora num sei mais esse resto...

Aí ela falô:

_ Nossa vovó que olhos tão grande!

_ É pa te encherdá melhor.

_ Nossa vovó que oreias tão grande!

_ É pa te ouvi melhor.

_ Nossa vovó que nariz tão grande!

_ É pa te cherá melhor.

_ Nossa vovó que boca tão grande!

_ É pa te comê!

Aí levantô da cama, saiu correno atrais dela, deu duas volta em volta da mesa.

Aí ela abriu a porta e saiu correno.

Aí o caçador veio, viu o lobo mau saino correno atrais da Chapeuzinho Vermelho.

Aí deu um tiro no lobo mau.

Aí catô a vó, tirô da barriga do lobo a vovó.

E saiu...é...felizes para sempre.

* * * * *

27-Data: 19/04/04 – EMEI verde

Menino com o livro – João e Maria

Era uma vez um lenhador que morava no bosque.

Tinha dois filhinhos chamado João e o outro Maria.

João e Maria foram cortá lenha com seus pais no bosque.

Mas João e Maria se perderam.

E João e Maria começaram a andar, viram uma casinha no meio das árvores.

A grande foi a surpresa que a casinha era feita de chocolate e bolacha.

Em volta da casa parecia flores, mas era pirulito e sorvete.

A dona da casa convidou para entrar e deu muito doce.

E quando acabou de comer os doce, era uma bruxa muito malvada, que enganaro eles.

A bruxa fazia a Maria trabalhá e prendeu João na gaiola.

Quando a bruxa queria vê se o João tava gordo, João mostrava um osso de frango.

A bruxa quando acabô de ponhá a lenha, as criança empurraram a bruxa dentro do fogo.

A rôpa da bruxa começaro a queimá.

Ela correu e nunca mais voltô.

João e Maria encontraro o caminho de casa e acharo os seus pais e foram felizes para sempre.

* * * * *

28-Data: 19/04/04 – EMEI verde

Menino sem o livro – João e Maria

Era uma vez um lenhador.

Tinha dois filhinhos, João e Maria.

Eles foram catá lenha.

Se perderam e acharo uma grande árvore.

E se encostaro.

Uma bruxa estava lá em cima, viu e pegou eles.

Deixaro eles comer muito, pra quando ficá bem gordinho, jantá.

Eles ficaram bem gordinhos, a bruxa preparou o calderão e ia jogar eles lá.

Mas eles empurraro a bruxa no calderão.

A bruxa ficô quente, quente, quente.

E tomaro sopa de bruxa!

* * * * *

29-Data: 19/04/04 – EMEI verde

Menino sem o livro – João e Maria

Era uma vez um lenhador que morava numa casinha no bosque.

A esposa dele morreu e veio uma mulher.

Aí se casou com ela.

Aí falou:

_ Melhor abandonar essas crianças na floresta, aí sobra mais comida.

Aí o lenhador levou o João e Maria na floresta.

Aí o João muito esperto, catou umas pedrinhas, aí colocô no caminho.

Semana seguinte ele veio seguino as pedrinhas.

Aí fez de novo.

Levou o João e Maria na floresta e o pai dele deu um grande pão pro João.

Durante a noite eles posaro na floresta.

Na semana seguinte, as migalhinhas de pão desapareceram.

Aí andaram pela floresta e encontraro uma casinha de chocolate e bolachas.

Aí eles comeram metade.

Aí a bruxa foi lá fora e viu eles dois.

*Aí a Maria já foi limpano a casa, enquanto a bruxa prendeu o João numa gaiola.
 Aí a Maria foi lá e soltô o João.
 Aí a bruxa jogô um monte de sal no calderão.
 Aí João e Maria empurrô a bruxa no calderão.
 E aí eles voltaro pra casa, aí o pai deles mandô a madrasta embora.*

* * * * *

30-Data: 20/04/04 – EMEI azul
 Menina sem o livro – João e Maria

*Era uma vez o João e a Maria.
 O papai deles mandaro eles cortá lenha.
 E eles foram.
 E o pai deles nem perceberam que eles foram afastando, afastando.
 Chegou ne uma pedra, eles encostaram e viro uma casinha cheia de doces, chocolate e
 muitos bolinhos de morango.
 Aí eles resolveu ir mais perto da casinha.
 Aí veio uma bruxa que ela enganaro eles que ela era uma velhinha.
 E eles foram junto na casinha dela e ela falô:
 (Fazendo careta)
 _ Há, há, há, há, há. Voceis não entendero as coisa que eu falei!
 Aí prendeu o João na gaiola.
 Aí ela mandava ele mostrá todo dia o dedinho.
 E ele mostrava um ossinho de frango.
 Aí ela botô a Maria pa lavá o chão.
 Aí eles teve uma idéia.
 Aí pegô a bruxa que tava cozinhano, tava fazeno a sopinha pra colocá o João.
 Aí eles pegaro o negócio dela mexê, empurraro ela drento e depois ela saiu com fogo na
 bunda.
 (Risos)
 Depois ela nunca mais voltô pra casinha dela.
 O João e a Maria foram embora e o papai deles encontraro eles e eles viveram felizes
 para sempre.*

* * * * *

31-Data: 20/04/04 – EMEI azul
 Menina sem o livro – Branca de Neve

*Era uma vez, num lindo dia, nasceu uma menininha que era muito branquinha,
 branquinha, igual uma neve.
 Então eles ponharo o nome de Branca de Neve.
 Aí quando a sua mãe morreu, a Branca de Neve cresceu mais um pouquinho.*

*Aí quando a Branca de Neve cresceu, a sua malvada perguntava todo dia pro espelho:
(Mudando a entonação)*

_ Espelho, espelho meu, tem uma mulher mais bela do que eu?

_ Tem majestade, a Branca de Neve.

Então ela chamô o caçador.

A rainha mandô matar a Branca de Neve e trazê o seu coração pra ela.

Daí quando foi matá ele não matô a Branca de Neve.

Ele trouxe o coração de um macaquinho.

Ele mandô ela fugiu.

(Gesticulando)

Aí correu, correu, correu, correu e encontrô uma casinha bem piquitica.

Ela abriu a porta e entrô.

Quando entrô naquela casa veio um monte de bagunça.

Ela teve de arrumá e viu treis caminha e ela pôde deitá.

Aí quando os anões chegaro, viro a casa muito arrumadinha.

Aí quando eles foro lá vê no quarto, viro a Branca de Neve.

Na hora que a Branca de Neve acordô, ela ficô assustada.

Daí eles foi ser amigo.

E a rainha falô assim:

(Mudando a voz e erguendo as sobrancelhas)

_ Espelho, espelho meu, tem uma mulher mais bela que eu?

O espelho falô:

_ Tem majestade, é a Branca de Neve.

Daí a rainha falô que a Branca de Neve tinha morrido.

Mas ele falô que o caçador não matô ela, pegô um coração de macaquinho.

Então ela foi fazê feitiçaria e levô lá pra casa da Branca de Neve.

Ela pediu um pouco d'água e por muito favor ela foi vendê aquela maçã pa Branca de Neve.

A Branca de Neve falô que não tinha dinheiro pra vendê.

Mais a rainha falô:

(Afinando a voz)

_ Não precisa de dinheiro!

Então ela deu só uma mordidinha e ela desmaiô.

Aí na hora que os sete anões viro, a bruxa correu e eles não sabia o que que era.

Aí foro lá vê e era a Branca de Neve.

Aí eles choraro e choraro.

Ponhô ela ne um caxão e todos os dias ia visitá ela, tuudo chorano.

Aí veio um príncipe e viu os anões chorano.

Deu um beijo nela e ela acordô e tirô tudo aquela feitiçaria dela.

Aí eles convidaro os anões pra ir morá naquela casa, mais eles achava aquela casa muuito grande.

Aí feiz uma festa muito linda.

A Branca de Neve vestiu um vestido lindo, lindo, lindo e o príncipe ficô ca mesma ropa que ele tava.

Aí eles viveram felizes para sempre.

32-Data: 22/04/04 – EMEI azul
Menina sem o livro – Rapunzel

*Era uma vez uma casinha que morava um homem e uma mulher.
A mulher estava esperando o bebê dela.
Aí quando ela tava grávida ela queria comê um poquinho de maçã.
Aí ele foi bem escondidinho da bruxa.
Depois a bruxa apareceu.
Aí, quando ela apareceu, ela apareceu no fogo.
(Referindo-se ao desenho que ela viu no livro)
A bruxa falô assim que podia pegá aquela maçã.
Aí a bruxa falô que quando o nenê nascê ela ia robá o nenê.
Aí depois a bruxa foi lá na casa da Rapunzel e robô o nenezinho dela e levô pra bem longe.
Aí a bruxa prendeu a Rapunzel numa torre bem altona.
Aí ela falô assim:
_ Rapunzel jogue suas trança!
Ela jogou as suas tranças para a bruxa subir.
Aí, quando a bruxa tava subindo, o príncipe ficô andando, procurando por Rapunzel.
Aí depois, quando a bruxa foi embora, o príncipe falou:
_ Rapunzel jogue suas trança para mim!
Aí ela jogou sabendo que era um homem.
Aí depois quando ele ia subindo, já tava quase chegando, a bruxa empurrou ele de lá de cima.
Ele caiu no espinho, um montão, furô o olho.
Aí depois quando ele caiu ele ficou bateno na porta de uma casinha.
Aí depois quando a moça abriu era a Rapunzel.
A Rapunzel ficô chorando por causa que ele estava cego.
Aí eles se casaro.
Aí foi embora daquela bruxa.
E ele foi no castelo dela.*

* * * * *

33-Data: 26/04/04 – EMEI verde
Menina com o livro – Rapunzel

*Tinha um casal que queria ter um filho.
De repente apareceu uma feiticeira.
O príncipe estava pegando uns legumes para a Rapunzel.
A feiticeira disse que os legumes eram dela.
A feiticeira disse:
_ Eu dou os legumes para você mais o nenê será meu!
De repente a bruxa apareceu e disse:
_ Rapunzel jogue suas tranças!*

Rapunzel jogou.

De repente apareceu o príncipe e falou:

_ Rapunzel jogue suas tranças!

Rapunzel disse:

_ Sempre que você vim aqui na minha casa traz um shampoo Seda.

A bruxa cortou o cabelo da Rapunzel e levou a um deserto que não tinha comida nem água.

Rapunzel disse:

_ A bruxa cortou o meu cabelo.

_ Eu vou dar um jeito nisso!

Ele viu um castelo e entrou-se para ver se tinha alguém.

E estava a feiticeira dentro daquele castelo.

* * * * *

34-Data: 26/04/04 – EMEI verde

Menino sem o livro – Rapunzel

Era uma vez um casal que vivia todo dia feliz.

Mas um dia a mulher viu uma plantação de brócolis.

Aí pediu ao seu marido de noite pra ir buscá.

Aí o marido esperou até a noite, aí foi buscar.

No dia seguinte aumentou.

Esperou até a noite e aí a bruxa viu que ele tava escondido.

Dáí ela veio e falô:

_ Por que você entrô aqui sem permissão minha?

Aí ele:

_ É que a minha esposa querreu brócolis.

Aí a bruxa falou:

_ Tudo bem, mas cê tem que me prometê uma coisa, quando vocês tiver um filho eu vou buscá-lo.

Aí no dia seguinte o filho nasceu.

Aí a bruxa foi lá buscá.

Aí depois a bruxa deu o nome pra ela de Rapunzel.

Aí a bruxa falô assim:

_ Ô Rapunzel jogue suas tranças!

Aí o príncipe descobriu um plano para subir.

Imitou a voz da bruxa, aí a Rapunzel jogô as tranças.

Aí o príncipe subiu.

Aí eles concordaro uma coisa.

Todo dia ele trazia fios de seda.

Aí veio todos os dias.

Aí a bruxa descobriu o seu plano de fugir.

Aí a bruxa cortô as tranças da Rapunzel.

Aí o príncipe apareceu e falô:

*_ Rapunzel, Rapunzel jogue suas tranças!
 A bruxa jogô.
 Quando ele tava lá, entrô na janela, ele foi pra dentro e a bruxa jogou ele.
 Ele caiu, os olhos furaram, aí foi lá na floresta.
 Ficô andando, comendo fruta e brócolis.
 Aí quando ouviu a voz da Rapunzel ele se jogou nos braços dela e sarou.
 E viveram felizes para sempre.*

* * * * *

35-Data: 27/04/04 – EMEI azul
 Menina sem o livro – Rapunzel

*Era uma vez a mãe de Rapunzel estava esperando um bebê.
 E quando o bebê nasceu ela estava com vontade de comer rabanete.
 E o pai do bebê foi lá e pegô.
 Aí a bruxa tinha um cachorro.
 Aí o cachorro começô a lati.
 No outro dia a mãe de Rapunzel falô assim:
 (Mudando a voz)
 _ Marido, marido estou com vontade de comê rabanete!
 Aí ele foi lá buscá.
 Aí depois a bruxa encontrô.
 E como que essa menina era muito grande, grande, grande, os cabelo dela foi cresceno
 e ela foi cresceno junto.
 Aí depois, um dia a bruxa prendeu ela numa torre bem alta, bem alta, só tinha uma
 janelinha.
 Aí um dia a bruxa que pegô a Rapunzel... ela colocô o nome nela de Rapunzel.
 Aí depois a bruxa cortô o cabelo de Rapunzel e amarrô no dela.
 Aí depois o príncipe veio e falô:
 _ Rapunzel, Rapunzel jogue as trança!
 Aí ela jogô e o príncipe se apaixonô por ela.
 Aí depois o príncipe tinha um monte de corda...
 Aí a bruxa jogô o príncipe assim (gesticulando) e ele caiu num monte de espinhero.
 Depois ele ficô cego.
 E depois ele foi cego até encontrá a Rapunzel.
 Aí um dia ele bateu na janela e a Rapunzel abriu.
 Aí depois ela viu o príncipe e ela ficô muito triste e ela começô chorá.
 Aí depois ele vortô a enxergá de vorta.
 E eles se casaro e viveram felizes para sempre.*

* * * * *

36-Data: 27/04/04 – EMEI azul

Menina sem o livro – Rapunzel

*Era uma vez uma aldeia que vivia o pai e a mãe de Rapunzel.
 Um dia a mãe de Rapunzel mandou o seu marido pegá um poco de rabanete da vizinha.
 Aí o marido da mulher foi.
 E pegano os rabanete era da bruxa.
 Aí a bruxa apareceu, ficô muito furiosa e falou que quando o bebê nascesse ia levá bem longe dali.
 E o bebê nasceu e a bruxa levô ele pra uma aldeia.
 E a bruxa colocô o seu nome de Rapunzel.
 Aí ela foi crescendo, crescendo e seu cabelo cresceu.
 Aí todas vez que a bruxa ia lá ela falava assim:
 _Rapunzel jogue-me suas trança!
 E ela jogava.
 Aí o príncipe descubriu o que ela falava, aí uma vez o príncipe falou:
 _Rapunzel jogue-me suas trança!
 E ela jogou e o príncipe subiu.
 Aí a bruxa cortô suas trança.
 Aí quando o príncipe subiu, quando estava lá no alto, a bruxa empurrô e ele caiu num monte de espinhero.
 Aí uma vez o príncipe bateu numa janela e Rapunzel reconheceu ele.
 Chorando de amor, as lágrimas caíram no olho dele e ele voltô enxergá.
 Um dia o príncipe levô ela pra uma aldeia, pra aldeia dele, longe daquela bruxa.
 Aí eles viveram felizes pra sempre.*

* * * * *

37-Data: 27/04/04 – EMEI azul

Menino sem o livro – Rapunzel

*Era uma vez uma aldeia.
 E daí...como é o nome dessas coisa?
 (Os colegas responderam)
 Rabanete!
 Aí o home foi pegá rabanete pra muié dele porque ela estava com vontade.
 E daí né a bruxa viu, o seu cachorro latiu e ela percebeu.
 Daí ela falou:
 _Quando sua fia nascê eu vô vim buscá ela!
 E daí ela foi na casa deles e pegô a nenê e foi embora.
 Daí ela trancô a nenê numa aldeia...
 Não, numa torre bem grandona.
 E daí ela gritou, ela falou:
 _Rapunzel, jogue suas tranças!
 Daí a Rapunzel jogou.
 E daí o príncipe subia...*

*E daí ela cortou as trança da Rapunzel.
 E daí ele furou o olho, dois olho.
 Então ele bateu na janela e Rapunzel abriu.
 E daí quando Rapunzel percebeu que ele furô o olho, ela ficô chorano.
 E ele ergueu ela e daí as lágrima dela caiu no oio dele.
 E daí eles pegaram o cavalo e foram pra longe daquela bruxa malvada.
 Que tava presa em cima da torre.
 E daí ele pediu em casamento com ela.
 (Olhando as figuras do livro)
 E daí todo mundo jogava bolinha, rabiola...
 Então viveram felizes para sempre.*

* * * * *

38-Data: 28/04/04 – EMEI verde

Menina sem o livro – Chapeuzinho Vermelho

*Chapeuzinho Vermelho era uma menina muito bonita e um pouco distraída.
 Sua mãe fez uns pãozinho de mel e mandou levar para sua vovó que estava muito doente.*

E falou:

_ Cuidado para atravessar o bosque e não converse com ninguém.

E aí ela esqueceu de tudo que sua mãe tinha falado e conversou com o lobo.

O lobo perguntou:

_ Aonde está indo?

_ Na casa da vovó.

Os bichinhos da floresta sabia de toda a maldade do lobo e começou a impedir Chapeuzinho Vermelho para...para... não falar com ele.

O lobo saiu correndo, ele que chegô em primero, engoliu a vovó e se vestiu, colocô a tôca e o óculos.

Chapeuzinho Vermelho perguntou:

_ Por que tem os braço tão cumprido?

_ Pra te abraçá melhor!

_ Essas orelhas tão grandes?

_ Pra te...pra ouvi as suas belas palavra!

_ Esses olhos tão grande?

_ Pra te ver melhor!

_ E esses dente pontado?

_ Pra te comê!

Chapeuzinho Vermelho saiu correndo.

O caçador que estava ouvindo os grito atirou no lobo, o lobo caiu.

Com uma grande tisoura abriu a barriga do lobo e tirou a vovó.

Chapeuzinho Vermelho que estava com um saco cheinho de pedras...

O caçador colocô na barriga do lobo.

Quando ele saiu pra bebê água, ele caiu.

*Vovó e Chapeuzinho Vermelho comero os pãozinhos de mel e bebero chá.
A vovó falou para a Chapeuzinho Vermelho:
(Gesticulando com as mãos na cintura e apontando o dedo)
_ Nunca desobedeça a sua mãe!
E aí elas riram, riram, riram.*

* * * * *

39-Data: 10/05/04 – EMEI verde
Menino sem o livro – A Bela Adormecida

*Era uma vez uma menina chamada Bela Adormecida.
Um dia um casal nasceu um filho e deu o nome de Bela Adormecida.
Fizero uma festa e convidaram as fadas.
Aí veio uma bruxa...
A primera disse que ela era bela, a segunda que ela era muito bonita e a quinta disse
que tinha que furá o dedo dela numa agulha.
Um dia a menina cresceu, ela ouviu barulho de pac, pac, foi vê o que que era.
Aí a bruxa disfarçada de...
Ela ficô com vontade de custurar, furô o dedo e ela adormeceu.
Um príncipe veio, deu um beijo e ela adormeceu.
Aí ele deu outro, aí ela acordou.
E viveram felizes para sempre.*

* * * * *

40-Data: 10/05/04 – EMEI verde
Menino sem o livro – A Bela Adormecida

*Era uma vez um casal que queria ter muito um filho.
Aí o pai dela quis uma comemoração.
Aí apareceu treis fadas.
Aí uma lhe desejou beleza.
A outra desejou felicidade.
Mas quando a terceira...a bruxa vermelha apareceu e falou:
_ Por que não convidaro eu pra ser madrinha tamém?
Aí fez um feitiço.
_ Quando fazer deis anos ela vai vim e colocá o dedo na máquina de costurá!
Aí quando completou deis anos, ela foi lá e furô o dedo.
Ela falô assim:
_ Agora ela vai dormir pra sempre, até cem anos!
Aí a bruxa fez um feitiço pra abri a floresta toda de árvores.
Aí o príncipe num sabia o que fazê.
Aí ele foi e procurô as fada.
Quando achô ela fez feitiço pra tê um machado na mão dele.*

*Aí ele foi cortano as árvores e até que achou.
Entrou e beijou a princesa.
Aí teve uma comemoração.
E aí eles viveram felizes para sempre.*

* * * * *

41-Data: 11/05/04 – EMEI azul
Menino sem o livro – A Bela Adormecida

*Era uma vez um rei e uma rainha.
Eles tava triste porque eles queria ter um filho.
Quando ela saiu...ela tava tomando banho e apareceu uma rã.
A rã disse para ela que ela vai ter um filho e ela teve um filho.
Aí quando ela teve um filho, ela convidô todas as fada pro batizado.
E todas trouxe presente pra ela.
E a outra fadinha...só faltava uma que ela não convidô.
E aí ela ficô furiosa e ela falô assim:
_ Quando ela tiver...quando o bebê tiver quinze anos ela vai espetá o dedo dela!
Ela já tinha crescido, ela foi passeá e ela viu uma escadinha.
E ela foi vê a mánica e ela subiu na escadinha.
Ela foi mexê na mánica e furô o dedo.
Aí ela durmiu no castelo.
Aí em volta do castelo cresceu um monte de mato.
O príncipe sabia que tinha uma princesa.
Ele foi com o facão dele e cortô todos os mato.
E entrô no castelo e deu um beijo nela e ela acordô.
Eles se casaram e viveram para sempre.*

* * * * *

42-Data: 12/05/04 – EMEI verde
Menino sem o livro – Os três porquinhos

*Era uma vez os três porquinhos que não tinham casa.
Eles pegaram palha para fazer as suas casinhas.
Aí depois foi o seu irmão mais velho que fez.
O seu irmão mais velho pegô palha e construiu a casa.
Depois o lobo chegô.
O lobo assoprô a casa e a casa caiu.
Aí o porquinho foi correno pra casa do seu irmãozinho.
E o lobo chegou na casa do seu irmãozinho, assoprou e a casa saiu voando.
Aí os dois porquinhos foram pra casa do seu irmão.
Aí depois eles entraram.
O lobo assoprô, assoprô, assoprô e a casa não caiu.
Aí depois e lobo subiu na chaminé, desceu...*

*E quando viu que a chaminé tava bem quente, saiu queimando...
E foram felizes para sempre.*

* * * * *

43-Data: 13/05/04 – EMEI azul
Menina sem o livro – Branca de Neve

*Era uma vez um rei e uma rainha.
Quando a mãe de Branca de Neve morreu e o rei casô com uma madrasta.
Aí a madrasta falô com espelho.
Aí Branca de Neve tava brincando lá fora, se divertindo com os passarinhos.
Aí o espelho mostrou que Branca de Neve estava bem grande.
Aí ela chamô o caçador.
Ela falô assim:
_ Caçador, leva ela pra bem longe daqui!
Dai o caçador falô pra ela ir bem longe.
E aí ela encontrô uma casinha.
Seis cadera e seis cama.
Aí quando os anõezinho chegaro, eles viro a sua casa arrumada.
Aí Branca de Neve estava dormindo.
Aí ela acordô e falô que ela fazia uma comida bem gostosa.
Branca de Neve barreu a casa dos sete anões.
Aí o espelho mostrô onde que Branca de Neve estava.
Aí a madrasta fez uma maçã envenenada pra ela devorá.
Aí quando os anõezinhos tava saindo pa trabalhá a bruxa apareceu e falô:
_ Prova essa maçã e ela proveu e caiu envenenada.
Quando os anõezinhos chegaram, eles ficaro triste e chorano por causa que Branca de Neve morreu.
Aí eles ficaro chacoalhano e ela não acordô.
Aí os anõezinho ligô pro médico e ele veio.
Aí os anõezinhos fez uma cama de cristal pra ela.
Aí depois apareceu um príncipe.
Aí depois o príncipe ficô muito apaixonado por ela.
E aí bejô.
O príncipe, a princesinha e os anõezinho...
Os anõezinho morô com eles dois.*

* * * * *

44-Data: 13/05/04 – EMEI azul
Menino sem o livro – Branca de Neve

*Era uma vez um castelo que morava o rei e a rainha.
Lá ia nascê uma menininha que chamava Branca de Neve.*

Quando Branca de Neve nasceu, sua mãe morreu e o príncipe foi procurá outra mulher. Aí achô a mulher que ele queria.
E quando Branca de Neve foi crescendo, a bruxa falô assim:
 _ *Espelho, espelho meu, existe alguém mais linda do que eu?*
Aí o espelho mostrô do que a Branca de Neve tava brincando.
Aí a bruxa falô assim:
 _ *Espelho, espelho meu, existe alguém mais bonita do que eu?*
 _ *Existe, a Branca de Neve!*
Aí a bruxa ficô furiosa.
Aí depois colocô um feitiço no caçador e mandô levá Branca de Neve longe pra depois matá.
Aí quando chegô lá, mandô a Branca de Neve ir e depois ele não teve coragem de matá.
Ela tava chegando na casa dos anõesinhos.
Lá na casa tinha sete caderas e sete caminhas.
E quando os anõesinhos chegaram, um anõesinho falô assim:
 _ *Será que entramo na casa certa?*
Depois outro anõesinho viu uma mulher deitada na cama.
E os anõesinho falô assim:
 _ *Por que invadiu nossa casa?*
Aí contô pros anõesinho que a bruxa...
E quando os anõesinho foram trabalhá, a Branca de Neve limpô a casa.
E depois o espelho mostrô a casinha onde que Branca de Neve tava.
E colocô um feitiço na maçã.
E fingiu como velhinha dano maçã.
Aí a Branca de Neve falô assim:
 _ *Eu não aceito coisa de estranho.*
Mas como a maçã tava gostosa, ela pegô uma e só de uma mordida ela caiu.
E aí arrastô, chacoalhô e os anõesinho choraro.
Aí chamaro o médico e não adiantô.
E aí chamaro um rei pra ajudá.
E como o rei tava apaixonado por ela, bejô Branca de Neve e o feitiço disfeiz.
E aí levô ela pro seu reino e até o anõesinho.

* * * * *

45-Data: 13/05/04 – EMEI azul
 Menina sem o livro – Branca de Neve

Era uma vez um rei e uma rainha que moraro muito distante daqui.
Quando Branca de Neve nasceu, sua mãe morreu.
Perguntou para o espelho a madrasta:
 _ *Espelho, espelho meu, existe alguém mais linda do que eu?*
 _ *Não majestade, você é mais linda das mulheres!*
E mostrou onde Branca de Neve estava brincando.
Ficou cheia de inveja e infeitiçou o caçador.

_ *Caçador, leve Branca de Neve para muito longe daqui...acabe com Branca de Neve!*
 Quando ele chegou lá na floresta, falou:
 _ *Fuja Branca de Neve, fuja não volte ao palácio que a rainha que matá!*
 E muito distante dali ela foi correno e encontrô uma casinha muito pequena.
 Ela falou:
 _ *Será que é uma casinha de brinquedo?*
 Quando ela entrou na casinha, estava tudo bagunçado, caminha bagunçada, tuuudo cheio de poeira.
 Tinha sete pratinho, sete caminha e sete cadeirinhas.
 O mais gordo falou assim:
 _ *Gente, tem alguém na nossa cama!*
 Quando viram Branca de Neve ficaram encantado com ela.
 Logo, logo se ficaram amigos.
 E eles contaram uma história para a Branca de Neve.
 Quando os anões trabalhava, ela estava limpando a casa.
 E a bruxa, louca de inveja, enfeitiçou uma maçã.
 Ela se enfeitiçou de uma velhinha e falou:
 _ *Branca de Neve tome, morde uma maçã, tá muito gostosa, muito saboriosa!*
 Ela pegou, só de uma mordida caiu.
 Depois quando os anão chegaram, ficaram desesperados.
 Chacoalharam a Branca de Neve e nada.
 Muito assustados foram chamar todos.
 Prepararam uma relma macia e ponharam Branca de Neve dentro.
 E chamaram um príncipe.
 Depois quando o príncipe viu Branca de Neve ficou apaixonado e beijou e depois ela acordou.
 E depois levou todos os anões para casa e viveram felizes para sempre.

* * * * *

46-Data: 17/05/04 – EMEI verde

Menina com o livro – O patinho feio

Era uma vez uma pata gorda e simpática que tinha construído seu ninho no meio de uma mata escondida.

Tinha três ovinhos para chocar.

E na manhã seguinte, eles fizeram cloc, cloc, cloc...

Os patinhos já iam saindo e o último era feio, feio, feio.

Mas a mamãe ficou arrependida.

E a mamãe pata resolveu levar seus filhotes nos balanços.

Eles pularam, eles ficou a tarde inteira nadano.

A mamãe resolveu passear numa floresta com seus filhotes até que ela ouviu dois patos gritano:

_ Ai que feio, ai que feio!

*Eles bicaram o pobre coitadinho, a mamãe protegia tudo que podia.
 Seus irmãos começô zombar do pobre coitadinho.
 E aí ele resolveu fugir de casa, até que ele viu um lindo cisne que ele pensava que podia ser legal.
 Mas as folhas da árvore começô ficar amarelada e caíro.
 No dia que chegou o inverno o patinho estava abandonado, sem água e sem comida.
 Ele voou bem longe até que avistou um lindo cisne que nadava ne um lago.
 Quando ele viu sua imagem no lago nunca pensava que podia ser um lindo cisne.
 E aí como ele pensava ficou feliz e contente.*

* * * * *

47-Data: 18/05/04 – EMEI azul
 Menina com o livro – Cinderela

*Era uma vez um casal.
 A mamãe de Cinderela morreu e ela tava com o papai dela.
 Aí o pai dela se casou com uma madrasta muito má, que tinha duas filhas má, que maltratava muito Cinderela.
 E aí tava na hora do baile, ela tava arrumano o vestidinho pra ela ir no baile.
 Aí as irmã malvada rasgô o vestidinho e veio a fada madrinha para transformá o vestidinho em um lindo vestido.
 E ela transformô uma abróbra ne uma carruage.
 Aí chegô no baile, ela tava dançano só com o príncipe.
 O príncipe não queria dançá com ninguém.
 Aí deu meia-noite e tocô o sinal pra eles ir embora e eles nem perceberam.
 Aí Cinderela correu, correu que derrubô o seu sapatinho.
 Aí o príncipe mandô o mensagero procurá o sapatinho e levá para achá a menina ne todos os reinos.
 Aí chegô ne um castelo...
 Ele foi dá o sapatinho pra ela vesti, a madrasta dela derrubô o sapatinho mais ela tinha o outro par do sapatinho.
 Aí eles se casaro e vivero felizes para sempre.*

* * * * *

48-Data: 18/05/04 – EMEI azul
 Menino com o livro – Cinderela

*Era uma vez um viúvo que tinha uma filhinha.
 A mãe de Cinderela morreu.
 E então ele não tinha mulher e casou com uma viúva, uma mulher muito malvada.
 As duas irmã obrigava ela a fazê serviço, de dia até a noite.
 Então elas ia para o baile.
 Ela ficô costurando seu vestidinho para ir ao baile.*

*E chegando lá, a madrasta ficô com inveja e rasgô tudo seu vestido.
Então ela ficô ne um cantinho chorando, quando apareceu uma fada madrinha.
E disse:
_ Não chora porque eu estou aqui!
E fez aquele vestido velho num vestido novo e bonito.
E catô uma abóbora e fez uma carroçagem.
Então, chegando lá, o príncipe viu a Cinderela e ficô tão encantado que quis dançá só com ela.
E as duas irmã ficô com inveja.
Então a fada madrinha disse meia-noite era para ela saí correno.
Quando deu meia-noite, ela saiu correno e perdeu um par do seu sapatinho.
E então o príncipe mandô um mensageiro procurar o sapato e a menina por todos os lados.
Mas a madrasta dela tinha derrubado o sapatinho dela e quebrou.
Então ela tinha outro parzinho de sapato.
Então eles dois foram no castelo e fez o casamento e viveram felizes para sempre.*

* * * * *

49-Data: 20/05/04 – EMEI azul
Menina com o livro – Cinderela

*Era uma vez uma menina chamada Cinderela.
O pai dela morreu e tinha duas irmã dela e uma bruxa muito malvada.
Aí essa menina, ela chorava o dia intero por causa do pai dela.
Aí as irmã dela ia no baile, mas ela não ia.
Aí depois ela chorô, chorô, chorô.
Aí depois a fada madrinha transformô ela numa linda mulher.
Ela falô assim:
_ Hora que o relógio batê...quantas hora?
_ Meia-noite você tem que vortá correndo para casa!
Aí hora que ela foi, o príncipe só queria dançá com ela, não cas irmã dela.
Aí depois...hora que o relógio bateu...meia-noite ela saiu correno e perdeu o sapatinho.
Aí depois o homem estava esprementando em todas menina, esprementô até nas irmã dela.
Aí depois ela foi e viveram felizes para sempre.*

* * * * *

50-Data: 24/05/04 – EMEI verde
Menina com o livro – Branca de Neve

*Era uma vez uma menina que chamava Branca de Neve.
Todos os dias que ela vinha barrer o quintal, os amigos passarinhos dela vinha atrás.
Pois a madrasta de Branca de Neve disse:*

*_ Espelho, espelho meu, tem alguém mais bela do que eu?
 O espelho disse:
 _ Não.
 Depois ela perguntô de novo:
 _ Espelho, espelho meu, tem alguém mais bela do que eu?
 O espelho disse:
 _ Sim, Branca de Neve.
 A madrasta de Branca de Neve mandou o caçador levá-lo e matá-lo bem longe, numa floresta bem longe daqui.
 O caçador ficou com muita dó e disse:
 _ Fuja, fuja!
 Ele matou o coração de uma galinha.
 Depois a Branca de Neve encontrou uma casinha de sete anões.
 Depois veio a madrasta de Branca de Neve disfarçada de uma velhinha vendendo maçãs.
 Depois a madrasta de Branca de Neve falou:
 _ Quer uma maçã?
 Pois a Branca de Neve pegou.
 Depois ela mordeu um pedaço e... adormeceu.
 O beija-flor que viu tudo chamou os anões e os anões chamaram o príncipe.
 O príncipe deu um beijo nela e ela ficou felizes para sempre.*

* * * * *

51-Data: 24/05/04 – EMEI verde
 Menina com o livro – Branca de Neve

*Sua princesa tinha cabelo muito preto.
 Pele branca pareceno neve...lábios vermelho.
 Morava com sua madrasta.
 Um dia sua madrasta perguntô pro espelho:
 _ Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?
 O espelho falô assim:
 _ Você é mais bela!
 Um dia ela perguntô de novo:
 _ Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?
 Aí ele falô assim:
 _ A Branca de Neve é mais bela que você, é mais bonita!
 Mandô um caçador levar ela bem longe e matar...
 A rainha ficou com dó e mandou o caçador levar bem longe e matar.
 Mas não matô e falô assim:
 _ Fuja...bem longe, não volta nunca tá, senão ela vai querê te matar.
 Um dia seus amiguinho ajudô ela ir até na casa dos sete anões.
 Ela se aproximô e entrô.
 Tava muito cansada, juntou as caminha dos sete anões e dormiu.*

*Quando os sete anões chegaro do serviço, viu ela deitada na caminha.
 Aí os sete anões falô assim:
 _ Cuida bem da casa.
 Aí um dia veio sua madrasta e falô assim:
 _Branca de Neve...é pra Branca de Neve uma maçã.
 Quando ela...ela mordeu e adormeceu...
 E dormiu um sono profundo.
 Quando os sete anões chegaro do serviço, encontrô ela deitada no chão.
 Colocô um caixão de vidro no meio da floresta e lá choraro pensando que tinha morrido.
 Mas não morreu, tinha dormido um sono profundo.
 Passava por ali um príncipe, o príncipe que olhou pra cá e viu...
 Deu um beijo e ela acordou.
 Então o encanto se quebrou e ela adormeceu...
 E quando ela olhou pro príncipe eles se casaro e vivero felizes para sempre.*

* * * * *

52-Data: 24/05/04 – EMEI verde
 Menina com o livro – Cinderela

*Era uma vez uma moça que morava com sua madrasta.
 Ela lavava sempre a roupa suja da madrasta.
 Ela mandou:
 _ Cinderela, lave esta roupa suja!
 Ela lavou.
 Até que um dia chegou o carteiro e disse:
 _ O rei tá mandando uma carta para um baile no castelo.
 Como que ela não podia fazer o vestido, com ajuda dos seus amiguinhos ela fez.
 Suas duas irmãs rasgaram o vestido de Branca de Neve...Cinderela!
 Cinderela chorou no banco até que uma hora chegou uma fada e disse:
 _ Você quer ir ao baile?
 Ela disse:
 _ Quero!
 Cinderela disse:
 _ Como que eu vou ao baile, eu não tenho roupa?
 _ Você vai ao baile!
 Plim!
 _ Mas como que eu vou, eu não tenho sapatos?
 _ Espere eu vou arrumar um sapato para você.
 Plim!
 Ela disse:
 _ Fada, como que eu vou no castelo como que ele é tão longe?
 _ Espere.
 Transformou os ratinhos nos lindos cavalos e uma abóbora numa linda carruagem.*

*Cinderela...o príncipe dançou com Cinderela o tempo inteiro.
 Até que o relógio bateu a meia-noite.
 Cinderela correu e perdeu seu lindo sapatinho de cristal.
 O príncipe disse:
 _ Espere!
 Tinha um moço que passava sobre as casas esprementando o sapatinho de cristal em todas as moças.
 Não serviu em nenhuma delas, até que serviu em Cinderela.
 O príncipe esperou Branca de Neve...Cinderela no castelo...
 E o príncipe e a Cinderela se casaram e viveram felizes para sempre.*

* * * * *

53-Data: 25/05/04 – EMEI azul
 Menina com o livro – Cinderela

*Era uma vez uma moça que chamava Cinderela.
 A madrasta pediu para Cinderela lavar a roupa que estava chuja.
 Aí a madrasta falou que mais tarde era pra passar.
 Aí chegou um mensageiro carteiro.
 Ele entregou uma carta para a princesa de ir ao baile.
 Ela custurou o vestido que estava rasgado e custurou.
 Os passarinhos ajudou.
 As suas irmãs com inveja rasgaram o vestido dela e perceberam (disseram) que ela pegou o vestido delas duas.
 Aí logo depois apareceu a fada madrinha.
 A fada madrinha disse assim:
 _ Não chore, se você chorar...chorando você não pode ir ao baile.
 Assim Branca de Neve parou.
 Aí abóbora...aí os ratinho se transformô em cavalo.
 O cachorro se transformô...isso?
 (Apontando para a figura do cocheiro)
 Aí eles levaram Branca de Neve...eles levaram Cindelela para ir ao baile.
 Aí a fada madrinha transformô ela numa linda princesa.
 E transformô o vestido de ouro e o sapatinho também de ouro.
 Aí a sua pobre madrasta mandô Branca de Neve embora.
 E ela fugiu.
 E na escada, como que ela correu, perdeu um sapatinho.
 Aí o príncipe esprementô em todas as jovens.
 E o pé delas que era gordo...
 A última que não esprementô foi a princesinha.
 Aí o príncipe enfiô na princesinha... cabeu.
 E assim princesa mostrô aonde encontrô o sapatinho.
 Ela guardô o sapatinho que estava faltano.
 Aí Cinderela foi levada pro palácio.*

Assim o príncipe e ela se casaram e viveram muitos casamentos.

* * * * *

54-Data: 25/05/04 – EMEI azul
Menino com o livro – Cinderela

*Era uma vez uma linda moça que ela tinha uma madrasta.
E a roupa suja a madrasta dela mandou lavar todas as roupas e de tarde seja passada.
E o mensageiro foi na casa dela entregar o convite do baile.
Aí depois ela estava fazendo o vestido pra ela ir no baile.
E seus amiguinhos ajudaram.
Aí quando ela estava indo, a irmã dela rasgou o vestido dela.
Ela correu e sentou num banco.
(Olhando as figuras do livro)
Aí sua fada madrinha apareceu.
E transformou uma abóbora numa carroça e os patinhos num cavalo e o cachorro num
mensageiro...como chama isso daqui mesmo?
(Apontando para a figura do cocheiro)
Num mensageiro.
E transformou o vestido rasgado num lindo vestido de ouro e o sapatinho num sapatinho
de cristal.
Falou pra voltar a meia-noite.
Chegaram ao baile, dançaram com o príncipe.
E a madrasta nem reconheceu que era ela.
E saiu correndo, antes da meia-noite.
E aí provou em todas as mulheres do reino.
Aí a última princesa foi a Cinderela e cabeu no pé dela.
Ela mostrou o último parzinho do sapato.
Aí eles se casaram e viveram felizes para sempre.*

* * * * *

55-Data: 27/05/04 – EMEI azul
Menino com o livro – Cinderela

*Era uma vez uma moça que chamava Cinderela.
Ela queria ir ao baile e estava costurando a roupa dela.
Aí...é uma cartinha pra ela.
Aí depois chegou o coisinho e deu pra ela...correio.
Aí depois ela estava costurando a roupa...um monte de ratinho e passarinho.
Aí quando ela chegou do baile, quando ela chegou do baile, rasgou tudo a roupa dela a...a
bruxa.*

Aí depois veio a fada madrinha é...pegô o negócio dela, aí depois fez uma rôpa bem bonita, vistido dela.

Aí depois ela fez um tamanquinho pra ela...

Aí depois tava meia-noite... aí depois ela falô assim:

_ Dá meia-noite cê vai embora!

Aí depois ela correu, aí depois ela perdeu um tamanquinho de cristal.

Aí depois chegô o príncipe, chegô um príncipe, depois ela perdeu, saiu correno.

Aí o príncipe tava correno atrais dela, ela perdeu o sapatinho e depois...

A Branca de Neve queria achá o sapatinho dela.

Aí depois o príncipe achô, deu pra ela.

Ela vistiu.

Depois um hómi achô o sapatinho dela, de cristal.

Aí depois as duas tava veno. (Olhando o desenho do livro)

Aí depois ficararo felizes para sempre.

* * * * *

56-Data: 02/06/04 – EMEI azul

Menino com o livro – Cinderela

Uma moça bunitinha...a madrasta falô que ia no baile.

Aí depois ela mandô a Branca (risos)...Cinderela lavá tudo a rôpa.

Aí ela tava costurano a rôpa dela de ir ao baile.

(Olhando as figuras do livro)

Nossa!Tinha um monte de passarinho e tinha uns ratinho ajudante.

Aí as irmã dela rasgaro tudo o vestido.

Aí chegaro a fada madrinha e ela falô:

_ Não chore que você vai no baile!

Aí transformô o vestido dela num lindo vestido novo.

Aí eles deu um sapatinho de cristal pra ela.

E depois...tinha uma abóbra...

Aí ele mandô ela vim embora meia-noite.

Aí o príncipe só ficava dançano com ela.

Aí tocô o sinal meia-noite.

Ela correu e perdeu o sapatinho de cristal.

Aí o correio foi levá pra ela e as irmã dela ficaro tudo babano.

E depois se casaro e ficaro felizes para sempre.

* * * * *

57-Data: 04/06/04 – EMEI verde

Menino com o livro – Cinderela

Um senhor viúvo que tinha uma filha que muito amava.

*Casou-se outra vez com uma viúva que tinha duas filhas.
 Quando ele morreu sua filha ficou muito triste.
 A madrasta e as filhas invejavam a beleza e a bondade da moça.
 Ela passou a ser uma criada.
 E começaram a maltratá-la.
 Ela disse:
 _ Tem um baile e você não vai ao baile!
 Ela disse.
 As filhas da madrasta ficavam...
 Um dia o príncipe queria dar um baile e convidô todas as jovens do reino.
 As filhas da madrasta da Cinderela tavam um dia provano o vestido para o baile.
 Daí Cinderela queria ir ao baile só que não podia, não podia ir ao baile.
 Cinderela chorou em casa.
 De repente apareceu uma fada, disse:
 _ Não chore, você vai ao baile!
 Cinderela disse:
 _ Como?
 _ Eu vou fazer uma mágica!
 A Cinderela disse:
 _ Que lindo!
 O traje era maravilhoso.
 E transformô uma abóbora num coche...numa carruagem, o gato num cocheiro, o rato num cavalo.
 _ Mas Cinderela lembre-se: o encanto termina a meia-noite!
 Cinderela foi ao baile, baile.
 Quando entrou, o príncipe ficou encantado ca sua beleza.
 Quando o relógio deu sinal, bateu meia-noite, Cinderela ao correr, ao correr perdeu o sapatinho de cristal.
 O rei mandô prová o sapatinho em todas as moças do reino.
 Quando foi a vez da Cinderela serviu... surpresa serviu!
 Cinderela e o príncipe viveram felizes para sempre.*

* * * * *

58-Data: 07/06/04 – EMEI verde
 Menino sem o livro – Branca de Neve

*Um dia a Branca de Neve tava passeano e aí encontrô vários pássaros.
 Aí no dia seguinte, uma bruxa má transformô numa bela.
 Aí depois ela foi ser rainha do rei.
 Aí depois ela foi no espelho e falou:
 _ Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?
 _ Não majestade, não existe.
 Aí no dia seguinte ela veio e falou:
 _ Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?*

*_ Sim majestade, agora em diante vai ser Branca de Neve a mais bela de todas.
O caçador levô ela até a floresta, ele contô tudo a verdade.*

Falô assim:

*_ A rainha mandô eu cortá o seu coração, mas eu não vou fazê isso, fuja daqui, fuja!
Ela correu...abriu a casa dos anões.*

Logo depois ela conseguiu, acertou todos os nomes dos anões e aí, logo em diante, os anões foram trabalhar.

Aí ela encontrô uma vendedora de maçãs e a vendedora era a bruxa.

A bruxa ofereceu uma maçã pra ela.

Ela logo catou, deu uma mordida nela e adormeceu.

E ela se transformô de volta em uma bruxa má, aí ela falou:

_ Você agora vai ser a Bela Adormecida, por cem anos você vai dormir agora!

Aí o anão resolveu catar o caxão e colocar nele.

Logo chegano o príncipe, eles pararam e descansaram.

Aí eles foram, andaram um pouco, deu um passo pra frente.

Logo caíram, aí ela acordou e o príncipe:

_ Vamos todos pro meu castelo, todos!

Aí o Soneca falou assim:

_ Nós podemos ir todos!

Aí todos aceitaram e foram.

Aí o príncipe e a Branca de Neve viveram felizes para sempre.

* * * * *